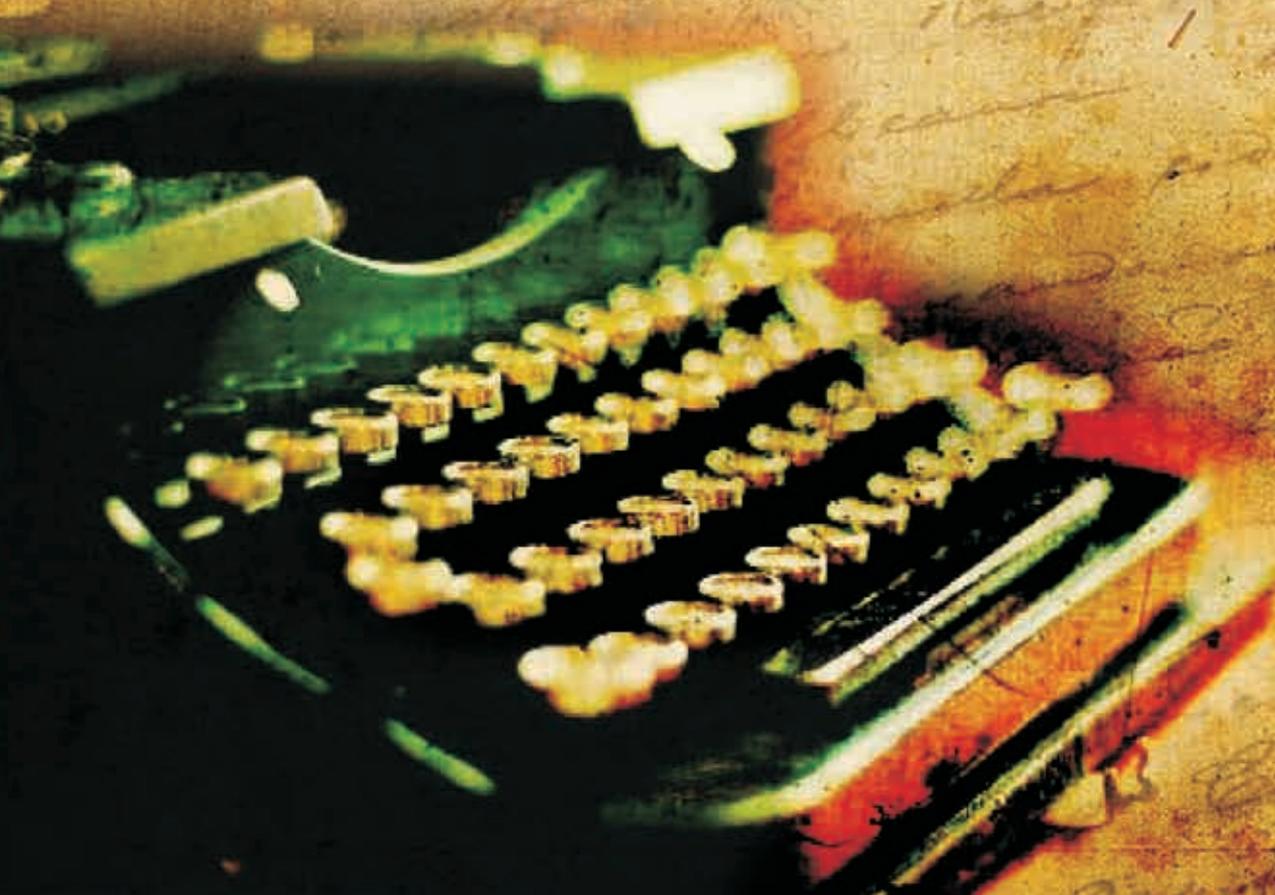




Cidade Sateelite



Natal/2010



CUIDANDO DA CIDADE, CUIDANDO DA GENTE.

ORGANIZADORES	Carmen Margarida Oliveira Alveal Henrique Alonso de Albuquerque Pereira Luciano Fábio Dantas Capistrano
EQUIPE DO PROJETO “MEMÓRIA MINHA COMUNIDADE”	Andréa Paula Ferreira de Souza Garcia (Chefe do SPH – Setor de Patrimônio Histórico)
	Carmen Margarida Oliveira Alveal (Professora Dra. do Departamento de História – UFRN)
	Henrique Alonso de Albuquerque Pereira (Professor Dr. Departamento de História – UFRN)
	Luciano Fábio Dantas Capistrano (Chefe do SDDI – Setor de Documentação e Disseminação de Informações)
	Gabriela Fernandes de Siqueira (Estagiária – SEMURB)
	Márcia Gabrielle Lima de Sena (Estagiária – SEMURB)
	Thaiany Soares Silva (Estagiária – SEMURB)
	Thiago Gladys dos Santos (Estagiário – SEMURB)
COLABORADORES	João Galvão Josemi Medeiros da Cunha Luanda Jucyelle de Oliveira Victor Hugo Dias Diógenes
FOTOGRAFIAS	Bruno Albuquerque Luanda Jucyelle de Oliveira Mariana Azevêdo Thaiany Soares Silva Thiago Gladys dos Santos
CAPA E CONTRA-CAPA	Arthur Felipe Simplício de Moraes
LAY-OUT E DIAGRAMAÇÃO	Victor Hugo Dias Diógenes

PREFEITURA MUNICIPAL DO NATAL

MICARLA DE SOUSA

PREFEITA

PAULO EDUARDO DA COSTA FREIRE

VICE-PREFEITO

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO

OLEGÁRIO PASSOS

SECRETÁRIO

CARLOS EDUARDO PEREIRA DA HORA

SECRETÁRIO ADJUNTO DE INFORMAÇÃO, PLANEJAMENTO
URBANÍSTICO E AMBIENTAL

DANIEL NICOLAU DE VASCONCELOS PINHEIRO

SECRETÁRIO ADJUNTO DE FISCALIZAÇÃO E LICENCIAMENTO

ARIOSTO DOS REIS COSTA

SECRETÁRIO ADJUNTO DE GESTÃO AMBIENTAL

FERNANDO ANTÔNIO CARNEIRO DE MEDEIROS

DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA



CUIDANDO DA CIDADE. CUIDANDO DA GENTE.

“Nossa missão é servir com excelência, ética e eficiência, contando com servidores competentes e valorizados, primando todos pelo respeito ao cidadão e ao meio ambiente, contribuindo para fazer de Natal uma cidade cada vez mais humana, socialmente mais justa, solidária e sustentável, com a melhor qualidade de vida para toda a população”.

Normalização Bibliográfica:

Adriana Alves da Silva Alves Dias

Jose Targino Lopes

Samya Maria Queiroz Maia

Catlogação na fonte. Processos Técnicos do Setor de Documentação e Disseminação de Informações.

N271n Natal(RN). Prefeitura Municipal do Natal. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Memória minha comunidade: Cidade Satélite / Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. – Natal: SEMURB, 2010.
200p. : il. ; 25x25 cm.

1. Aspectos históricos - Conjunto Cidade Satélite - Natal(RN). 2. Memória - Cidade Satélite - Natal(RN). 3.Aspectos urbanísticos - Cidade Satélite - Natal (RN). I. Título.

CDD 981.3

Por uma Cidade da Gente



Ao assumir a administração do executivo municipal, uma das primeiras medidas adotadas por mim foi elaborar um programa administrativo com a seguinte missão: "...fazer de Natal uma cidade cada vez mais humana, socialmente mais justa, solidária e sustentável, com a melhor qualidade de vida para toda a população".

Pensar a cidade é cuidar de sua gente, melhorar a educação, saúde, enfim, proporcionar aos moradores de todas as regiões de Natal serviços públicos de qualidade. Nesta perspectiva, após 18 anos de espera, implantamos o Plano de Cargos e Salários dos Servidores Municipais, medida que beneficiará a todos, pois, o servidor valorizado representa o cidadão melhor atendido.

A busca por uma cidade sustentável, então, é o foco de nossa administração. Como construir uma cidade verdadeiramente da gente? Acredito que, além das ações já citadas, possibilitar às cidadãs e cidadãos natalenses o conhecimento da história de suas comunidades é oportunizar a todas e todos o direito de participar da construção da **Natal Cidade da Gente**.

Memória minha comunidade: Cidade Satélite, publicação fruto do **Projeto Memória Minha Comunidade**, tem o objetivo de preservar a memória dos moradores do conjunto Cidade Satélite, construir a identidade de seus habitantes, e, deste modo, contribuir para o fortalecimento do sentimento de pertença da comunidade.

O Conjunto Cidade Satélite é a primeira etapa deste Projeto, que se propõe a despertar, nos diversos segmentos sociais, o interesse pela preservação e construção histórica.

Ao morador do Conjunto Cidade Satélite e a todo habitante de Natal, desejo uma prazerosa viagem por parágrafos e letras desta deliciosa: **Memória minha comunidade: Cidade Satélite**.

Natal, maio de 2010

Micarla de Sousa

Prefeita do Natal

Memória: um direito de todos

Construir uma cidade democrática, onde os moradores de todas as regiões tenham acesso às informações do seu município: esta é nossa meta. A transparência das ações do executivo é a marca da atual administração. É nesse sentido que a Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo (SEMURB) vem pautando sua atuação. Com uma linguagem abrangente, as publicações da SEMURB são testemunhos claros de nossa opção pela disseminação dos dados referentes ao município de Natal. O pesquisador da universidade ou o cidadão comum pode conhecer melhor sua cidade Natal através de nossas publicações.

É nesta perspectiva, que surgiu a idéia do Projeto Memória Minha Comunidade. Um projeto com o objetivo de contribuir com a preservação da história da evolução urbana de Natal a partir das comunidades. A memória é um elemento fundamental na construção da identidade do ser social. Preservar valores e aspectos culturais é assegurar às gerações futuras o direito de perceber-se enquanto resultado dos antepassados.

O Conjunto Cidade Satélite foi escolhido para a primeira ação deste projeto. Uma comunidade inserida numa área de preservação ambiental, erguida entre o rio Pitimbu e o San Vale, fonte importante para o aquífero de Natal. Uma comunidade com tradição na luta pela preservação ambiental. Estes fatores fizeram da Cidade Satélite o primeiro passo do Projeto Memória Minha Comunidade.

À frente da SEMURB fico feliz em implementar este projeto, desejando a todas e todos moradores da comunidade Cidade Satélite e de toda a Natal, uma boa leitura desta publicação inaugural do Projeto Memória Minha Comunidade.

No encontro com o passado, refletimos sobre nossas ações no presente, construtores do mundo vindouro.

Natal, maio de 2010

Olegário Passos

Secretário Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo



Projeto Memória Minha Comunidade: Uma construção histórica



A cidade é um ser vivo formado por encontros e desencontros dos diversos grupos sociais. Sua construção resulta da luta acirrada de diversos setores. Na cidade, não há espaço para a neutralidade. Estudar a evolução urbana é vivenciar estes confrontos do fazer cotidiano.

A memória reveste-se de um caráter de identidade formadora do ser cidadão. Deste modo, sua preservação é importante, enquanto elo do tempo presente com o passado. Preservar o passado significa construir a história; fazer o cotidiano, vivido pelos antepassados; ser compreendido pela geração presente.

A cidade, então, é a grande fonte de informações históricas. Andar por ruas e vielas, por entre casa e espigões, diz muito da evolução urbana, da intervenção do ser humano na paisagem natural e cultural. Como nos alerta o professor Lemos (2006, p.46), "A Cidade tem que ser encarada como um artefato, como um bem cultural qualquer de um povo. Mas um artefato que pulsa, que vive, que permanentemente se transforma, [...]".

A urbe deve ser entendida como algo em constante transformação, um processo evolutivo que deixa vestígios materiais e imateriais, conjuntos pertencentes ao Patrimônio Histórico de um povo, de uma comunidade. Desse modo, o olhar da história se reveste de guardião das marcas reveladas ao longo da construção do passado.

Ao pensar o Projeto Memória Minha Comunidade, objetivamos construir a história da evolução urbana de Natal. O projeto desenvolve-se em alguns pressupostos teóricos, a partir da história oral; da pesquisa documental em arquivos públicos e particulares; e do levantamento bibliográfico. Este último consiste em verificar as produções acadêmicas, ou não, referentes ao tema estudado.

Iniciado em julho de 2009, o Projeto Memória Minha Comunidade, instituído pela SEMURB, com os consultores voluntários, professora Carmen Alveal e professor Henrique Alonso, do Departamento de História da UFRN, responsáveis pela orientação metodológica das pesquisas históricas desenvolvidas, está sediado no Setor do Patrimônio Histórico (SPH-SEMURB), chefiado por Andréa Garcia, responsável pelo suporte logístico do Projeto. A presente publicação, em conjunto com o Portal da Memória, é o ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa histórica de todas as regiões administrativas de Natal.

Façamos como nos ensinou, em uma de suas actas diurnas, o Mestre Câmara Cascudo: "Errariam menos os homens se lessem mais a história". Uma boa leitura desta "Memória Minha Comunidade: Cidade Satélite".

Natal, maio de 2010

Luciano Capistrano

Coordenador do Projeto Memória Minha Comunidade/SEMURB

Sumário

11	<i>Nossas experiências no Projeto "Memória Minha comunidade"</i>	
19	<i>Memória e Oralidade: O conjunto Cidade Satélite por meio das memórias de seus moradores</i>	
27	<i>As origens e desenvolvimento da Comunidade: Cidade Satélite</i>	
39	<i>Discursos sobre relações entre os moradores do Conjunto Cidade Satélite</i>	
53	<i>O prolongamento da Prudente de Moraes com base nas narrativas dos moradores do conjunto Cidade Satélite</i>	
61	<i>Caos habitacional: o abandono de moradias no Satélite</i>	
67	<i>Um conjunto rotulado: "Cidade Satélite, a cidade dormitório"</i>	
75	<i>Católicos e Evangélicos em Cidade Satélite: um crescimento paralelo</i>	
87	<i>Patrimônio Ambiental do conjunto Cidade Satélite: essencial para a qualidade de vida de toda cidade do Natal</i>	
97	<i>"O Eu e o Outro": relações entre o conjunto Cidade Satélite e outras comunidades da cidade</i>	
	<i>História e Jornalismo: Cidade Satélite na perspectiva dos informativos comunitários</i>	107
	<i>Forró, gincanas e rock and roll: diversão e manifestação cultural no conjunto Cidade Satélite</i>	123
	<i>A questão ambiental na percepção dos moradores do conjunto Cidade Satélite</i>	139
	<i>Serras, pássaros, rios e árvores: Cidade Satélite em etapas</i>	157
	<i>A favela Cidade do Sol</i>	165
	<i>A fotografia como fonte histórica: O caso Cidade Satélite</i>	171
	<i>Vozes da Comunidade</i>	181
	<i>Referências</i>	189
	<i>Anexos</i>	196







Nossas experiências no Projeto “Memória Minha Comunidade”

Gabriela Fernandes
Márcia Sena
Thaiany Soares
Thiago Gladys

“Nossas experiências no Projeto “Memória Minha Comunidade”

Resguardar a memória das comunidades com base no relato de seus moradores: este é um dos objetivos principais do projeto Memória minha comunidade. Para tanto, foi desenvolvida pesquisa em arquivos públicos e privados, coleta de depoimentos, fotos e documentos cedidos pelos moradores de Cidade Satélite.

O desenvolvimento do projeto aconteceu de acordo com o cronograma proposto, o qual está sendo processado em três etapas: o projeto piloto em Cidade Satélite, localizado no Bairro Pitimbu; a avaliação e análise dessa primeira etapa; e a continuação do projeto em outras comunidades de Natal.

O projeto, ao ser concebido, pretendeu possibilitar o desenvolvimento de atitudes e posturas cidadãs, já que ao conhecer o passado de sua comunidade e refletir sobre ele, o comunitário passaria a adquirir, cada vez mais, um sentimento de pertença.

Inicialmente foi possível perceber que havia certa escassez de informações referentes ao Conjunto Cidade Satélite. De certa forma, era necessário traçar uma série de metas, objetivos e linhas de pesquisa a fim de que se pudesse observar o que seria coletado, conhecer o histórico do Conjunto e, ainda, organizar previamente por onde começar. A realização de entrevistas de história oral foi de fundamental importância para o desenvolvimento do projeto “Memória minha comunidade”, uma vez que a carência de fontes sobre a temática Cidade Satélite impossibilitava entrar em contato com as vivências, problemas e outros assuntos presentes no Conjunto.

No âmbito da pesquisa informacional, os catálogos de algumas instituições foram consultados a fim de que se destacassem monografias referentes ao Conjunto e, a partir disso, foi elaborado um catálogo de referência para o projeto, para assim voltar às instituições e fotografar os documentos para fazer os fichamentos. Dentre as instituições, podemos destacar: a Biblioteca da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (SEMURB); o Arquivo Público Estadual do Rio Grande do Norte; a Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e a Biblioteca Setorial de Arquitetura e Urbanismo, ambas da



“O projeto pretendeu, ao ser concebido, possibilitar o desenvolvimento de atitudes e posturas cidadãs.”

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e o Instituto de Defesa do Meio Ambiente (IDEMA). Os catálogos das instituições de ensino foram consultados, algumas monografias que possuíam informações relevantes foram destacadas.

Após essa identificação, o material foi consultado para elaboração de um catálogo de referência. Com esse catálogo em mãos foi possível voltar às instituições, fotografar os documentos para, por fim, fazer fichamentos de todos esses materiais encontrados. Esses fichamentos foram base para a elaboração do produto final, ou melhor, para as publicações.

No IDEMA, foram fotografados e fichados dois Relatórios de Estudo de Impacto Ambiental: um sobre esgotamento sanitário em Natal e o outro sobre a estrada referente ao prolongamento da Avenida Prudente de Moraes. Na SEMURB, a pesquisa pairou em torno dos planos diretores de Natal de 1974 e 1984, e da Legislação e Histórico do Planejamento Urbano de Natal.

Na Biblioteca Setorial do CCHLA da UFRN foram encontradas algumas monografias que se referem à história do conjunto, todas foram fotografadas e posteriormente fichadas. Na Biblioteca Setorial de Arquitetura e Urbanismo, também da UFRN, foram encontradas monografias e teses de mestrado de alunos do curso relatando aspectos importantes da localidade.

Na visita ao Arquivo Público Estadual, foram extraídos alguns trechos de reportagens nos jornais Diário de Natal (O Poti),

Tribuna do Norte e A República, todos com assuntos referentes à Cidade Satélite, que foram digitados na íntegra. Os jornais encontrados haviam sido destacados a priori, numa primeira ida ao Arquivo, e num segundo momento foram fotografados.

Após a realização das entrevistas de história oral temática, alguns materiais foram doados para utilização no projeto, dentre eles 19 edições do periódico comunitário



“JUC'S” e 17 do informativo “Consenso Comunitário”. Cedidos gentilmente por um entrevistado para digitalização e fotocópia, esses jornais tiveram as matérias relacionadas ao conjunto Cidade Satélite fichadas.

Da realização das entrevistas, pode ser destacado o fato de que a experiência com a produção direta de fontes foi permitida. Foram entrevistadas pessoas da própria comunidade, habitantes que foram morar em Satélite quando do início de sua fundação, outros que chegaram posteriormente e jovens que nasceram no Conjunto. Seguiu-se a metodologia da história oral em suas etapas fundamentais: pré-entrevista; entrevista e pós-entrevista. A pré-entrevista compreendeu todo o momento de preparação, momento em que foram lidas as fontes que existiam sobre o Conjunto e que foram adquiridas no período da pesquisa informacional, teve-se acesso a

dados estatísticos e outros dados presentes nos arquivos da própria SEMURB. A pré-entrevista também estava presente em cada contato inicial realizado e na preparação dos roteiros para posteriores entrevistas. A etapa da entrevista ocorria no momento em que de fato a entrevista com os depoentes era realizada, apreendendo o máximo de informações possíveis. A pós-entrevista foi, sem dúvida, o momento mais trabalhoso de todo o processo. Foi quando o processo de transcrição e edição era realizado, tentando deixar as entrevistas fiéis o máximo possível.

Foi um processo intenso, iniciado em julho e concluído em outubro, três meses de realização de entrevistas. Existiram alguns obstáculos no caminho. Muitas vezes entrevistas já marcadas não ocorreram no dia determinado porque o depoente estava ocupado, ou viajaria, tiraria férias, entre outros empecilhos. Mas, mesmo assim, outras datas de entrevista eram marcadas e tudo acabou por transcorrer tranquilamente. Ocorreram empecilhos, mas também existiram muitos episódios gratificantes. A maioria dos entrevistados recebia os entrevistadores com entusiasmo, mostravam-se orgulhosos por falar de sua família, sua casa, seu Conjunto e sua cidade. Esse entusiasmo foi uma característica que predominou entre os entrevistados. Recebiam os pesquisadores em suas casas e em seus locais de trabalhos com sorrisos e simpatia. Alguns ofereciam lanches, mostravam fotos e, em um determinado



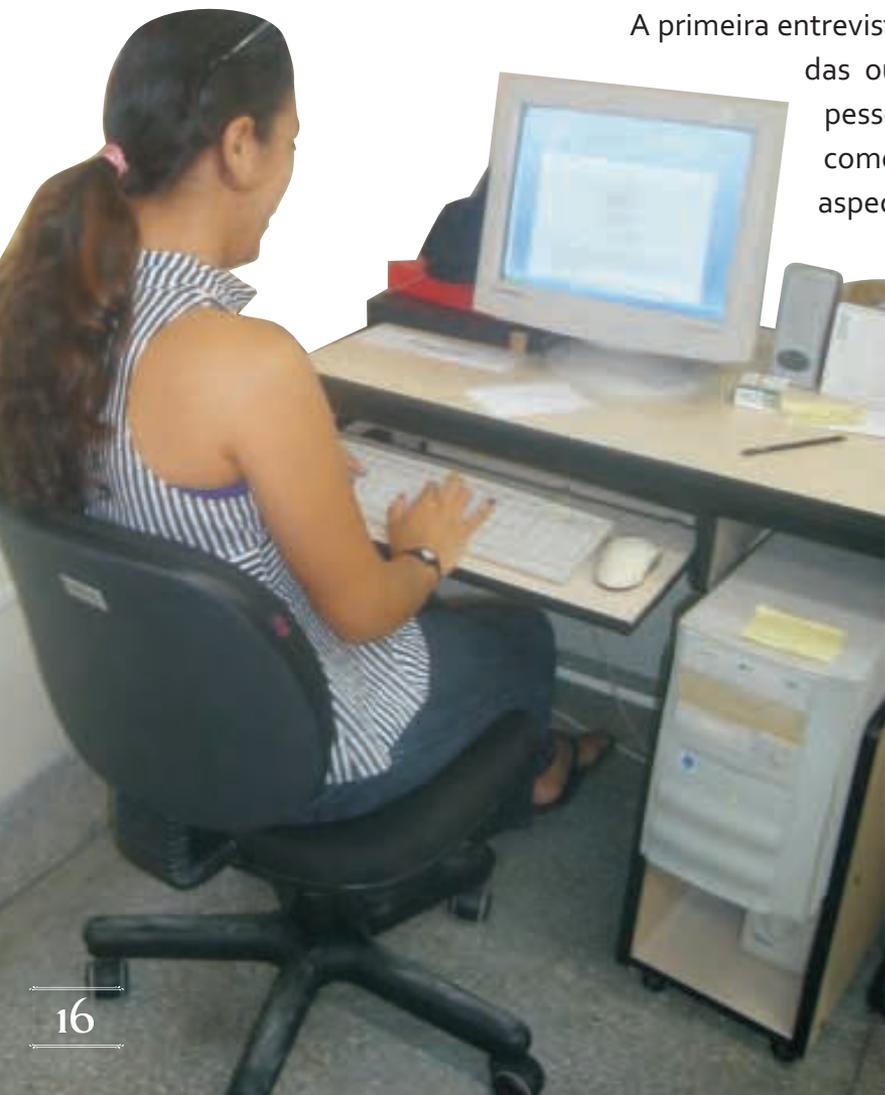
“A maioria dos entrevistados recebia os entrevistadores com entusiasmo, mostravam-se orgulhosos por falar de sua família, sua casa, seu Conjunto e sua cidade”

contato, conseguiram-se todos os exemplares do JUC'S e do Consenso Comunitário, informativos que circularam durante muito tempo no Conjunto Cidade Satélite. Foi inevitável perceber como as entrevistas eram bastante gratificantes e como mostravam aspectos variados.

Durante a realização das entrevistas muitos depoentes teceram opiniões diferentes sobre assuntos semelhantes. Os depoentes eram questionados sobre aspectos de sua vida pessoal, sua infância, para, posteriormente, entrar-se no assunto temático: Conjunto Cidade Satélite. As perguntas que marcaram todas as entrevistas foram em torno da ida do depoente ao Conjunto, relações entre as comunidades, associações comunitárias existentes, movimentos em prol do Conjunto, formas de comunicação, prolongamento da Prudente de Moraes, entre outros. Além desses assuntos em comum, também eram realizadas perguntas específicas, frutos do contato inicial. A conversa inicial serviu para isso, para conhecer o depoente e saber quais os assuntos que ele estaria mais propício a narrar, em que ele possuía mais vivência.

A primeira entrevista foi realizada com Kalazans Louzá e foi crucial para a realização das outras. Kalazans forneceu uma lista com contatos de possíveis pessoas para a realização de entrevistas. Pessoas que representavam o comércio, o esporte, as lutas em prol do Conjunto, entre outros aspectos. De fato, foram realizadas entrevistas com muitas dessas pessoas, mas durante o projeto percebeu-se a necessidade de entrevistar pessoas comuns, que embora não tendo participado de movimentos, de lutas pelo Conjunto, nem mesmo conhecessem essas lutas, poderiam narrar um pouco dessa vivência, um pouco dos problemas que havia no Conjunto e sobre outros aspectos que talvez essas pessoas indicadas jamais pudessem narrar. A preocupação era entrevistar pessoas diferentes, com vivências heterogêneas, para que se pudesse ter várias temáticas sobre o Conjunto e pensar como gerações diferentes percebem o Conjunto.

Assim, durante a realização desse processo, a lista de contatos foi modificada. Muitas entrevistas tiveram aspectos marcantes. Cada momento, cada encontro com o depoente revelava um novo aspecto. Durante a entrevista com Joaquim Mesquita, representante do Superbox, percebeu-se que ele tentava passar para os entrevistadores o intenso contato que



possuía com os seus clientes. Mostrava-se orgulhoso ao afirmar que conhecia todos os seus clientes pelo nome. No decorrer da entrevista, ele respondia os questionamentos sempre tratando os pesquisadores pelo primeiro nome. Demonstrava, pois, que esse comportamento, essa aproximação de relações que tinha com seus clientes, também ocorria em sua vida pessoal, comportamento que fazia parte de sua personalidade.

As diversas entrevistas foram revelando os mais variados aspectos. Depoentes que se emocionaram ao lembrar aspectos que faziam referência com o seu passado. Walker Costa chegou a apresentar os olhos cheios de lágrimas ao falar sobre as gincanas que aconteceram durante muitos anos no Conjunto Cidade Satélite. O depoente oscilava de uma forma emocionante entre a alegria de narrar as provas das gincanas, os feitos das equipes e ao mesmo tempo estava impregnado de nostalgia daquele período em que conseguiram mobilizar a juventude do Conjunto. Gincanas que não ocorrem mais, mas que, para o depoente, deixou saudades e hoje resume-se a lembranças, fotos e uma comunidade no Orkut.

Outro aspecto que também foi muito importante e talvez o mais engraçado de todo o processo, foi à realização da entrevista com Breno Barreto Maciel. Os entrevistadores chegaram a esse depoente de uma maneira muito casual. É certo que em um projeto como esse não se tem o controle sobre quem serão os entrevistados. Ocorreram várias reuniões com a equipe do projeto, para tentar elencar os contatos que deveriam ser realizados, mas, como todo projeto de história oral e como qualquer projeto de história em si, não existe domínio sobre todo o processo e os nomes de possíveis entrevistados poderiam surgir de acordo com as entrevistas realizadas. E foi o que ocorreu. A cada entrevista, certos depoentes remetiam-se a outros nomes, indicavam pessoas que acreditavam ser fundamentais para uma conversa. Tanto é que, em algumas entrevistas, os depoentes levaram outras pessoas que acreditavam ter muito o que falar sobre Cidade Satélite. Tal comportamento revela ainda mais essa idéia de que os entrevistados estavam felizes e dispostos a auxiliar o máximo que podiam. Voltando à entrevista com Breno Barreto, eis mais um desses imprevistos. Os entrevistadores estavam esperando o pai desse depoente, o senhor Maciel Barreto, para realizarem o contato inicial com ele. Era uma pessoa que foi morar no Conjunto desde sua formação. Assim, como Maciel estava em um compromisso, seu filho Breno começou a conversar com os pesquisadores enquanto esses aguardavam.

A conversa com Breno Barreto foi muito interessante. Ele começou a revelar assuntos que nenhum outro depoente tinha mencionado. O depoente narrava com alegria, com um jeito próprio que arrancou muitas gargalhadas dos entrevistadores. Breno tecia uma narrativa marcada por brincadeiras no Conjunto, por brigas e uma série de relações entre os jovens desse Conjunto e a relação desses com outras comunidades e bairros de Natal. Breno possui um

“A cada entrevista certos depoentes remetiam-se a outros nomes, indicavam pessoas que acreditavam ser fundamentais para uma conversa”

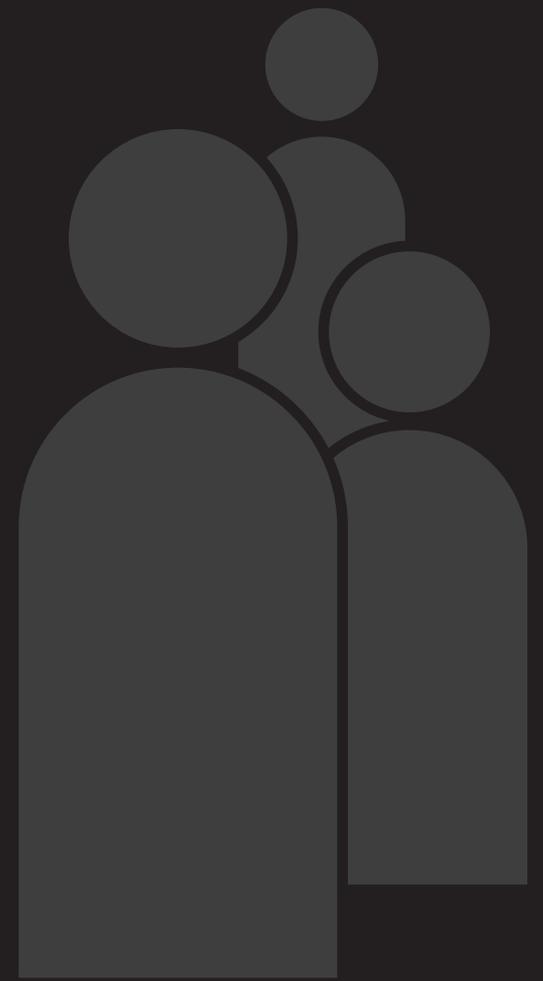
“Os pesquisadores estavam em busca de versões, analisando as entrevistas não apenas como portadoras de informação, mas sim como expressões de práticas sociais por meio das quais os sujeitos se constituem historicamente.”

irmão gêmeo e durante a entrevista seu irmão apareceu e também continuou a narrar fatos do Conjunto. Foi um momento muito interessante.

Todas as entrevistas foram importantes em si. Cada entrevistado possui um jeito específico de portar-se. Existem os mais tímidos, os mais frios, os mais atarefados. A entrevista com Aquino Neto, por exemplo, ocorreu na Câmara Municipal, em um espaço em que passavam pessoas constantemente. Ocorreram entrevistas em escolas, na casa paroquial e em outros locais, mas a maioria foi realizada em residências dos depoentes. Um dos aspectos mais interessantes desse trabalho é justamente o contato direto que se estabelece com aqueles que se transformarão em objetos de futuras análises. É difícil não classificar, não julgar. Muitas vezes os entrevistadores percebiam exageros nos depoimentos, ou existiam dados que eram confrontantes. Um depoente falava que a gincana tinha acabado por um acidente que houve, outro porque não havia patrocinadores, outros ainda desvinculavam o acidente da gincana. Várias divergências surgiam em relação aos mais variados assuntos. Mas não era papel dos pesquisadores serem “juizes da história”. Quanto mais visões existissem sobre um determinado assunto, melhor. Os pesquisadores estavam em busca de versões, analisando as entrevistas não apenas como portadoras de informação, mas sim como expressões de práticas sociais por meio das quais os sujeitos se constituem historicamente.

Assim, o trabalho de realização de entrevistas com moradores do Conjunto Cidade Satélite era desenvolvido. Pelo tempo de pesquisa e coleta de dados não seria possível fazer uma gama extensa de entrevistas. Foram realizadas treze entrevistas, transcritas e editadas, e tem-se um material razoável que será capaz de fornecer muita informação para as posteriores análises. Através delas, e do próprio cruzamento entre essas entrevistas e os fichamentos de outros documentos, pode-se traçar uma história da comunidade do Conjunto Cidade Satélite, na verdade não apenas uma única história, pois entre memórias e discursos existe a possibilidade de diversas histórias do Conjunto Cidade Satélite.

Foram produzidos artigos temáticos tendo como base as entrevistas com os moradores e ex-moradores do conjunto e os documentos coletados durante a fase inicial do projeto. Esses artigos compõem a publicação do Projeto “Memória: Minha Comunidade”.



*Memória e Oralidade: o
conjunto Cidade Satélite por
meio das memórias de seus
moradores*

Gabriela Fernandes

“Memória e Oralidade: o conjunto Cidade Satélite por meio das memórias de seus moradores”

Atualmente, encontrar bibliografia que verse sobre os bairros e conjuntos de Natal é bastante difícil, sobretudo se a comunidade for recente. Essa dificuldade, bem como o desejo de preservar as histórias das comunidades de Natal, impulsionou a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (SEMURB) a fazer um convênio com o Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte para desenvolver o projeto intitulado “Memória: minha comunidade”. O projeto visa a contribuir para a preservação da história da evolução urbana de Natal. A comunidade escolhida como projeto piloto foi o Conjunto Cidade Satélite.

O Conjunto Cidade Satélite foi escolhido como primeiro objeto de estudo para o projeto em virtude de sua ampla ligação com as questões ambientais, por ser um Conjunto que possui muitas dunas, áreas verdes e ter forte ligação com o rio Pitimbu. Sendo a SEMURB uma secretaria preocupada com a questão do meio ambiente e dos processos de urbanização, nada mais propício começar o projeto com um Conjunto tão envolvido com tais temáticas.

Diante das dificuldades de encontrar bibliografia que se referisse à comunidade do Conjunto Cidade Satélite, compartilhando ainda a noção de que os indivíduos estão continuamente colocando para si questões relacionadas ao local onde moram, possuindo senso aguçado de herança e concebendo a memória como representação seletiva do passado, que nunca é somente a representação do indivíduo apenas, mas sim de um sujeito inserido em um contexto familiar, social, nacional (LE GOFF, 1994), optou-se por utilizar a metodologia da história oral nesse trabalho, visando a resgatar diferentes memórias com base em entrevistas. A realização de entrevistas possibilitou entrar em contato com a produção direta de fontes. Foram entrevistadas pessoas da própria comunidade, habitantes que foram morar em Satélite quando do início de sua fundação, outros que chegaram posteriormente e jovens que nasceram no Conjunto. Seguiu-se a metodologia da história oral em suas etapas fundamentais: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista.

Compartilhou-se a noção de que história oral é uma metodologia fundamental para o

estudo de acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos e conjunturas à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam (MEIHY, 1998). Tal método de aproximação do objeto de estudo não é recente; Heródoto e Tucídides usaram relatos e depoimentos na construção de suas narrativas e desde a Idade Média o recurso de relatos e depoimentos era frequente. No século XIX, com o predomínio do positivismo, ocorreu a sacralização do documento escrito, relegando a segundo plano a prática de colher depoimentos, pois considerava-se que estes não possuiriam valor de prova porque eram carregados de subjetividade, estando sujeitos a falhas de memórias. Somente na segunda metade do século XX é que a história oral apresentou-se como potencial de estudo dos acontecimentos e conjunturas sociais.

A história oral percebe o passado como tendo continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado.

Com a história oral, tenta-se ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado por meio do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; procurar compreender a sociedade com base no indivíduo que nela viveu; estabelecer relações entre o geral e o particular por meio da análise comparativa de diferentes testemunhos, e tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações. A história oral percebe o passado como tendo continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado.

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e sentir-se parte do contexto em que vivem (MEIHY, 1998, p.13).

O trabalho de realização desse projeto foi feito em três momentos: a pré-entrevista compreendeu todo o momento de preparação, momento de leitura das poucas fontes que havia sobre o Conjunto, acesso a dados estatísticos e outros dados presentes nos arquivos da própria SEMURB. A pré-entrevista também estava presente em cada contato inicial que foi realizado e na preparação dos roteiros para posteriores entrevistas. A etapa da entrevista ocorria no momento em que, de fato, as entrevistas com os depoentes eram realizadas, apreendendo o máximo de informações. A pós-entrevista, sem dúvida, configura-se no momento mais trabalhoso de todo o processo. Nessa etapa, as entrevistas eram transcritas e

editadas, preparando-as para análises posteriores.

A maioria dos entrevistados mostrava-se orgulhosa por falar de sua família, sua casa, seu Conjunto e sua cidade. Esse entusiasmo foi uma característica que predominou entre os depoentes. Os entrevistadores eram recebidos nas casas dos moradores e em seus locais de trabalhos com sorrisos e simpatia. Alguns ofereciam lanches, mostravam fotos e, em um determinado contato, conseguiram-se todos os exemplares do JUC'S (periódico informativo elaborado pelo grupo Juventude Unida e Consciente da Cidade Satélite, no período de 1989-1992) e do Consenso Comunitário, periódicos informativos que circularam em torno de quatro anos no Conjunto Cidade Satélite.

Durante a realização das entrevistas, muitos depoentes teceram opiniões diferentes sobre assuntos semelhantes. Os depoentes foram questionados sobre aspectos de sua vida pessoal, sua infância, para, posteriormente, entrar no assunto objeto de estudo desse projeto: a vida cotidiana no Conjunto Cidade Satélite. As perguntas que marcaram todas as entrevistas foram em torno da mudança dos depoentes para o Conjunto, as relações entre as comunidades, associações comunitárias existentes, movimentos em prol do Conjunto, formas de comunicação, prolongamento da Avenida Prudente de Moraes, entre outros. Além desses assuntos em comum, também foram realizadas perguntas específicas, frutos do contato inicial.

A primeira entrevista foi realizada com Kalazans Louzá, ex-Secretário da SEMURB, atual Secretário do Gabinete Civil Municipal e antigo morador do Conjunto Cidade Satélite, e



Os entrevistadores eram recebidos nas casas dos moradores e em seus locais de trabalhos com sorrisos e simpatia.

revelou-se crucial para a realização das outras. Kalazans forneceu uma lista com contatos de possíveis pessoas para a realização de entrevistas. Indivíduos que representavam o comércio, o esporte, as lutas em prol do Conjunto, entre outros aspectos. De fato, foram realizadas entrevistas com muitas dessas pessoas, mas durante o projeto percebeu-se a necessidade de entrevistar pessoas “comuns”, que não estavam relacionadas diretamente com nenhuma dessas atividades, mas que, por sua vivência no cotidiano da comunidade, também puderam fornecer informações relevantes. Essas pessoas, embora não tendo participado de movimentos, de lutas pelo Conjunto, nem mesmo conhecessem essas lutas, poderiam narrar um pouco de suas vivências, um pouco dos problemas que havia no Conjunto e sobre outros aspectos que talvez as pessoas indicadas jamais pudessem narrar ou não tivessem o mesmo olhar.



A preocupação dos integrantes do projeto era entrevistar pessoas diferentes, com vivências heterogêneas, para que se pudesse dar voz ao maior número possível de visões sobre o Conjunto, fornecendo subsídios para pensar como gerações e indivíduos diferentes percebiam aquela comunidade. Além disso, visou-se prestigiar “o sujeito – qualquer sujeito, tão significativo quanto outro, dentro de seu grupo, como agente histórico. Em nenhuma comunidade de destino há indivíduos mais importantes ou emblemáticos que outros.”

(SANTOS, 1996, p.21-22)

As entrevistas foram percebidas não apenas como portadoras de informação, mas sim como expressões de práticas sociais por meio das quais os sujeitos se constituem historicamente. O projeto produziu treze entrevistas transcritas e editadas que foram as bases para a produção de análises sobre o Conjunto presentes nesta publicação. Nessas entrevistas, e do próprio cruzamento entre essas entrevistas e os fichamentos de outros documentos, pôde-se traçar uma história da comunidade do Conjunto Cidade Satélite. Na verdade, não apenas uma única história, pois entre memórias e discursos existe a possibilidade de diversas histórias do Conjunto Cidade Satélite. É importante frisar que a questão subjetividade não é um impasse para a realização de análises baseadas nos depoimentos orais, uma vez que a própria subjetividade é objeto de estudo em história oral.

A preocupação dos integrantes do projeto era entrevistar pessoas diferentes, com vivências heterogêneas, para que se pudesse dar voz ao maior número possível de visões sobre o Conjunto.

Ainda que contribua com dados factuais retidos, a memória pode escolher, distorcer, esquecer. Manipula consciente e inconscientemente. Falha e fantasia. Sensações, medos, ansiedades, impulsos. Para a História Oral, nada disso é desvirtuamento, mas questão. (SANTHIAGO, 2008, p.38)

Dessa maneira, os artigos produzidos a partir das entrevistas realizadas versarão sobre como a relação entre indivíduos da comunidade do Conjunto Cidade Satélite pode ser percebida por meio dos discursos de seus moradores; como os moradores perceberam os impactos causados pelo prolongamento da Avenida Prudente de Moraes; como as entrevistas abordam o periódico informativo Consenso Comunitário; sobre a questão ambiental local; entre várias outras temáticas que foram percebidas como cruciais para entender a história da comunidade, suas dinâmicas e problemas atuais.





As origens e o desenvolvimento da comunidade: Cidade Satélite

Carmen Alveal
Thaiany Soares

“As origens e o desenvolvimento da comunidade: Cidade Satélite”

“Pitimbu” é uma palavra de origem indígena que quer dizer fumar, aspirar o fumo. Uma segunda vertente, de acordo com as palavras do historiador e folclorista Câmara Cascudo, dá o significado de “água nascente, rio, manadouro de camarão”. Há referências, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, de datas de sesmarias do ano de 1706, cujos nomes eram “Gorapes” (Guarapes), “Carnaubinhas” e “Potumbu” (Pitimbu) e que provavelmente seriam as áreas correspondentes ao que hoje é o Vale do Pitimbu e onde está inserido o conjunto Cidade Satélite. As sesmarias eram as concessões de terra no período colonial. Antônio de Araújo e Souza solicitou uma terra de légua ao rei, que foi concedida em 1706.

Vários foram os proprietários de terras dessa região, dentre eles o comerciante paraibano Fabrício Gomes Pedroza, em 1866. Ao alargar seus empreendimentos e por ser senhor do engenho Jundiáí, nas proximidades de Coité, atual Macaíba, chegou a ser dono de parte das terras do sítio Pitimbu, ao casar-se com a filha do capitão Francisco Pedro Bandeira. Percebendo a serventia das terras herdadas pela esposa, enriqueceu ao construir um armazém para recolher o açúcar produzido por seu engenho e de outros engenhos de municípios circunvizinhos da capital potiguar, às margens do rio Jundiáí.

Mais tarde, João Duarte e Leopoldina Duarte da Silva procuraram o juiz no ano de 1899 para demarcar e medir a área do “Engenho Pitimbu”, que tinha como linhas fronteiriças, na região norte, o sítio das Quintas do Vigário, a leste, a estrada pública que ia de Natal a São José do Mipibu, ao sul o Engenho Cajupiranga e ao oeste a estrada pública que ia do porto de Guarapes a São José de Mipibu.

Em 1920, as terras foram adquiridas pelos irmãos e comerciantes portugueses Cláudio e Manuel Machado. A valorização da região ocorreu no momento em que o francês Paul Vachet chegou a Natal em busca de um local para pousar aviões de uma companhia, sendo escolhida a área dentro das terras da família Machado e onde surgiu o campo de pouso de Parnamirim.

Projetada em 1976 pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi, a Cidade Satélite foi entregue ao INOCOOP no governo de José Agripino Maia (1982-1986) como conjunto habitacional de classe média. Dividido em três etapas, este grande

“Houve muitos entraves para a aprovação do conjunto como: a falta de infra-estrutura suficiente para suportar a construção de mais de seis mil casas e que, após o conjunto ser habitado, as fossas contaminarem os lençóis freáticos próximos ao Jiqui”. (ARAÚJO, 1989)

conjunto, que chegou a ser considerado o maior da América latina, foi o primeiro a ser construído naquela região.

A primeira etapa, conhecida pelas ruas de nomes de serras e pássaros, foi entregue em 1982 com 1666 residências. As segunda e terceira etapas foram entregues a partir do ano seguinte, 1983, e tinham 724 e 1155 casas, respectivamente, nomeadas por árvores e rios.



[...] Satélite era "só mato"! Uma vegetação ainda de mata atlântica e o INOCOOP com financiamento do BNH, adquiriu aquela gleba de terra. Na época aquela terra era chamada de Peixe Boi, estão até nos documentos, que ficava próximo ao rio Potimbu, que depois virou Pitimbu. Ao adquirirem essa gleba, dividiram-na para vender através de financiamento. Eram duas cooperativas que trabalhavam lá: Cooperativa Morro Branco e a Cooperativa Ponta Negra. A da minha casa era a Morro Branco, que era da primeira etapa, todas vinculadas ao INOCOOP. Na época o INOCOOP vendeu Satélite como a melhor coisa do mundo, o paraíso. (SILVA, 2009)

O programa de habitação popular implantado nessa localidade era formado por um sistema de cooperativas de construtoras, gerenciado pelo INOCOOP e coordenado pelo SFH (Sistema Financeiro de Habitação), através do BNH (Banco Nacional de Habitação). Quando da extinção deste, as funções

foram delegadas à Caixa Econômica Federal.

A maioria dos mutuários era de funcionários públicos que haviam se inscrito na cooperativa e foram sorteados para os vários tipos de casa oferecidos. As prestações eram pagas por meio de carnês todos os meses. A moradora Maria de Fátima afirma que o processo era longo e minucioso, visto que o financiamento duraria 25 anos e as prestações não estavam ao alcance de todos.

[...] A gente se inscrevia na cooperativa e daí selecionavam as pessoas e essas pessoas de acordo com essa seleção eram sorteadas para cada etapa. Foi assim que eu adquiri minha casa. [...] Era um longo processo. Levava contracheque, tudo e a partir daí eles selecionavam aquelas pessoas que eles achavam que estavam aptas a assumir, até porque tem a questão do financiamento em 25 anos e a prestação naquele momento não era muito acessível, então tinha que ter uma questão de renda que eles olhavam com muito cuidado. (CARDOSO, 2009)

As casas do Conjunto eram distribuídas aos moradores de acordo com a renda que possuíam e as diferenças variavam de acordo com cada tipo de residência.

[...] aquela primeira quadra [depoente aponta para o local] era só "A", que é uma casa bem grande com a área que dá dois carros, um na lateral do outro. Ai já tem a "B", que é três quartos também, mas a área só dá carro assim, um atrás do outro. [...] Junto nesse quarteirão aqui já era "A" e "B", na frente "A" com a outra "B" e assim sucessivamente até lá em baixo [depoente aponta mais uma vez]. E depois do "ferreiro" [Rua do Ferreiro que delimita a divisão pássaros e serras da primeira etapa] já era "C" e "D". A "C" com dois quartos e a "D" com um quarto. (CARDOSO, 2009)

"Satélite" era tido como um conjunto tranquilo, predominantemente residencial e praticamente sem nenhum estabelecimento comercial. Possuía o estigma de "cidade dormitório" pelo fato das pessoas trabalharem no centro da cidade e apenas voltarem a suas casas para dormir.

Engraçado porque aqui a gente chamava de "cidade dormitório", um bairro que era tipo dormitório porque tinha muito funcionário público, militar tinha demais. Porque como era distante e não tinha tantas condições das pessoas se deslocarem, então as pessoas vinham só dormir [...] passavam o dia todo no trabalho. (CARDOSO, 2009)

Nos primeiros anos, algumas casas foram abandonadas por mutuários que com o passar do tempo não tinham mais condições de pagar as prestações que aumentavam vertiginosamente. Essas residências eram depredadas e serviam de abrigo para infratores.

Com o passar dos anos, Cidade Satélite foi se desenvolvendo de uma forma gradual.

"Dezenas de casas estão sendo abandonadas por moradores de Cidade Satélite, que alegam não ter como pagar a prestação da casa própria, apesar da redução da mensalidade dos imóveis com uso de bônus. Em cada uma das ruas há pelo menos uma casa abandonada, entregue à ação dos vândalos que quebram as vidraças das moradias, arrancam pias, torneiras, instalações elétricas, portas e até portões de ferro para a comercialização. Os moradores das casas habitadas lamentam que não haja uma ação fiscalizadora nas casas em abandono, porque servem como ponto para marginais, que ficam observando de lá as outras casas para roubar." (DIÁRIO DE NATAL, 1984)

Com o passar dos anos, Cidade Satélite foi se desenvolvendo de uma forma gradual. Um conjunto projetado para acolher tantas pessoas deveria possuir uma infraestrutura organizada e que satisfizesse a população de uma maneira geral.

Os estabelecimentos comerciais em Cidade Satélite atualmente são variados e concentram-se em áreas específicas do conjunto. A Avenida dos Xavantes é o principal foco, junto com a Avenida Oiti, na entrada do conjunto pela BR-101. Existe também uma espécie de centro comercial na primeira etapa, administrado pelo CONCITEL (Conselho Comunitário de Cidade Satélite), formado por salas pequenas alugadas por uma taxa mensal. De médio e pequeno porte, as farmácias, padarias, supermercados, oficinas mecânicas, lojas de materiais de construção têm como proprietários, na sua maioria, moradores da própria comunidade. Interessante observar que a maioria dos estabelecimentos comerciais encontra-se em casas de esquina e são sempre alugados.

Os moradores do conjunto contam com uma variedade de escolas, tanto públicas quanto particulares. Na educação pública, a Escola Estadual Djalma Aranha



Marinho, na primeira etapa, e a Escola Estadual Antônio Pinto de Medeiros, na segunda etapa, oferecem ensino fundamental e médio. A Escola Municipal Professor Otto de Brito Guerra, na primeira etapa, atende do 5º ao 9º ano e Ensino de Jovens e Adultos (EJA). As escolas particulares mais conhecidas são o Instituto Brasil, o Colégio e Curso Piaget.

As creches públicas são o CMEI Prof^a M^a Luíza Santos de Souza, localizada no prédio do CONCITEL, e o CMEI Claudete Costa Maciel, na rua Serra da Jurema, no fim da primeira etapa, que atende crianças de 1 a 5 anos de idade. Já no âmbito particular, existe a Creche Escola Boa Idéia, que se localiza na entrada do conjunto próximo à BR-101. O 5º Núcleo Educacional de Apoio à Criança e ao Adolescente – CAIC (Centro de Apoio e Incentivo à Criança), encontra-se nos limites entre Cidade Satélite e o bairro Planalto e também atende crianças da região de 2 a 5 anos de idade.



A comunidade conta ainda com uma faculdade particular instalada na Primeira etapa, a Universidade Estadual do Vale do Acaraú (IBRAPES-UVA).

Quanto ao lazer, pouco há no conjunto. São três quadras poliesportivas, sendo duas, na primeira etapa, e uma, na terceira etapa; alguns mini-campos de futebol na primeira e segunda etapas e um campo com dimensões oficiais nas proximidades da estação ferroviária. Clubes de diversão são inexistentes. Dos eventos que existiam e mobilizavam as pessoas na comunidade, o único que perdura é a festa do padroeiro da Igreja Católica, São Francisco de Assis.

São três as praças existentes em todo o conjunto: uma, próxima à Igreja de São Francisco; outra, próxima ao posto de combustíveis; e a terceira, nas proximidades do posto de saúde.

Quanto à assistência médica, Cidade Satélite conta com postos públicos na primeira e terceira

etapas. Existem também algumas clínicas médicas particulares que prestam serviços odontológicos, psicológicos e de clínica geral.

Há uma delegacia de polícia em Cidade Satélite, a 11ª DP, e o pelotão comunitário, ambos na terceira etapa, que devem manter a ordem e a segurança em todo o conjunto.

As entidades comunitárias lutam pela melhoria da comunidade com parceria da prefeitura. Cada etapa possui uma associação de moradores e atuam no Conjunto cada uma à sua maneira. São elas: o Conselho Comunitário de Cidade Satélite – CONCITEL, que foi fundado em 1982 e teve treze presidentes; a Associação de Moradores da 2ª etapa de Cidade Satélite – ACOCISA; e a Associação de Moradores da 3ª etapa de Cidade Satélite – AMORCISA. Há, ainda, a Associação de Alcoólicos Anônimos – AA, o Centro Desportivo de Cidade Satélite – CDCS e o

Clube de Mães Zélia de Andrade Rocha da Gama, que ajudam dentro de sua área de atuação.

Entidades comunitárias de Cidade Satélite

Associação de moradores	Demais associações comunitárias
Conselho Comunitário de Cidade Satélite – CONCITEL - 1ª etapa	Associação de Alcoólicos Anônimos – AA
Associação comunitária de Cidade Satélite – ACOCISA - 2ª etapa	Centro Desportivo de Cidade Satélite – CDCS
Associação comunitária de Cidade Satélite – ACOCISA - 2ª etapa	Clube de Mães Zélia de Andrade Rocha da Gama



As entidades religiosas são inúmeras, dentre as quais podem ser citadas a Igreja Católica, Igreja Batista, Assembléia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Associação Espírita e Igreja Luterana. O relacionamento entre elas é amistoso, atuando cada uma na sua área, sem registros de conflitos ou maiores problemas.

Além das áreas verdes, que são espaços deixados entre algumas ruas para que fossem construídos equipamentos urbanos, o Conjunto conta com o Horto Florestal Parque das Serras, localizado numa grande área verde entre as “serras e pássaros”. Esse espaço





destinado à ecologia destina-se à produção, à comercialização e à doação de mudas de plantas.

Construímos uma sede e começamos a plantar. Transformamos aquilo ali que era uma área de lixo, de lixão; plantamos árvores e começamos a fazer intercâmbio para conseguir árvores raras. Começamos a arborizar aquilo tudo. Cercamos e depois fizemos um projeto, que foi muito importante, foi um projeto para Unibanco-Ecologia. A Fundação Unibanco financiava projetos ecológicos, então fizemos um projeto que até foi referência no Nordeste. (COELHO, 2009)

Inicialmente o conjunto Cidade Satélite tinha inúmeros problemas com relação ao transporte coletivo que era monopolizado por apenas uma empresa de ônibus e causava insatisfação pelos atrasos.

"Quem se atreve a sair ou ir à Cidade Satélite no sábado, domingo e feriado, deve estar com o espírito preparado para passar até mais de duas horas esperando transporte porque nesses dias circulam apenas dois ônibus. Quando aparece um, vem superlotado e se o usuário não se fizer de forte, vai pegar mais de duas horas pela frente até aparecer outro." (OPoti, 1983, 02).

Nos dias atuais o sistema de transporte coletivo é razoável. O serviço é prestado por quatro empresas. As linhas que atuam são a 37-Rocas/Cidade Satélite Via Praça, 44-Rocas/Cidade Satélite, Via Alecrim, 33-Planalto/Cidade Satélite/ Praia do Meio e 83-Cidade Satélite/Ponta Negra. O transporte alternativo por microônibus e minivans também é bastante utilizado pela população.

Do ponto de vista sociológico, uma comunidade é um

grupo de pessoas que se organizam sob o mesmo conjunto de normas, que geralmente vivem na mesma localidade e compartilham de um mesmo legado histórico e cultural.

Cidade Satélite foi concebida num parâmetro onde os moradores pudessem usufruir de um patrimônio seu, ter sua própria residência. O sentimento de viver em comunidade foi adquirido com o passar dos anos, por intermédio das reivindicações e das conquistas comuns. É possível perceber o desenvolvimento da comunidade e sua transformação no decorrer desses 27 anos de existência.



“O sentimento de viver em comunidade foi adquirido com o passar dos anos, por intermédio das reivindicações e das conquistas comuns. É possível perceber o desenvolvimento da comunidade e sua transformação no decorrer desses 27 anos de existência.”





*Discursos sobre relações
entre os moradores do Conjunto
Cidade Satélite*

Gabriela Fernandes

“Discursos sobre relações entre os moradores do Conjunto Cidade Satélite”

O Conjunto Cidade Satélite foi projetado pelo arquiteto carioca Acácio Gil Borsoi em 1976. A primeira etapa do Conjunto foi entregue em 1982 e em 1985 foram concluídas as outras duas etapas. A primeira etapa previa a existência de 1666 unidades habitacionais numa área de 98.112,91 m²; a segunda etapa ocupava uma área de 41.049,56 m², contendo 724 unidades habitacionais, e a terceira compreendia 1155 unidades, em uma área com 70.221,30 m².

Desde o início de sua construção e, posteriormente, com as entregas das etapas do Conjunto Cidade Satélite verificaram-se desafios presentes para os então novos moradores. Situado já na região fronteira entre Natal e Parnamirim, o Conjunto Cidade Satélite apresentava-se como uma região distante do centro da cidade. Ainda assim, desde a entrega de sua primeira etapa em 1982, logo os primeiros moradores chegaram e estabeleceram-se em suas moradias, tendo que superar as adversidades que o Conjunto apresentava.

Durante a realização das entrevistas entrou-se em contato com muitos moradores que foram para o Conjunto Cidade Satélite logo no início de sua formação. É interessante perceber como muitas questões foram levantadas por esses moradores, elementos que muitas vezes convergiram em determinados pontos. A maioria dos depoentes elencou em suas entrevistas a falta de lazer que existia no Conjunto. Destacaram que havia apenas alguns campos de futebol e praças pouco estruturadas. A falta de lazer é um problema que muitos moradores consideraram persistir ainda hoje. Entretanto, muitos aspectos abordados pelos depoentes divergiram. Um desses aspectos foi sobre as relações entre as pessoas quando do início da formação do Conjunto e como essas relações configuram-se na atualidade.

Os impactos que a implantação de um posto de gasolina, estabelecido em 1990 em uma área com bastante vegetação, ocasionou para o Conjunto, foi um ponto de partida para



“Desde a entrega de sua primeira etapa em 1982, logo os primeiros moradores chegaram e estabeleceram-se em suas moradias, tendo que superar as adversidades que o Conjunto apresentava.”

que se iniciasse um contato entre os moradores. A população não costumava mobilizar-se em prol da comunidade, e, portanto, a passeata que foi organizada para protestar contra a construção desse posto foi uma exceção, constituindo-se em um marco para o Conjunto. Uma das causas dessa falta de contato e ativismo seria justamente a organização estrutural do Conjunto, dividido em etapas.

Essa mobilização contra a construção do posto foi muito importante porque Satélite nunca possuiu grandes mobilizações, pois o traçado do Conjunto não permite isso. O indivíduo sai da sua rua, pega um corredor e vai embora. As pessoas não passam na rua do vizinho, o que dificultava o conhecimento e o contato da comunidade, e fazia com que não houvesse grandes mobilizações. (SILVA, 2009)

Outros consideram que a relação entre os moradores, no início, era muito mais próxima do que a atual. As feijoadas organizadas pelos moradores que existiam no período inicial do Conjunto aproximavam bastante as pessoas. “Um faz uma feijoada, faz um muro e outro vem olhar, se unem, mas depois se afastam. A mudança de gerações também contribui para isso.” (MESQUITA, 2009). Entretanto, com o passar dos anos, a própria diferença de gerações foi afastando as pessoas, que hoje somente se encontram em barzinhos ou permanecem isoladas em suas casas.

Josadaque de Oliveira, um dos fundadores da primeira igreja Assembléia de Deus no Conjunto Cidade Satélite, tece comentário sobre as relações entre os moradores da comunidade. Josadaque enfatiza que o relacionamento das pessoas foi muito aproximado pela construção da igreja (que teve sua pedra fundamental estabelecida em 1988) uma vez que foram organizados diversos mutirões para trabalhar na própria construção. Josadaque destaca, sobretudo, que o fato de ser evangélico fez com que muitos indivíduos se aproximassem dele e de sua família. Essa aproximação também ocorreu com os indivíduos que buscavam uma vida diferente. Assim, é interessante perceber como Josadaque Oliveira vincula o relacionamento das pessoas a partir da criação da igreja e da vivência nela.

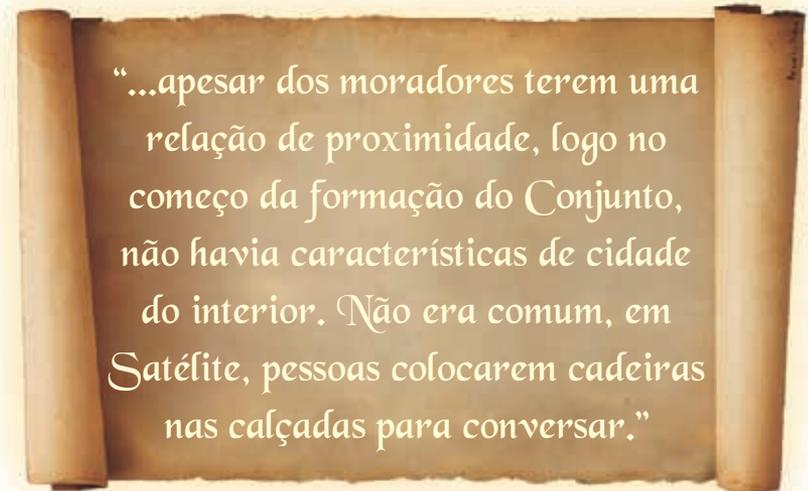
Quando chegamos no Conjunto Cidade Satélite não existia templo, não existia nada disso. O tratamento das pessoas conosco era de vizinho, era de amizade entre pessoas que não se conheciam. Eu dizia: “sou evangélico, nós somos evangélicos”. Depois que o templo apareceu, a igreja começou a mostrar seu perfil, começou a passar para a população o que era a igreja (...) Nossa igreja não tem compromisso de falar de homem

“Com o passar dos anos, a própria diferença de gerações foi afastando as pessoas, que hoje somente se encontram em barzinhos ou permanecem isoladas em suas casas.”

nenhum a não ser Jesus. Então isso faz com que as pessoas que querem ver uma coisa diferente, que estão habituadas em casa a não dar espaço para Deus, ao chegarem na nossa igreja vêem Deus presente e falam: "que ambiente bom!" Com as pessoas chegando para igreja, hoje somos, só no templo de Cidade Satélite, mais de 400 pessoas. Se juntar congregados e membros, nós passamos de 1000 pessoas. (OLIVEIRA, 2009)

Afirma ainda que algumas pessoas tentaram ir contra a construção da igreja, derrubando os alicerces da obra em um determinado momento. Entretanto, aquelas pessoas tinham uma visão errônea da igreja que eles estavam tentando implantar. Os moradores que foram contra a igreja, no início, pensavam que, por serem pentecostais, haveria muito barulho na rua, já que os cultos das igrejas pentecostais são marcados por manifestações inflamadas de louvor. Mas com o tempo, com a implantação da igreja e o desenvolvimento do trabalho comunitário da mesma, essas pessoas foram mudando de concepção e passaram a frequentar aquela igreja, que antes eram contra.

Rosinaldo Vieira Lima, um dos principais fundadores do periódico informativo do Conjunto Cidade Satélite denominado Consenso Comunitário, editado entre 1993 e 1997, considera que as pessoas começaram a se entrosar logo no início da formação do Conjunto. Existiam festas americanas, nas quais cada participante levava alguma comida e/ou bebida. Essas festas existiam na comunidade e foram muito importantes para essa integração e sociabilização. Com o passar dos anos, as pessoas foram perdendo esses vínculos estabelecidos e perdendo, sobretudo, o ativismo nas lutas em prol do Conjunto. O entrevistado também enfatiza que apesar dos moradores terem uma relação de proximidade logo no começo da formação do Conjunto, não havia características de cidade do interior. Não era comum em Satélite pessoas colocarem cadeiras nas calçadas para conversar. A integração dava-se principalmente pelas festas. Os moradores encontravam-se nas esquinas das ruas e dirigiam-se para festas, fossem elas no próprio Conjunto ou fora do mesmo.



“...apesar dos moradores terem uma relação de proximidade, logo no começo da formação do Conjunto, não havia características de cidade do interior. Não era comum, em Satélite, pessoas colocarem cadeiras nas calçadas para conversar.”

As pessoas se encontravam em locais determinados. Os amigos se encontravam nas

esquinas (...). Dali se reuniam para ir para outros locais, alguma festa fora do bairro. Os grupos se reuniam mais dessa maneira, nas esquinas das ruas (...). Como não tinha área de lazer as pessoas se juntavam esporadicamente nos locais. Nunca foi uma característica do Conjunto ficar na calçada conversando, um ou outro ainda conversa. Tem uma vizinha aqui que se senta com outra vizinha para conversar, mas não existe essa característica predominante como existe no interior. O povo é muito dentro de casa. Você pode andar nas ruas e vai ver um deserto. (LIMA, 2009)



Dessa maneira, percebe-se que o entrevistado enfatiza essa idéia de isolacionismo, que está mais presente atualmente. Para Rosinaldo, a característica de “bairro dormitório” é mais perceptível nos dias de hoje. As reivindicações dos moradores também eram mais frequentes, até porque eles possuíam o Consenso Comunitário, informativo do Conjunto que abria espaço para reclamações da comunidade. O entrevistado afirma que fornecia seu

telefone para as pessoas sugerirem matérias, reclamarem de buracos e problemas nas ruas e o retorno era constante. As pessoas viam o Consenso como o espaço em que poderiam expressar-se, expor os problemas do Conjunto e saber sobre atividades que eram realizadas em prol do mesmo. O jornal também publicava entrevistas com membros da própria comunidade, ajudando nesse processo de integração e aprofundamento de relações.

Hoje o bairro está mais parado que antigamente, quando havia festas que nós organizávamos. Havia muita movimentação aqui, as pessoas participavam de passeatas, era um bairro mais ativo, hoje está mais parado (...). Aquela questão de ser bairro dormitório está mais visível hoje, as pessoas estão mais dentro de casa. Aquela primeira geração do Satélite que buscava mais se engajar nas coisas, hoje não tem mais isso não! Está mais parado mesmo!
(LIMA, 2009)

Pode-se perceber na entrevista de Rosinaldo o quanto o depoente vincula essa participação da população ao jornal Consenso Comunitário; exaltando a importância desse informativo para ajudar as relações e tentar reivindicar melhorias para a comunidade. É perceptível, na entrevista, a grande nostalgia que o depoente apresenta ao narrar sobre esse jornal, sobre as dificuldades que enfrentou para elaborar as matérias e editá-las praticamente sozinho. Também fala sobre como encontrava dificuldades para distribuir os jornais no Conjunto, indo pessoalmente a pé às residências, entregando de porta em porta, junto com um grupo de pessoas que também lutava pela integração e melhoria da comunidade.

Muitos moradores acreditam que o distanciamento das pessoas que moravam no Conjunto deu-se porque as formas de lazer foram



Um traço peculiar observado no depoimento de Maciel foi a existência de muitos casais, no início do Conjunto, cujos contatos eram aproximados pelas relações entre os seus filhos.



migrando para os shoppings de Natal. Inicialmente, para o Natal Shopping e, posteriormente, para o Midway, uma vez que o Conjunto não era contemplado com espaços de sociabilização e lazer:

(...) Mas hoje não. Não tem nada! Se você vier no final de semana aqui, está tudo parado, não tem festa em nenhum canto. Ai vai para o Midway, vai para as praias... Falta o pessoal se engajar para trazer mais praças públicas para cá, talvez um ginásio, pois as quadras que tem estão deterioradas, abandonadas (...). Hoje raramente se vê isso em Satélite, as pessoas se juntando para jogar peladas da tarde, essa era uma forma de integração. (LIMA, 2009)

Maciel Neto, morador antigo do Conjunto, considera que sempre teve um bom relacionamento com seus vizinhos, que sempre estiveram dispostos a lhe atender em momentos de dificuldades. Essas relações não se desfizeram com o tempo, nem mesmo com a distância geográfica. Algumas famílias mudaram-se do Conjunto, mas ainda mantêm contatos com os moradores daquela rua. Como exemplo, Maciel cita seus vizinhos da casa em frente a sua, que foram morar em Fortaleza, mas que sempre o visitam quando vêm a Natal.

Um traço peculiar observado no depoimento de Maciel foi a existência de muitos casais no início do Conjunto, cujos contatos eram aproximados pelas relações entre os seus filhos. Assim, os filhos conheciam-se, brincavam uns nas casas dos outros e isso estimulava que os pais comesçassem a se conhecer, a integrar-se e relacionar-se. As brincadeiras no final de semana, os churrascos realizados, sempre eram motivos de aproximação.

Percebe-se que Maciel Neto sempre tenta enfatizar que ainda não perdeu os vínculos com seus vizinhos. Que ainda hoje tenta respeitar a vizinha idosa, pedindo que seus filhos diminuam o volume do som quando fazem reuniões, bem como a socorrendo quando passa mal, ou quando precisa fazer alguma mudança de móvel. Entretanto, o entrevistado reconhece que esses laços enfraqueceram, uma vez que a própria dinâmica da vida dos moradores foi mudando. Hoje em dia, o vizinho que tinha mais contato está muito doente em uma cama, não vai mais a casa dele, como era de costume, para conversar e contar histórias de sua vida. Outros vizinhos passam o dia no trabalho, só indo para casa à noite, o que faz com que muitas vezes nem se vejam.

Hoje, devido às atividades serem diferentes, por exemplo, conversava muito com meu vizinho aqui do lado, mas além dele ter a atividade profissional de contador, também é professor. Então ele só chega meia

noite em casa (...). E, assim, involuntariamente a coisa foi meio afastando as pessoas, mas a amizade continua a mesma. Não houve nenhum rompimento, digamos assim. (MACIEL NETO, 2009).

Um dos momentos de maior contato com a vizinhança é o final de semana, quando ainda pode-se avistar alguns vizinhos, e trocar algumas palavras. Entretanto, mesmo com esse enfraquecimento de vínculos, a relação de solidariedade ainda permanece. Os contatos podem ter diminuído, mas quando precisa-se de alguma ajuda, eles podem contar uns com os outros.

(...) A vizinhança aqui é muito boa, embora você sinta que fique todo mundo em suas casas e "tal", mas em uma hora de ajuda, socorro, imediatamente as pessoas se articulam e umas ajudam às outras. A vizinhança aqui é muito boa! Tenho vizinhos aqui de (há) 20 anos (...). Aqui cada um se respeita, cada um tem seus limites. (MACIEL NETO, 2009)

Breno Maciel, jovem de 22 anos, filho de Maciel Neto e morador do Conjunto Cidade Satélite desde que nasceu, corrobora a idéia de que a relação entre os moradores era muito presente na década de 1990. Breno aborda, principalmente, as relações entre os jovens, afirmando existir muitos jovens que mancharam a imagem do Conjunto, pois causavam brigas em diversos bairros da cidade:

Os próprios jovens para onde iam brigavam, em todo canto brigavam, bagunçavam. Então sempre que eles chegavam as pessoas falavam: "vixe, chegou o povo do Satélite!", "acabou a festa", "vieram acabar". Sempre tinham esses tipos de comentário zinhos. O pessoal do Satélite sempre foi "barrinha pesada" (...) As pessoas se encontravam nos cantos e "pegue 'bufete' no meio de um". (MACIEL, 2009)

O jovem Breno destaca que, no início do Conjunto, as pessoas ficavam conversando sentadas em cadeiras nas calçadas, já divergindo do posicionamento de Rosinaldo Vieira, que considera que essa característica de conversar nas calçadas não era presente no Conjunto. Breno afirma que essa característica, predominante nos adultos, não existe mais atualmente. No século XXI, as pessoas preferem ficar dentro de suas casas, provavelmente, devido ao enfraquecimento dos vínculos de amizade que as unia. Entretanto, os vizinhos sempre são solidários e mesmo não sendo tão presentes, estão sempre dispostos a ajudar uns aos outros. Breno considera que esse tipo de solidariedade existe em todos os conjuntos residenciais.

Outra característica que Breno aponta é a presença de muitos vizinhos “fofoqueiros”, sempre dispostos a “entregar” as brincadeiras que as crianças e jovens “aprontavam” nas ruas.

É porque como no Satélite todo mundo se conhece, a fofoca “come nos couro”. Você fala um negócio aqui hoje, amanhã, o Satélite inteiro está sabendo. Então aqui o negócio é mais incubado um pouquinho, mas tem muito. (MACIEL, 2009)

Renan Ramalho, jovem de 20 anos e morador do Conjunto desde que nasceu, considera que os jovens foram aproximados pela música, presente fervorosamente em sua rua.

Existiam várias bandas por aqui, tipo, existia o estúdio de Douglas, que até mais ou menos 2006 ainda funcionava. Ali na esquina havia várias bandas do cenário underground (...) Acho que por isso, talvez a galera dessa rua se aproximou da música, porque a gente via o trânsito de músicos e, no início, o estúdio dele não tinha um tratamento acústico muito bom (...).(RAMALHO, 2009)

Renan Ramalho destaca que o relacionamento entre ele e seus amigos foi enfraquecendo, pela própria dinâmica da vida de cada um, pelo trabalho, e por outras atribuições da vida moderna, mas mesmo assim quando encontram-se relembram aqueles tempos e acabam dando um jeito de manter alguma forma de contato. Outro espaço que propiciava o contato entre os jovens e crianças era o espaço das escolas. Renan afirma que a clientela das escolas existentes no Conjunto era composta por filhos dos moradores da própria comunidade em que a escola estava inserida. As relações nas escolas, as brincadeiras, as festinhas que aconteciam, eram responsáveis por aproximar tanto os alunos quanto os pais deles.

O depoimento de Renan sobre as relações dos moradores no início do Conjunto também vai contrapor-se ao posicionamento de Rosinaldo Vieira no que diz respeito à comparação do Conjunto com um interior. Para Renan, Cidade Satélite possuía hábitos comuns às cidades pequenas, como o fato das pessoas sentarem nas calçadas das ruas para conversar. Entretanto, esses hábitos foram perdendo-se ao longo do tempo, sobretudo, pelo avanço das formas de comunicação. Hoje em dia, existem mais facilidades de acesso à Internet e aos jogos em rede. É interessante quando Renan descreve o ato de jogar video-game como uma atividade social que aproxima as

As lan houses, que existiam em maior quantidade no início do Conjunto, serviam de espaço para a socialização. Atividades e locais que foram perdendo-se, devido à própria facilidade de acessar a Internet e os meios de comunicação.

crianças e os jovens. As lan houses, que existiam em maior quantidade no início do Conjunto, serviam de espaço para a socialização. Atividades e locais que foram perdendo-se devido à própria facilidade de acessar a Internet e os meios de comunicação. Atualmente, os jovens possuem computador com Internet em suas casas, não necessitando mais ir a espaços como lan houses.

(...) Acho que a "galera" tende muito mais a se trancar hoje em dia. Você tem a Internet, tem a comunicação discada, a própria diversão, o entretenimento dos jogos em rede, os próprios vídeo-games que a "galera" tem muito mais acesso do que quando a gente era criança, porque até o ato de jogar vídeo-game era uma atividade social, nem todo mundo tinha e quem tinha acabava indo para a locadora que era onde todos se concentravam. (RAMALHO, 2009)

O padre da Paróquia de São Francisco de Assis, José Zilmar, enfatiza que o relacionamento estava vinculado com a participação dos moradores na igreja católica do Conjunto. Para o Padre Zilmar, no começo, as pessoas não se conheciam e coube à igreja manter contato entre elas, aproximando-as.

*Ninguém conhecia ninguém.
Então a gente foi devagarzinho,
mantendo o contato com o pessoal.
Posteriormente, equipes se
formaram. A Igreja Católica é
uma só em todo o mundo, a
maneira de trabalhar é a
mesma. Congrega todo
mundo na missa. Então o
pessoal vai chegando e a
gente vai conhecendo, vai
chamando, vai engajando, vai
entrosando, porque o pessoal
vai assumindo tarefas, vai
ajudando. (ANDRADE, 2009)*



“A partir da análise dos diversos posicionamentos acerca das relações entre os moradores, pode-se considerar que não existe uma unanimidade em relação ao desenrolar dos contatos, quando do início de formação do

O padre Zilmar considera que a principal dificuldade que encontrava no início de seu trabalho no Conjunto era possibilitar a integração das pessoas. Os paroquianos não tomavam iniciativa e essas relações foram estabelecendo-se com o passar dos anos. Dessa maneira, Padre Zilmar considera que atualmente os laços entre os membros da comunidade ficaram mais fortes e mais constantes, sobretudo, devido aos inúmeros encontros de jovens e casais que ocorrem no Conjunto, intermediados pela atividade da Paróquia de São Francisco, desde sua fundação como paróquia, em 1988. O pároco ainda afirma que a principal função da paróquia é unir as pessoas da comunidade.

Olha, a paróquia dá uma grande contribuição a uma comunidade, pois ela faz o mesmo trabalho que Cristo fez, de unificar as pessoas, de juntá-las, de viver o amor para fazer o bem (...). O trabalho do cristão é duplo, como Jesus ensinou: "de amor a Deus e de amor ao próximo". Então vai melhorar o ambiente na comunidade, nas famílias. A comunidade se une mais, vai desaparecendo aquela desunião que existe nas famílias, estas se unem e passam a trabalhar em conjunto, numa equipe dessa aparecem elementos que ninguém conhecia, se tornam amigos e passam a trabalhar na comunidade. Este é um bem imenso que a paróquia traz. (ANDRADE, 2009).

Assim, percebe-se que o Padre Zilmar vincula a relação das pessoas ao trabalho da igreja na comunidade. As pessoas conheceram-se e integraram-se no espaço das relações na igreja, não mencionando as relações entre os indivíduos que não participavam da Paróquia São Francisco de Assis.

A partir da análise dos diversos posicionamentos acerca das relações entre os moradores, pode-se considerar que não existe uma unanimidade em relação ao desenrolar dos contatos, quando do início de formação do Conjunto, nem sobre como essas relações transformaram-se e perpetuam-se atualmente. A maioria dos depoentes acredita que as pessoas tinham um relacionamento mais próximo no início, e com as dinâmicas da vida foram afastando-se. A maioria dos entrevistados também considera que apesar dos afrouxamentos dos vínculos, ainda pode-se contar com a vizinhança quando se tem necessidades.

Pode-se ainda perceber que os interesses dos entrevistados estão vinculados ao posicionamento que eles desenvolvem sobre essas relações. Josadaque de Oliveira não discorre sobre as relações entre pessoas não-evangélicas, e quando o faz é para afirmar que elas, hoje, são missionárias, mudaram sua forma de pensar e estão na igreja evangélica do Conjunto. O Padre Zilmar apresenta a mesma característica: trata dos relacionamentos no

espaço em que participa, a Paróquia São Francisco de Assis, mas não se refere a outras relações em outros espaços. Também é perceptível uma discrepância quando analisamos os posicionamentos dos jovens. Cada entrevistado narra sobre o que tem mais propriedade, mais domínio e mais vivência, e, portanto, Renan e Breno referem-se, principalmente, sobre os relacionamentos entre os jovens. Mas até entre eles existe diferença. Breno aponta para as brigas como sendo responsáveis por esse espaço de socialização, as brigas e as festas; já Renan considera que a música, os jogos e a vivência nas escolas foram primordiais para aproximar relações.

Dessa maneira, constata-se que cada depoente vai valorizar o que lhe é mais familiar e faz parte de seus interesses. É nesse ponto que o historiador deve estar atento, perceber as nuances e os variados pontos de vista, para ter discernimento no momento de realizar as posteriores análises. Não quer dizer que o entrevistador vá corrigir o entrevistado ou discutir sobre uma determinada versão, apontando qual parece mais verdadeira quando estiver realizando a entrevista. A metodologia de história oral preconiza que o entrevistado está livre para dar sua versão dos acontecimentos. No momento de realização da entrevista, o pesquisador deve estar atento para o que o depoente transmite e não deve interrompê-lo para fomentar discussões que constriam ou desmintam o entrevistado. O momento de análise é o mais indicado para que o pesquisador teça seus comentários e pontos de vista, mas a entrevista é o espaço do entrevistado, ela deve conter a visão do mesmo.



Um fato interessante é quanto às diferenças sobre o Conjunto possuir ou não características de interior. Os jovens Renan e Breno consideram que o Conjunto parecia com um interior, sobretudo pelo hábito de pôr cadeiras e conversar nas calçadas. Já Rosinaldo nega esse aspecto, afirmando com segurança que o Conjunto não tinha esse “ar interiorano”. Ao contrário, as pessoas reuniam-se para ir às festas, essas, sim, seriam responsáveis pela integração dos moradores.

Os depoimentos revelam os mais variados pontos de vista, de acordo com as vivências de cada entrevistado.

Não se pode de maneira alguma homogeneizar os depoimentos e abafar as diversas oposições que eles representam. Se as relações já foram próximas e hoje estão mais fragmentadas e dispersas é um fator a analisar-se. Os depoimentos revelam os mais variados pontos de vista, de acordo com as vivências de cada entrevistado. Não se pode negar essas variedades, nem estabelecer qual depoente está mais certo ou mais errado. O que interessa é justamente usar essa riqueza de variedade e analisar os diferentes discursos.

Essa temática, abordando as relações entre os moradores do Conjunto Cidade Satélite com base nas entrevistas, é fundamental para apreendermos um pouco da história do Conjunto. É fundamental esse trabalho de resgate da história das comunidades de Natal para que, no futuro, essas histórias não se percam. A história oral é essencial nesse trabalho de resgate e produção da própria fonte histórica. A produção de acervos sobre esse tema revela-se fundamental diante da carência bibliográfica dessa temática na nossa cidade. Assim, os textos apresentados nessa publicação tentarão abarcar as diversas visões coletadas ao longo da pesquisa.



*O prolongamento da Prudente
de Moraes com base nas
narrativas dos moradores do
conjunto Cidade Satélite*

Thiago Gladys

“O prolongamento da Prudente de Moraes com base nas narrativas dos moradores do conjunto Cidade Satélite”

O prolongamento da Avenida Prudente de Moraes, atual Avenida Prefeito Omar O'Grady, sem dúvidas, marcou o cotidiano do Conjunto Cidade Satélite. Esta obra possibilitou maior e melhor acessibilidade para os moradores e pessoas que precisam deslocar-se para o Conjunto, bem como para todo o bairro Pitimbú e adjacências. A partir do reconhecimento da importância dessa obra, é significativo saber o que dizem os moradores ao seu respeito, como eles analisam a obra e conhecer, tanto na visão individual, como na coletiva, se o prolongamento trouxe mais benefícios ou prejuízos à comunidade. Algo perceptível, de imediato, é que nenhum morador nega a importância dessa obra para a melhora da qualidade de vida no Conjunto.



A região da Avenida Omar O'Grady fazia jus ao apelido “Cidade das Dunas”, nomenclatura dada ao município do Natal, já que estava em uma das principais áreas de dunas do município do Natal. Antes da sua construção, a área que hoje corresponde ao prolongamento apresentava algumas peculiaridades na sua paisagem, presentes no depoimento dos moradores do Conjunto Cidade Satélite.



Há relatos de que havia muitas lagoas na região, assim como em outras áreas de dunas, como a região de Jenipabu. Era comum, antes da obra do prolongamento, que as pessoas utilizassem a área de dunas, onde foi construído o prolongamento, como opção de lazer, pois havia lagoas e árvores com frutas nativas, como cajueiros e mangabeiras, como afirma o senhor Maciel no seu depoimento.



"Existia o morro, se você quisesse ir até em forma de um passeio ecológico. 'Cê' juntava os meninos aqui, às vezes, e saía aqui pegando caju, mangaba, aqui dentro desse 'coisa', quando menos esperava chegava em Candelária, passando por esses buracos que ainda tem por aí. Hoje está tomado, virou um bairro, San Vale. E hoje está cheio de casa, desse morro pra frente, faz tempo que eu não ando por aí. Mas olhe, era cada lagoa, rapaz, coisa linda, quando você menos esperava chegava naquele lago, aquela coisa legal." (MACIEL NETO, 2009)

Indagado sobre como essas lagoas deixaram de existir, Maciel culpa a impermeabilização do solo, por causa das novas construções, pois essas lagoas seriam parte do lençol freático que ficava para o lado de fora. Outro motivo é também a abertura de muitos poços, devido ao consumo de água que aumentou com a chegada dos novos moradores.

Diferentemente da opinião do senhor Maciel, o professor José Ramos, que militou no movimento ambiental e fundador do Horto Parque das Serras, localizado no Conjunto, afirma que essas lagoas deixaram de existir porque foram aterradas para dar lugar à passagem do prolongamento. Na sua fala, ele afirma que o prolongamento teria que acontecer, sendo algo inevitável, mas houve alguns desdobramentos com relação aos impactos ambientais para tentar minimizá-los, devido à ação de grupos ambientalistas que conseguiram mudar o traçado da obra. Esse impasse, envolvendo a questão ambiental, atrasou o cronograma das obras. No entanto, conseguiu preservar uma parte da área de dunas.

Era inevitável a obra! Essa era uma frase corrente entre os políticos e pessoas que pensavam a infra-estrutura de Natal. Ainda no governo de José Agripino, já se pensava em um projeto para a construção do prolongamento da Prudente de Moraes, mas somente entre os anos de 1994 e 1996 é que a obra foi iniciada e inaugurada.

“No governo de José Agripino, já se pensava em um projeto para a construção do prolongamento da Prudente de Moraes, mas a obra só foi iniciada e inaugurada nos anos de 1994 e 1996.”



A execução das obras deu-se de maneira lenta. O Consenso Comunitário traz, na sua edição número 7 do ano de 1994, que a construção teria 75 dias para ser concluída, mas a obra acabou por durar mais de 1 ano. Houve diversos problemas durante a execução, sendo o principal, além da falta de recursos alegada pelo Governo do Estado, a questão ambiental, pois os danos ao meio ambiente, em consequência da obra, seriam grandes.

Desse modo, os danos ambientais estavam presentes no discurso do hoje Secretário do Gabinete da Prefeita. Ele era um ativista político que se interessou também pelas questões do meio ambiente e foi presidente do Conselho Comunitário, justamente na época em que ocorriam as obras do prolongamento. Durante o seu depoimento, deixava claro que não era contra o prolongamento, mas sim da maneira em que ele seria feito, visto que os danos ambientais seriam muito grandes, principalmente, por que iriam destruir algumas dunas, prejudicando a captação de água do

lençol freático. Narra que conseguiram mudar o trajeto do prolongamento e que houve um esforço conjunto com o "pessoal de Candelária", nesse sentido.

Como resultado da obra, Kalazans relata que houve um aumento no fluxo de veículos, o que pode ser percebido claramente hoje, pois os carros que vão para Parnamirim passam por dentro do Conjunto, pela Avenida dos Xavantes. Outro comentário de Kalazans é que "irá acontecer com Satélite o mesmo que ocorreu com Candelária", referindo-se à futura obra que irá prolongar, mais uma vez, a Prudente de Moraes até a entrada do acesso ao Aeroporto Augusto Severo, ocasionando a divisão do conjunto ao meio e isolando, assim, as duas partes.

Mas para o vereador Aquino Neto, que no contato inicial coloca-se como um dos responsáveis pelo acontecimento da obra, o prolongamento era imprescindível para o Conjunto:

"Fundamental para o desenvolvimento da comunidade. Imaginemos nós se a gente não tivesse hoje o prolongamento da Prudente de Moraes, a Comunidade do Pitimbu, a Cidade Nova, aonde é que a gente iria estar? Questão primordial para o desenvolvimento da cidade e para o

desenvolvimento do bairro Pitimbu como um todo.” (AQUINO NETO, 2009).

Dessa maneira, o prolongamento, além do questionamento ambiental, tornou-se também uma questão política, já que envolveu embates entre o conselho comunitário, liderado por Kalazans, e o poder público. Além da figura do então vereador Aquino Neto, figura popular no Conjunto, o pároco da comunidade, Padre Zilmar, afirma que, lamentavelmente, houve um grupinho vaiando o prefeito e o governador na inauguração, o que demonstra que a obra tanto foi utilizada para a promoção do governo que a executou, bem como por pessoas que eram contrárias a realização do prolongamento.

Entre os comerciantes, há também uma afirmação positiva com relação a obra do prolongamento, pois o aumento do fluxo de veículos resultou, também, em um aumento do número de pessoas circulando no local, que por sua vez, tornam-se clientes em potencial, como afirma o senhor Mesquita, dono de um supermercado localizado no Conjunto. Ele afirma ter sido muito boa a construção do prolongamento, pois aumentou o fluxo de carros, tornando maior o número de pessoas que passam com o seu veículo e param para comprar alguma coisa.

Outra consequência do prolongamento foi o crescimento da localidade San Vale, à margem da estrada, e que sofre hoje uma grande especulação imobiliária, apesar de ter partes da sua área definidas como Zonas de Proteção Ambiental.

Sem dúvidas, o prolongamento foi esperado com muita ansiedade pelos moradores do Conjunto, o que facilitou muito o deslocamento, já que praticamente toda casa tem um carro, além de hoje ser bastante aguardado o “novo prolongamento” que ligará a Avenida Omar O' Grady até o acesso ao Aeroporto Augusto Severo, como afirma a senhora Maria José:

“O prolongamento, além do questionamento ambiental, tornou-se também uma questão política.”





"A gente sabe que já foi demarcado, que já está em projeto, já era pra ter sido concluída e a gente não sabe porque ainda não aconteceu, não temos nenhuma satisfação por parte das autoridades, quando a gente escuta na televisão que era pra ser concluída até 2010, mas até agora não estamos vendo ninguém trabalhar. Mas que o conjunto Cidade Satélite espera com ansiedade esse momento, espera, e só tem agradecer a oportunidade, porque realmente valorizou muito mais os imóveis da Cidade Satélite." (SANTOS, 2009)

Cidade Satélite, hoje, é uma das áreas que mais crescem em especulação imobiliária. Em nossas visitas ao Conjunto, no decorrer do projeto, nos deparamos com inúmeras construções de prédios e condomínios. O prolongamento da Prudente é, hoje, certamente, um dos principais pontos de acesso de Natal e foi um dos grandes motivos que tornou Cidade Satélite um lugar tão atrativo para morar. O prolongamento encurtou distâncias, integrou um conjunto residencial isolado ao restante da cidade. Não se pode negar o seu custo ambiental: hoje aquela região não pode ter mais a sua água sendo utilizada pela CAERN por causa da contaminação do nitrato, além da impermeabilização das dunas que dificulta a captura de água pelo lençol freático. Ademais, o fluxo de veículos transitando pelo bairro aumentou bastante, principalmente, por causa dos carros que se dirigem para Parnamirim. Ao se olhar o projeto inicial do Conjunto, com as ruas em forma de "U" desembocando em uma avenida principal, percebe-se que aquela área não foi projetada para suportar um grande tráfego de veículos. Ao analisar as entrevistas, pode-se perceber que é unânime, nos depoimentos, que a Prudente foi importante para o Conjunto. Mais do que isso, foi um marco para a comunidade, seja levando em conta os impactos ambientais, os aspectos de mobilidade ou os conflitos políticos.

"O prolongamento encurtou distâncias, integrou um conjunto residencial isolado ao restante da cidade."



Caos habitacional: o abandono de moradias no Satélite

Thaiany Soares

“Caos habitacional: o abandono de moradias no Satélite”

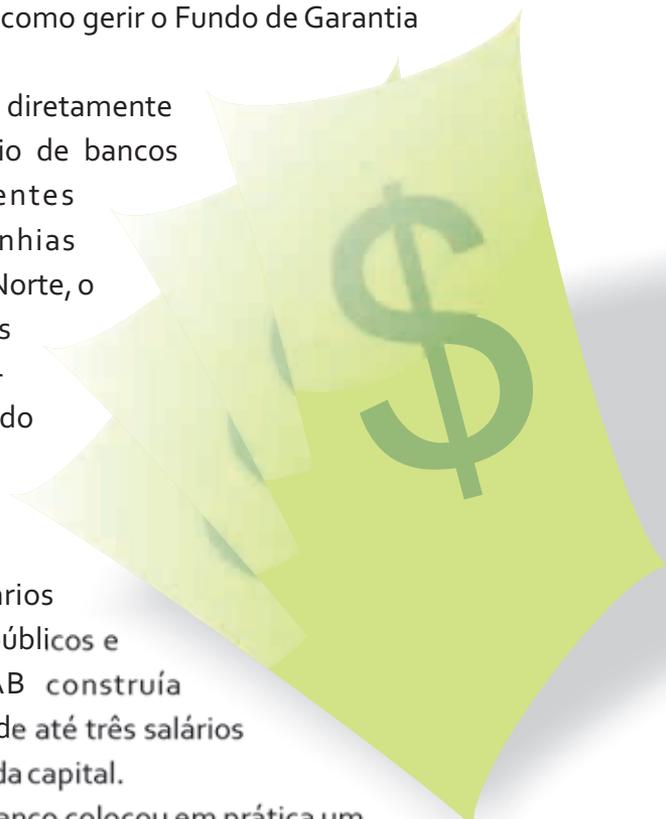
A política habitacional no Brasil cria dimensões gigantescas após a concepção do BNH (Banco Nacional da Habitação). Criado cinco meses após o golpe de 1964, o BNH foi um banco de caráter público, voltado ao financiamento e que tinha por função realizar operações de crédito — sobretudo imobiliário —, bem como gerir o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

Era um banco que não operava diretamente com o público, atuando por intermédio de bancos privados e/ou públicos e de agentes promotores, tais como as companhias habitacionais, no caso do Rio Grande do Norte, o INOCOOP (Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais) e a COHAB-RN (Companhia de Habitação Popular do Rio Grande do Norte).

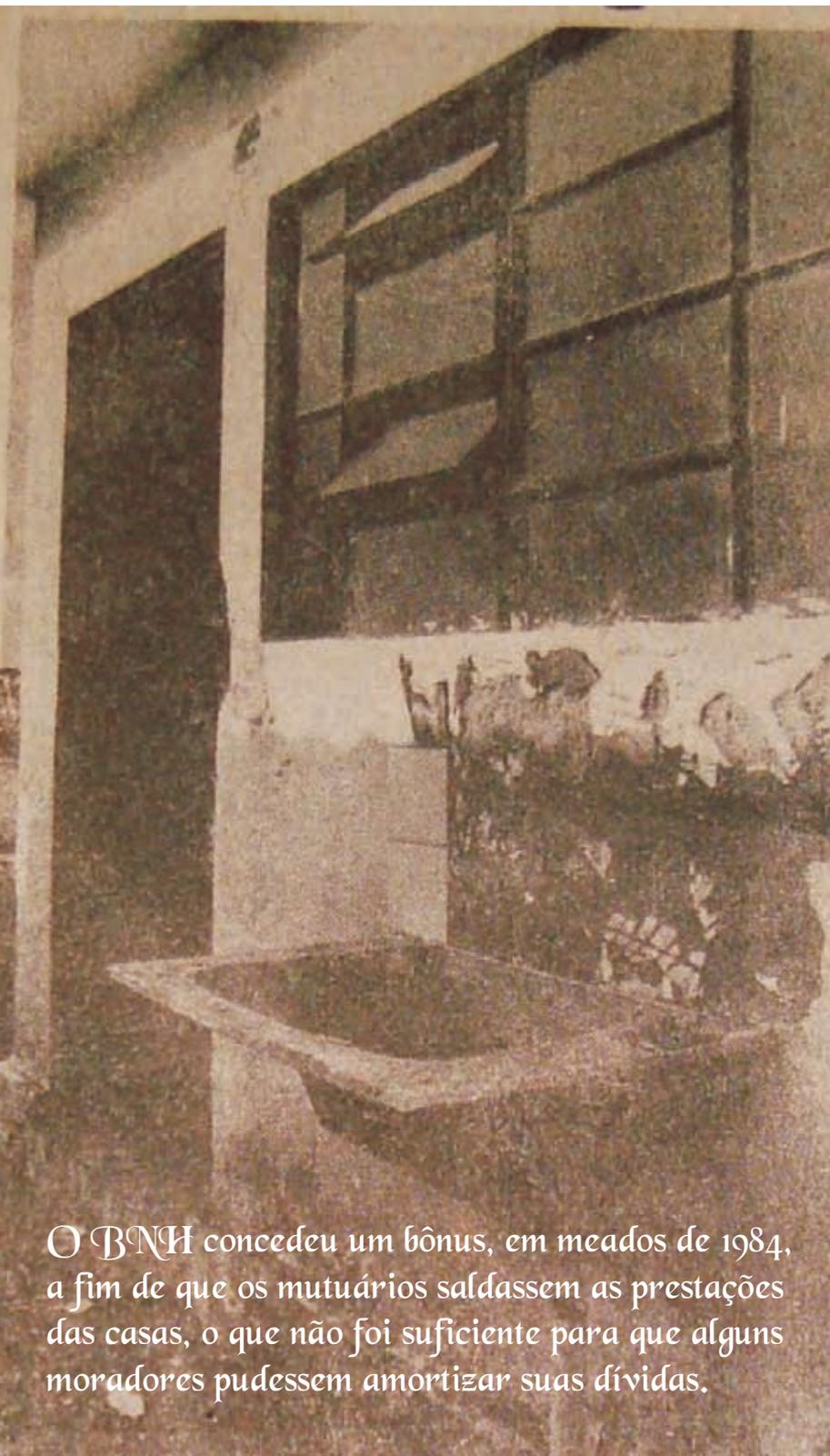
O INOCOOP era responsável por construir moradias para os que tivessem renda acima de cinco salários mínimos, a maioria deles funcionários públicos e militares aposentados; já a COHAB construía residências para os que tivessem renda de até três salários mínimos, principalmente na Zona Norte da capital.

Entre os anos de 1974 a 1980, o Banco colocou em prática um modelo que autorizava os agentes financeiros a operar com juros liberados, o que significou, na prática, um sacrifício de dinheiro advindo dos recursos do FGTS para que se financiassem construções para as classes médias e altas. Ao fim da ditadura militar, o BNH contabilizaria a construção de 4,3 milhões de residências.

A crise econômica e o desemprego do início da década de 1980 aumentaram os saques do FGTS e da Caderneta de Poupança, as duas principais fontes de recursos para o sistema de moradia. No ano de 1984, pressionados por um reajuste de 190% nas prestações, 53% dos mutuários deixaram de pagar suas parcelas. Isso foi notado em Cidade Satélite, onde muitos abandonaram suas casas ou então, simplesmente, deixaram de pagar as prestações.



O BNH foi um banco de caráter público, voltado ao financiamento habitacional e que tinha por função realizar operações de crédito.



O BNH concedeu um bônus, em meados de 1984, a fim de que os mutuários saldassem as prestações das casas, o que não foi suficiente para que alguns moradores pudessem amortizar suas dívidas.

[...] O quadro do conjunto é constrangedor: muitas casas abandonadas, com partes deterioradas, sem pias, paredes rachadas, tudo demonstrando que seus moradores foram embora por causa da prestação alta e porque a qualidade da construção é desestimulante. (DIÁRIO DE NATAL, 1984)

O BNH concedeu um bônus, em meados de 1984, a fim de que os mutuários saldassem as prestações das casas, o que não foi suficiente para que alguns moradores pudessem amortizar suas dívidas. Desse modo, o abandono de moradias permaneceu uma constante.

Essa prática complicou a vida dos que preferiram ficar no Conjunto, já que as casas sem moradores serviam aos marginais como local de vandalismo e depredação e, ainda, como ponto de observação para roubar outras casas. A segurança era dificultada pela falta de um policiamento mais ostensivo, o que deixava a população em pânico.

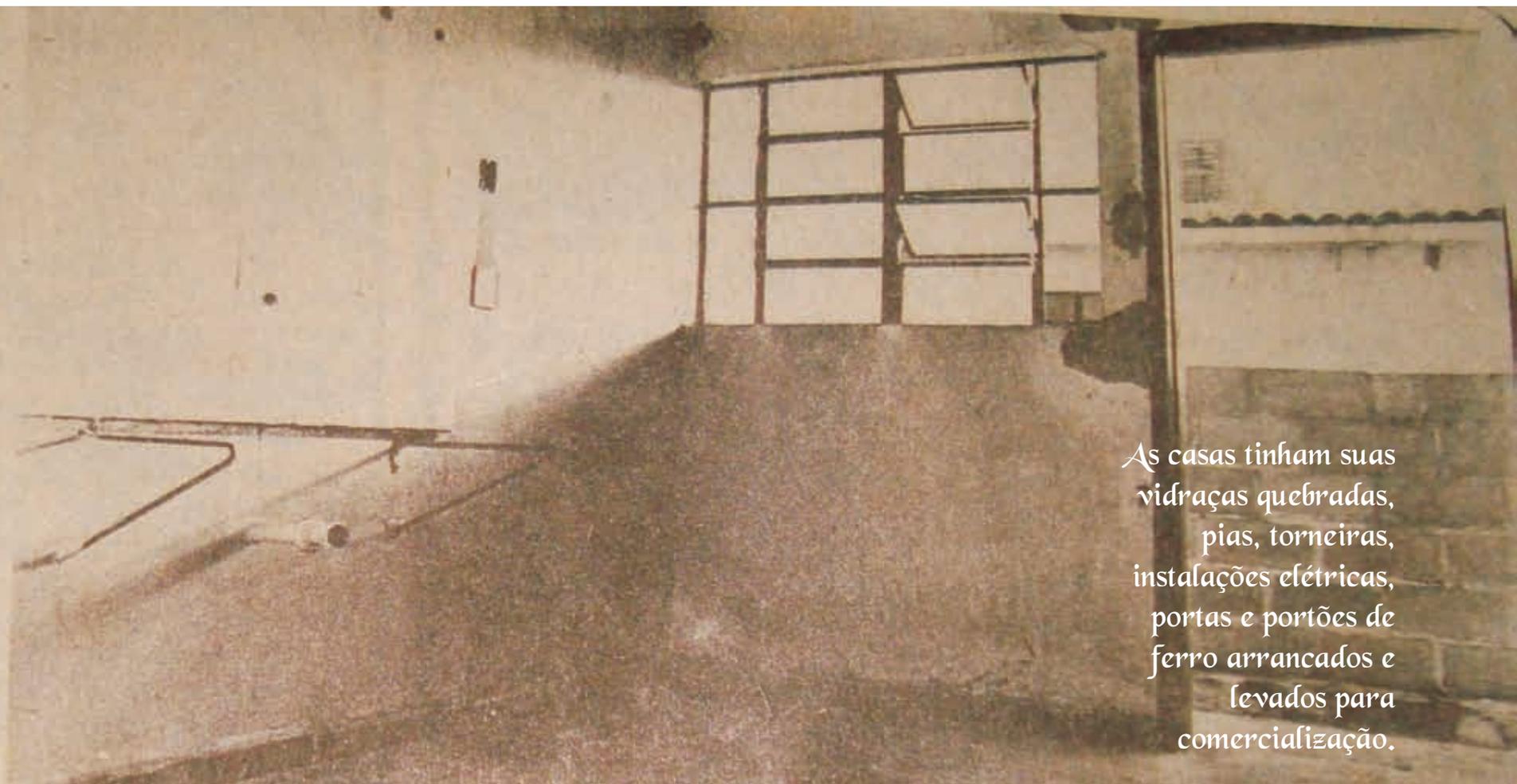
As prestações das residências variavam de acordo com o tipo de cada casa. A mais cara era tipo "A" - que possuía área grande, três quartos, sala, cozinha e banheiro, cuja prestação era Cr\$ 181 mil. Com o bônus, o valor ia para Cr\$ 137 mil. As casas mais baratas, tipo "D" - um quarto, sala, cozinha e banheiro, tinham prestações de Cr\$ 74 mil. Antes do bônus, os mutuários pagavam Cr\$ 100 mil.

Mesmo com essa redução, o impacto das prestações não é amenizado. Alguns moradores, sem ter pra onde ir, a não ser prender-se novamente ao aluguel, resolvem permanecer em Cidade Satélite. Muitos deixaram de pagar e continuam a morar sem que houvesse notificações de cobranças por parte do agente financeiro.

Em entrevista, a moradora Maria de Fátima Soares Cardoso, que está no Conjunto desde a fundação, aponta os motivos para o abandono das casas em Cidade Satélite:

[...] como eu lhe falei, naquele momento, a prestação não era muito acessível e foi piorando, o que aconteceu, o pessoal saía devido à prestação. [...] Tinha gente que ficava desempregada, tem uma pessoa aqui na minha rua que trabalhava na indústria e ficou desempregado, e ele precisou ir embora, deixou a casa... Ninguém sabe. Eu sei que tinha muita casa abandonada, muita mesmo. (CARDOSO, 2009)

Ao que parece, não havia nenhum tipo de ação fiscalizadora nas residências abandonadas e, assim as casas tinham suas vidraças quebradas, pias, torneiras, instalações elétricas, portas e portões de ferro arrancados e levados para comercialização. Quando tantos precisavam - e ainda precisam, neste país de uma moradia digna, o que acontecia em Cidade Satélite era um assombroso desperdício.



As casas tinham suas vidraças quebradas, pias, torneiras, instalações elétricas, portas e portões de ferro arrancados e levados para comercialização.

O Banco foi extinto em 1986, através do Decreto Legislativo nº 2.291/86, o qual repassou a execução da política habitacional à Caixa Econômica Federal. Naquele momento, as casas passaram a ser pagas à CAIXA de maneira direta. Algumas residências que estavam abandonadas foram leiloadas pelo Banco e muitas pessoas puderam adquirir sua casa própria por esse artifício.

[...] a Caixa Econômica estava fazendo leilão das casas de Cidade Satélite, porque as casas estavam sem pagamentos, ainda estavam colocando em leilão as casas que estavam inadimplentes. (COELHO, 2009)

Em outros casos, as pessoas simplesmente doavam as casas, passando o nome da escritura para outro mutuário que se disponibilizasse a pagar a fim de que seu nome não fosse parar no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC).

Cidade Satélite passou por um caos habitacional que fez com que muitos moradores deixassem para trás o sonho de possuir uma casa própria

Por fim, Cidade Satélite passou por um caos habitacional que fez com que muitos moradores deixassem para trás o sonho de possuir uma casa própria. Construir um conjunto com um imenso número de casas era necessário, apenas não se esperava que a inflação da década de 1980, cujos coeficientes eram inconcebíveis, aumentasse as prestações e, assim, fortaleceu-se entre os mutuários a campanha popular pelo boicote dos pagamentos.



Um conjunto rotulado: “Cidade Satélite, a cidade dormitório”

Gabriela Fernandes
Thaiany Soares

Um conjunto rotulado: "Cidade Satélite, a cidade dormitório"

Morar em Cidade Satélite, logo na sua fundação, era uma aventura à parte. No início de sua construção, o Conjunto enfrentava vários problemas: as linhas de transporte eram precárias; havia apenas um acesso para veículos, as linhas telefônicas eram um luxo dos mais abastados. Enfim, o Conjunto apresentava-se isolado da cidade, com diversos problemas de infraestrutura. Tipicamente residencial, Cidade Satélite era habitada, principalmente, por casais jovens, recém-casados, militares e funcionários públicos.



A cooperativa responsável por coordenar as construtoras foi o INOCOOP - Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais, que "vendeu Satélite como a melhor coisa do mundo, o paraíso".

Houve muita propaganda no sentido de incentivar as pessoas a morar em Cidade Satélite, já que era distante do centro da cidade e, por isso, muitos não queriam ir para lá devido à distância. O próprio nome do conjunto diz tudo; um satélite, algo que fica girando em torno de outro corpo, ou melhor, uma comunidade que dependia do centro da cidade por não possuir infraestrutura satisfatória e que ficava à margem da cidade, numa região periférica.

A nomenclatura "Cidade Satélite" batizaria esse que já fora considerado um dos

Tipicamente
residencial,
Cidade Satélite
era habitada
principalmente por
casais jovens,
recém-casados,
militares e
funcionários
públicos.

maiores conjuntos da América Latina:

Pensou-se em um grande conjunto habitacional, em Natal, pois o déficit habitacional era muito grande e, portanto, precisaria de muitas unidades. Tinha que se levar para periferia da cidade, pois já não havia mais espaço. (SILVA, 2009)

Em entrevista concedida ao periódico informativo "Consenso", em outubro de 1997, Rosário Porpino - tida por muitos como "a mãe da Cidade Satélite", por ter sido a idealizadora do projeto de Cidade Satélite, quando ocupava o cargo de Superintendente do INOCOOP, afirmou que o nome do Conjunto Habitacional foi fruto de um comentário que fez à imprensa ao falar sobre o projeto:



C. - Porque o nome Cidade Satélite?

R.P. – Quando tivemos a idéia do projeto fomos criticados pela sua extensão. Muitos diziam que ia provocar problemas. Com o tempo viu-se que seria uma fonte de emprego e de renda para a prefeitura. A partir daí veio a imprensa saber como era o projeto. Foi quando eu disse que ia ser uma espécie de "Cidade Satélite". No outro dia qual não foi minha surpresa, ao ler nos jornais: "Inoocop cria a Cidade Satélite, o maior conjunto de Natal". A partir daí o nome pegou e ficou até hoje.

*(Entrevista com Rosário Porpino
- Fonte: Consenso - outubro - 1997)*

Na sua entrevista, Porpino considera que a caracterização do Conjunto como “cidade dormitório” foi devido ao fato de os primeiros habitantes serem oriundos de diversos lugares, o que culminava com a não existência de ligação entre os moradores, uma vez que esses não tinham características em comum. Entretanto, Rosário Porpino considera que futuramente surgiria, em Satélite, uma geração que possuiria forte identificação, e não teria necessidade de deslocar-se para fora do Conjunto em busca de serviços essenciais, já que Cidade Satélite disponibilizaria a infraestrutura necessária para atender sua população.

Com o passar dos anos, a projeção de Rosário Porpino parece não ter obtido êxito. A maioria dos moradores afirma que atualmente o Conjunto não possui infraestrutura adequada. Não existem bancos, o serviço de saúde é deficiente, a segurança é falha, entre outros serviços considerados essenciais, que ainda deixam a desejar.

O único setor que aparenta não receber reclamações, atualmente, é o setor de transportes. A comunidade considera que existem muitas linhas de ônibus, diferentemente da situação enfrentada no início da história do Conjunto, quando as distâncias imperavam e a locomoção apresentava-se como uma saga. Os moradores tinham que sair muito cedo de suas



A caracterização do Conjunto como “cidade dormitório” foi devido ao fato de os primeiros habitantes serem oriundos de diversos lugares, o que culminava com a não existência de ligação entre os moradores.

casas para esperar os meios de transportes coletivos e, como o Conjunto era muito extenso, dependiam de uma espécie de circular, denominado “cata-corno”, para deslocarem-se entre as etapas. Havia poucas linhas de ônibus e apenas uma entrada para o Conjunto. Com o passar dos anos, novas linhas foram disponibilizadas. O prolongamento da Avenida Prudente de Moraes também foi essencial nesse encurtamento das distâncias.

Apesar das modificações que ocorreram no Conjunto, muitos moradores ainda percebem a comunidade como um “conjunto dormitório”, no qual as pessoas somente estão em casa durante a noite. Os espaços de trabalho, educação e lazer estão concentrados fora do

Perfil de um cidadão Satelitano

Augusto acorda às 7:00 h. Toma café da manhã tranquilamente e sai para o seu trabalho de funcionário público. Ao chegar a repartição, comenta com os companheiros as constantes chuvas que têm caído na cidade e que por isso as ruas do bairro onde mora estão bastante esburacadas.

- Quase não se pode sair de casa com tanta chuva e buracos, isso é um absurdo, mas o que é que se pode fazer? - diz Augusto.

- Não esquenta Augusto - responde seu amigo. - Isso com o tempo se resolve.

Depois de toda falação no início de trabalho, Augusto procura se concentrar no seu serviço de contador na Secretaria da Fazenda do Estado. Chegando só à noite em casa, conversa com a esposa Marta e combina o programa para o final de semana. Irão no sábado à noite ao cinema e domingo passarão o dia "rodando" as praias do litoral sul. De repente alguém toca a campainha.

- Seu Augusto - grita a vizinha com um garoto de sete anos do lado. - Por favor, poderia levar meu filho ao hospital do centro da cidade? Ele sofreu um corte brincando na rua e os postos de saúde daqui não estão funcionando.

- Mas logo agora, acabei de chegar e estava doído para descansar. Tudo bem, deixa eu tirar o carro da garagem.

No caminho para o hospital a mãe do menino vai falando sobre os problemas do bairro e os transtornos que eles trazem para os moradores, e Augusto consegue apenas dizer uma série de "é mesmo?!".

- Puxa, seu Augusto, como o senhor tem um bom emprego, carro novo, nem procura se preocupar com as coisas que acontecem na comunidade - falou a vizinha já nervosa.

- É dona Francisca - diz Augusto. - A Cidade Satélite para mim é um bairro só para dormir.

Conjunto e deslocados para bairros considerados mais próximos do "centro da cidade".

Essa alcunha "cidade dormitório" parece ter persistido desde o início da fundação do Conjunto e muitos moradores consideram que, com o passar dos anos, o caráter dormitório do Conjunto tem-se fortalecido, pois permanece uma comunidade essencialmente residencial. Os habitantes do Conjunto consideram que anteriormente existiam muitas crianças pelas ruas, que brincavam nos campinhos espalhados na região, empinavam pipas, subiam morros, aproveitavam os espaços de lazer e diversão, que embora precários, atendiam à necessidade daquele público.

Atualmente, cenas de crianças brincando pelas ruas do Conjunto passaram a ser raridades. Com as transformações no campo da telecomunicação, a difusão da Internet e o surgimento de brinquedos eletrônicos, cada vez mais chamativos, ocorreu uma mudança nas formas e no espaço de diversão dessas crianças. Além disso, o próprio encurtamento das distâncias, sobretudo após a inauguração do prolongamento da Prudente de Moraes, fez com que essas crianças passassem a ter outros espaços de entretenimento em outros bairros e localidades. Assim, surgiram outras preferências: as crianças, adolescentes e jovens preferiam ir para os "shoppings", para os cinemas, barzinhos e parques, que existiam fora do Conjunto Cidade Satélite, contribuindo para enfatizar o estigma do Conjunto, enquanto "cidade dormitório".

“Atualmente, cenas de crianças brincando pelas ruas do Conjunto passaram a ser raridades.”

Alguns moradores consideram que o encurtamento das distâncias e a melhoria no setor de transportes contribuíram para diminuir esse estigma do Conjunto, uma vez que as pessoas podiam sair de seus empregos na hora das refeições e dirigirem-se para suas casas, o que fazia com que o Conjunto fosse um espaço vivo durante o dia e não ganhasse forma apenas à noite. Muitos habitantes também passaram a desenvolver seus próprios negócios no Conjunto,

contribuindo ainda mais para que a comunidade ganhasse vida.

Então já outras pessoas começaram a desenvolver suas atividades aqui. Eu acho que esse rótulo, "Cidade dormitório", já foi quebrado um pouco, até mesmo pela facilidade de transporte, com a abertura da Prudente de Moraes, então, tudo isso veio a contribuir para que esse rótulo fosse quebrado e, hoje, é um bairro normal, habitacional. Eu, pelo menos, considero desta maneira. (SANTOS, 2009)

Assim, nota-se que, para alguns, o estigma foi quebrado por meio da força crescente do comércio, principalmente na Avenida dos Xavantes e proximidades e da melhoria nas rotas de ligação do centro da cidade para o Conjunto. Já para outros, essa questão de ser um "conjunto dormitório" está mais presente atualmente, visto que as pessoas ficam mais dentro de suas casas, seja por medo da insegurança ou pelo cansaço do dia a dia.

Portanto, observa-se dessa forma, que existem dois pontos de vista distintos sobre esse rótulo entre os moradores do Conjunto. Na verdade, percebe-se de uma maneira geral, que o ocorrido, em Cidade Satélite, talvez seja o mesmo que acontece em outros conjuntos residenciais da capital: perda dos velhos costumes e insegurança. Se na década de 1980, o rótulo devia-se a fatores relacionados à distância do centro e falta de comércio expressivo, no século XXI, com esses problemas minimamente sanados, pode-se dizer que o costume de conversar com os vizinhos nas calçadas foi afetado por medo e sensação de insegurança. Ao chegar do trabalho, cada um tranca-se em casa, tornando-se alheio ao que acontece ao seu redor.







Católicos e Evangélicos em Cidade Satélite: um crescimento paralelo

Thiago Gladys

“Católicos e Evangélicos em Cidade Satélite: um crescimento paralelo”

Tomando como base a maneira de como os grupos religiosos cristãos (Católicos e Protestantes) se estabeleceram em Natal, pode-se traçar diferenças com relação ao aparecimento desses mesmos grupos no Conjunto Cidade Satélite. No primeiro caso, em relação à chegada dos católicos romanos à Natal, existe um estabelecimento simultâneo à vinda dos portugueses, obviamente por ser a religião oficial do estado português. Os primeiros grupos protestantes só chegam à Natal no final do século XIX¹, com a vinda de missionários norte-americanos.

Passados mais de quatro séculos da chegada dos católicos e quase cem anos da chegada dos protestantes, com a fundação e expansão do Conjunto Cidade Satélite, o crescimento desses grupos, nessa localidade, ocorre de maneira paralela. No entanto, deve ser levado em consideração que as duas manifestações de cristianismo já estavam estabelecidas na cidade e ambas demonstram interesses em expandir o rebanho de fiéis no Conjunto, com discursos e práticas que não apresentam manifestações mais agressivas entre eles, diferente do período em que os protestantes chegaram na cidade, quando há inúmeros debates em jornais e troca de acusações e até ofensas entre evangélicos e católicos.

Nessa perspectiva, realizou-se uma série de 13 entrevistas com moradores e ex-moradores do Cidade Satélite, com destaque para o depoimento de dois líderes religiosos, as principais fontes de pesquisa para o trabalho: um da Igreja Católica, o pároco da Igreja São Francisco de Assis, José Zilmar, o outro presbítero e fundador da Igreja Assembleia de Deus do Conjunto Cidade Satélite, o irmão Josadaque Oliveira. Ao analisar as duas entrevistas, podemos perceber semelhanças e diferenças entre os dois grupos cristãos.

É perceptível o interesse de ambos os grupos expandirem o número de fiéis. Na entrevista com o Padre Zilmar, ele afirma que foi para Cidade Satélite por determinação do arcebispo:

“... Foi designação do senhor arcebispo na época, Dom Nivaldo Monte. Aqui era um conjunto que estava construído e não tinha um padre

¹ Levando em consideração a chegada e o estabelecimento, grupos anteriores de protestantes existiram durante o domínio holandês, mas foram expulsos quando os holandeses foram forçados a deixar o Nordeste.

Segundo dados do IBGE, o Cristianismo é a principal religião do Brasil, e se divide em dois principais grupos: católicos, que representam 73,8% da população (Censo 2000); e os evangélicos, com 15,45% da população (Censo 2000). Esse dado é perceptível ao se andar pelas ruas da cidade e deparar-se com uma infinidade de templos cristãos, sejam católicos, sejam protestantes.

*residindo. Então, eu fui o primeiro residindo aqui e trabalhando.”
(ANDRADE, 2009)*

Ao tomar como base os outros Conjuntos habitacionais, em Natal, é comum que já no período de construção se pense no estabelecimento de uma paróquia, como foi o caso dos Conjuntos Potilândia, Mirassol e Cidade da Esperança. Há um interesse não só de dar assistência aos católicos que irão residir ali, mas como também expandir o “campo missionário”. Do mesmo modo, dá-se com o grupo da Assembleia de Deus que, logo quando membros da Igreja passam a morar no Conjunto, sentem a necessidade de um local para congregar. Entre as igrejas protestantes, existem diversas características doutrinárias e comportamentais. A Igreja Assembleia de Deus, que pode ser denominada como Pentecostal histórica, tem como característica muito forte o evangelismo leigo, não ligado diretamente à instituição, como foi o caso da chegada no Satélite, como conta o depoimento do senhor Josadaque:

“A igreja do Cidade Satélite é interessante. A Igreja Assembleia de Deus é uma igreja que evangeliza e muito! A primeira coisa que tínhamos que fazer era juntar gente para congregar. Nós tínhamos hábitos de estarmos nas congregações, na igreja central e em outras. Rosa congregava em Lagoa Seca, em uma igreja grande que ainda hoje tem lá. Quando chegamos em Cidade Satélite não tinha congregação, não tinha igreja. Então já éramos em torno de dez famílias ou mais, que moravam no Satélite e eram evangélicas. Assim, começamos a nos reunir em uma casa e fundamos a Congregação de Cidade Satélite.” (OLIVEIRA, 2009)

O evangelismo leigo é enfatizado como uma das principais características da Assembleia de Deus, como afirma Freston:

“A AD se espalhou, não só com a ação planejada dos líderes, mas também pela mão de leigos, geralmente pessoas simples. Aliás, a expansão para outros Estados parece ter sido provocada pelos leigos...” (FRESTON, 1994 p. 82)

“Há um interesse não só de dar assistência aos católicos que irão residir ali, mas como também expandir o “campo missionário”.”

É perceptível a presença das famílias no discurso tanto do Padre, quanto do Irmão

Josadaque, o primeiro afirma que procurou ajuntar pessoas:

Ninguém conhecia ninguém. Então a gente foi devagarzinho, mantendo o contato com o pessoal (...) Por exemplo, festa do padroeiro, dia quatro de outubro. Naquela época, eu tinha que correr atrás de tudo: de iluminação da praça, ir atrás de candidatos, entre outras coisas (...) A comunidade se une mais, vai desaparecendo aquela desunião que existe nas famílias, estas se unem e passam a trabalhar em conjunto. Numa equipe dessa, aparecem elementos que ninguém conhecia, se tornam amigos e passam a trabalhar na comunidade. (ANDRADE, 2009)

Da mesma maneira, Josadaque afirma que o grupo de evangélicos ali eram em torno de dez famílias, e que eles procuraram se juntar:

Quando chegamos em Cidade Satélite não tinha congregação, não tinha igreja. Então já éramos em torno de dez famílias ou mais, que moravam no Satélite e eram evangélicas. Assim, começamos a nos reunir em uma casa e fundamos a Congregação de Cidade Satélite. (OLIVEIRA, 2009)

Apesar das duas Igrejas terem origem no ajuntamento de famílias, as iniciativas para o início dos trabalhos são inversas. Na Igreja Católica, a iniciativa, como já citado anteriormente, parte da alta hierarquia da Igreja, que vê a necessidade de um trabalho católico. Já na Assembleia de Deus, a iniciativa parte dos próprios membros, para depois procurarem a instituição e oficializar o trabalho.

É notório que ambos os trabalhos tiveram um rápido crescimento. O Irmão Josadaque afirma que a Igreja foi organizada em 25/09/1983, levando em consideração que o trabalho de Cidade Satélite está ligado à Igreja Central. Dessa forma, a Igreja de Cidade Satélite estará sempre vinculada ao Templo Central de Natal, localizado no bairro do Alecrim. A Igreja Assembleia de Deus tem essa característica de definir os seus campos de atuação, levando em consideração a questão geográfica. Já a Paróquia de São Francisco de Assis foi instituída em 1988, mas antes disso, o Padre Zilmar já residia em Cidade Satélite, e vinculado à Paróquia de Candelária, dava assistência pastoral à Capela da Comunidade.

Outro fato relevante é que ambos têm um discurso amistoso quando perguntados sobre o outro, como no caso do Padre Zilmar ao falar sobre a chegada dos evangélicos:

Apesar das duas igrejas terem origem no ajuntamento de famílias, as iniciativas para o início dos trabalhos são inversas.



"Nós temos uma política de boa vizinhança, nunca tratamos mal ninguém, se alguém vem aqui nós tratamos com delicadeza, não jogamos pedra em ninguém. Respeitamos e temos o chamado ecumenismo que é uma instituição da Igreja Católica em todo o mundo para ter essa boa convivência." (ANDRADE, 2009)

Da mesma maneira, o irmão Josadaque fala de maneira amistosa sobre a Igreja Católica:

"... O trabalho deles nós não conhecemos. A Igreja Católica tem um relacionamento amistoso conosco, não temos nenhum problema com eles, há outro templo deles próximo ao Colégio Pinto, também nós temos um templo ali próximo a eles, mas nunca tivemos nenhum problema com a Igreja Católica. Graças a Deus, a vivência é amistosa!" (OLIVEIRA, 2009)

Um sinal dessa
ascensão da Igreja
Assembleia de
Deus é a sua
preocupação com
a história.

O discurso do irmão Josadaque deve ser analisado dentro do contexto do crescimento da Assembleia de Deus que, segundo FRESTON (1994, p. 92), passou por um "aburguesamento" e vem se preocupando com a respeitabilidade social, que faz com que se adote um discurso mais moderado, diferentemente do que afirmavam seus pais fundadores, que possuíam um discurso mais hostil a outros credos. Outro sinal dessa ascensão da Igreja Assembleia de Deus é a sua preocupação com a história:

"Um dos sinais da passagem para a 'igreja erudita' é a preocupação com a história. Quanto mais erudita a igreja, tanto mais ela procura controlar,

*entre seus fiéis, narrativas não-oficiais sobre os seus próprios começos.”
(FRESTON, 1994, p 93)*

O próprio irmão Josadaque nos cedeu um Histórico Oficial da Igreja e pediu para que conversássemos com o pastor da Igreja, o que demonstra a institucionalização da Assembleia de Deus.

Outra característica dessa ascensão social é a construção do templo, na Rua da Gameleira, no qual o irmão Josadaque define como um dos mais belos templos do Rio Grande do Norte. Se levarmos em consideração que a arquitetura das igrejas evangélicas tende a ser bem funcional, o templo da Assembleia de Deus pode ser considerado “acima da média”, pois possui melhor acabamento, se comparado a outros templos evangélicos, além de contar com determinados “luxos”, como o sistema de climatização.



O templo da Paróquia São Francisco de Assis, ao contrário da Assembleia, pode ser considerado bem simples, se comparado às outras construções católicas que são marcadas pelo alto valor arquitetônico.



Como visto na foto, o estilo de construção da Igreja é simples, localizada em uma praça, que no período da festa do Padroeiro é utilizada para a realização das festas comemorativas, como afirma o padre Zilmar:

"Sempre, todo o ano tem festa do padroeiro. É hábito nosso celebrar a festa do padroeiro dia quatro de outubro (...) Na festa do padroeiro existe

a movimentação espiritual e material, nela arrecadamos alguma coisa materialmente para as obras da igreja. (...)Acontece a interna dentro da igreja e a externa fora. Depois da novena há comes na praça, shows, animação, confraternização acima de tudo. (ANDRADE, 2009)

A festa do padroeiro de Cidade Satélite não é considerada tão grande assim, alguns dos entrevistados, afirmam que ela não é tão grande pelo fato de o padre ser mais conservador e, dessa forma, não dar muita importância ao lado profano da festa.

Os cristãos de Cidade Satélite exercem também trabalhos sociais, principalmente, no bairro vizinho, o Planalto:

"... Fazemos um trabalho com as que existem ainda aqui no Planalto, o bairro vizinho, que quando chegamos aqui era muito pequeno, com favelas soltas, e hoje é uma verdadeira cidade. Atualmente nós temos um trabalho. Famílias nossas, motivadas, estimuladas por nós, foram até lá, fizeram campanhas, compraram um terreno, construíram um prédio pequeno para o pessoal se reunir e promovem aulas de culinária e corte e costura. Todo sábado, a nossa equipe vai até lá para movimentar a vizinhança." (ANDRADE, 2009)

Assim como os católicos desenvolvem um trabalho no bairro Planalto, o irmão Josadaque destacou, no contato inicial um trabalho da Igreja Assembleia de Deus, onde também são ministradas aulas de artesanato e culinária. Mas o maior apoio dado foi quando eles pararam a construção do templo em Satélite para construir o templo do Planalto:

"O Planalto necessitava que fosse feita uma igreja lá. (...) Paramos a nossa obra no Conjunto Cidade Satélite e fomos construir. Compramos



**Os cristãos de
Cidade Satélite
exercem trabalhos
sociais,
principalmente, no
bairro vizinho, o
Planalto.**

um terreno no Planalto, a igreja central nos ajudou. Lá construímos um templo que ainda hoje está lá, para que já abrigasse as famílias que estavam chegando para morar no Planalto. Construímos o templo. Eu me lembro que foi outro trabalho de pedreiro que fizemos. Participei cobrindo, batendo o martelo ali em ripa, jogando telha. (...) Com o passar do tempo, construímos o prédio do Planalto.” (OLIVEIRA, 2009)

Algo que deve ser ressaltado e que aparece nos depoimento é o papel que os grupos cristãos tiveram para integrar a comunidade, como afirma a senhora Fátima Cardoso, membro da Ordem Franciscana secular:

“Uma grande contribuição, e eu acho que sem a igreja nada disso tinha se construído em termos de amizades, em termos de grupos. Porque quando a gente recebeu o conjunto já foi com a Igreja, já tinha uma pessoa responsável que era no caso Candelária, mas trouxe um pároco pra cá, depois se tornou paróquia, antes era ligada a Candelária, mas a Igreja teve fundamental importância. Através da Igreja que tem Campanha da Fraternidade, tem vários grupos que se reúnem no final do ano que é o “Natal em Família”, então tem toda uma movimentação, tem o mês de maio, a Igreja tem esse trabalho de agregar. Então é uma contribuição sem tamanho, sem esse trabalho, aqui, a gente não conseguia ter amizades com as pessoas, é mais difícil.” (CARDOSO, 2009)

Atribui-se também ao convívio com a Igreja Católica o florescimento de amizades e maior integração entre os moradores:

Assim, a Igreja serve, nesse elo, para unir as pessoas, para as pessoas se conhecerem mais. Se não fosse a Igreja, talvez muita gente nem se conhecesse, aqui no bairro. Eu acho que ela faz muito esse trabalho. Tem

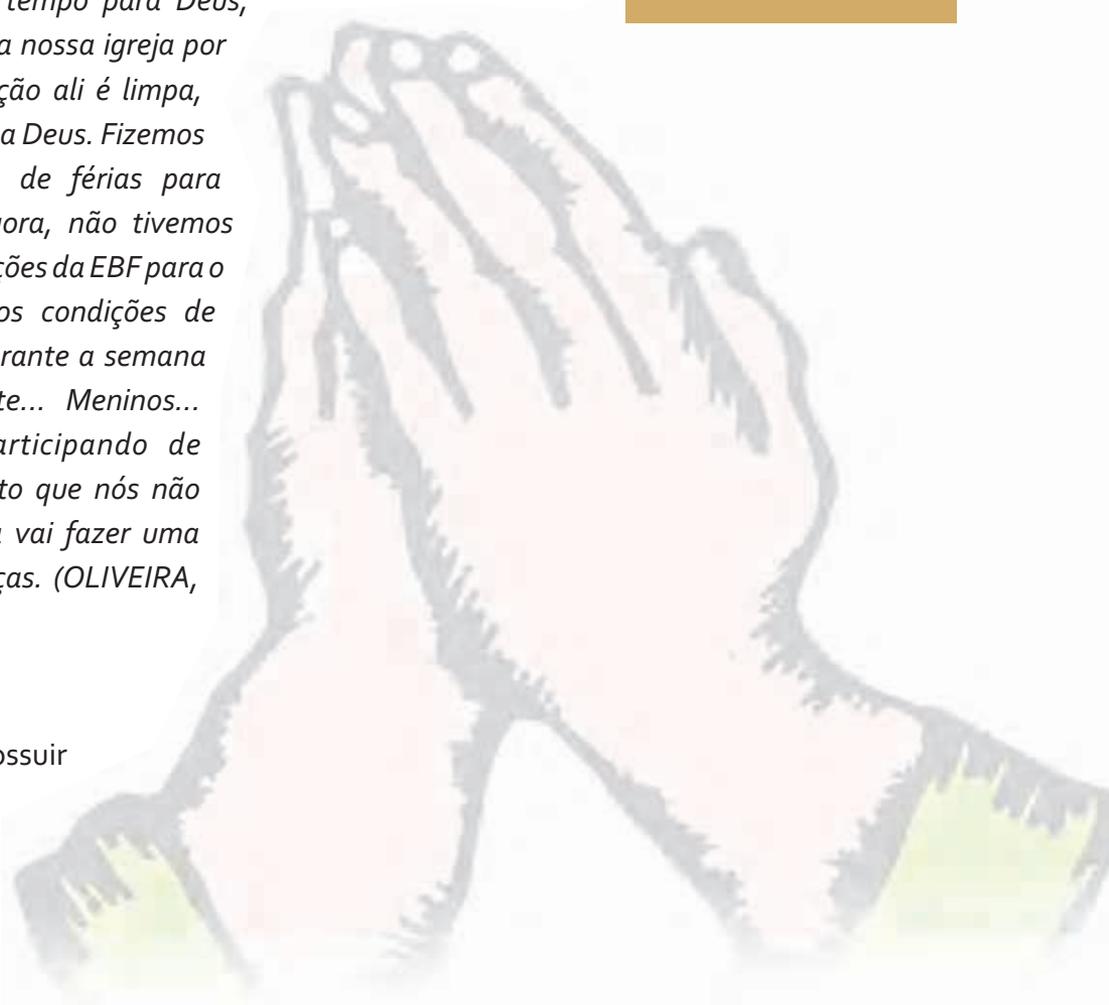
o trabalho de evangelização, de levar a palavra de Deus, tudo isso, mas acima de tudo tem o papel de fazer essa integração, de juntar as pessoas. Pelo dia a dia, você vê. Aqui a rua parece um deserto. Às da manhã, praticamente, você não vê muita gente na rua. A Igreja também tem esse papel. (LIMA, 2009)

Os grupos cristãos tiveram um importante papel na integração da comunidade.

Do mesmo modo, o irmão Josadaque afirma que a chegada da Assembleia de Deus serviu para aproximar os moradores e que, hoje, desenvolvem trabalhos que envolvem as pessoas da comunidade, como é o caso da Escola Bíblica de Férias para crianças:

Pais que não têm muito tempo para Deus, mandam seus filhos para a nossa igreja por saberem que a programação ali é limpa, justa e que só leva o jovem a Deus. Fizemos uma EBF, escola bíblica de férias para crianças, e nesse ano agora, não tivemos condições de abrir as inscrições da EBF para o setor, porque não tivemos condições de colocar, faltou espaço. Durante a semana da EBF, não cabia gente... Meninos... Garotos... Correndo, participando de oficinas no estacionamento que nós não temos, a prefeitura agora vai fazer uma praça ali, lotado de crianças. (OLIVEIRA, 2009)

Cidade Satélite, hoje, apesar de não se possuir dados mais detalhados, tem uma grande quantidade de igrejas cristãs, em sua maioria protestantes que, por serem independentes, possuem uma maior facilidade de crescimento. Há Igrejas que possuem destaque no Conjunto, como a Igreja Assembleia de Deus e a Igreja



Batista Regular. Há, em Satélite, igrejas evangélicas de tradição reformada, como a Luterana, mas é também notada a expansão dos evangélicos neo-pentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus. Um fato que deve ser ressaltado é o crescimento significativo que os evangélicos vêm tendo desde os anos 1980 até agora. Entre os protestantes, o maior crescimento pertence aos grupos pentecostais e neo-pentecostais. Portanto, apesar de o estabelecimento dos protestantes em Natal ter sido iniciado com a chegada de grupos reformados, como os presbiterianos, no Cidade Satélite, os pioneiros foram os pentecostais, que além de pioneiros têm, visivelmente, a maior quantidade de templos no Conjunto.

Já a Igreja Católica segue os seus trabalhos, com ênfase no ECC (Encontro de Casais com Cristo), o EJC (Encontro de Jovens com Cristo), além de ter sobre sua jurisdição a Capela de Nossa Senhora dos Impossíveis, a Capela de Santa Luzia, em construção, e a Capela do Menino Jesus de Praga. Dessa maneira, percebemos um grande crescimento que tem ocorrido dos grupos cristão em Cidade Satélite, de maneira paralela, sem ofensas diretas e com trabalhos semelhantes.





*Patrimônio Ambiental do
conjunto Cidade Satélite:
essencial para a qualidade de
vida de toda a Cidade do Natal*

Márcia Sena

“Patrimônio Ambiental do conjunto Cidade Satélite: essencial para a qualidade de vida de toda a Cidade do Natal”

A Cidade do Natal, privilegiada por natureza e rica em belezas paisagísticas, tem suas regiões permeadas por patrimônios naturais que ultrapassam a estimativa de qualquer valor econômico ou ambiental que lhe possa ser atribuído. O Conjunto Cidade Satélite, localizado na região sul de Natal, pertencente ao bairro Pitimbu, com vastas áreas verdes, mananciais e dunas, faz parte desse rol de lugares que contribuem para o equilíbrio ambiental da cidade. Sem dúvida, deve-se dar uma importância significativa a este local, visto que a manutenção do ecossistema é garantia de qualidade de vida para todos. Logo, essa responsabilidade de preservação é dada não somente aos poderes públicos, mas também aos moradores da comunidade, em geral.



A temática ambiental, nas últimas décadas, tem se tornado comumente discutida, não só por especialistas em meio ambiente e pelos cidadãos interessados. Ao longo do tempo, é perceptível a preocupação com a manutenção do meio e isto não foi diferente com a população do Conjunto

“Ao longo do tempo, é perceptível a preocupação com a manutenção do meio, e isto não foi diferente com a população do Conjunto Cidade

Cidade Satélite que, anos depois de sua fundação, foi percebendo que as ações de alguns moradores e das imobiliárias responsáveis pela edificação da área alteraram a paisagem de forma que comprometerão a saúde pública e o equilíbrio ambiental a médio e a longo prazo.

Com a construção das casas, grande parte da vegetação nativa foi retirada, ficando o conjunto carente de arborização. Esta problemática encarada pelos moradores impulsionou a iniciativa de alguns habitantes de Satélite para medidas de preservação das áreas verdes remanescentes, comprometidas cada vez mais pela especulação imobiliária e por pessoas do próprio Conjunto que, por muitas vezes, faziam das áreas livres, locais para disposição do lixo doméstico. Sendo assim, fez-se necessária uma medida de combate a essas agressões. Foi então que surgiu um dos primeiros movimentos em prol do meio ambiente: a criação do Horto Florestal.



"Se a gente não fizesse nada pelas áreas verdes, elas iam ser invadidas por alguma coisa (...). Construimos uma sede e começamos a plantar. Transformamos aquilo ali que era uma área de lixo, de lixão; plantamos árvores e começamos a fazer intercâmbio para conseguir árvores raras. Começamos a arborizar aquilo tudo." (COELHO, 2009).

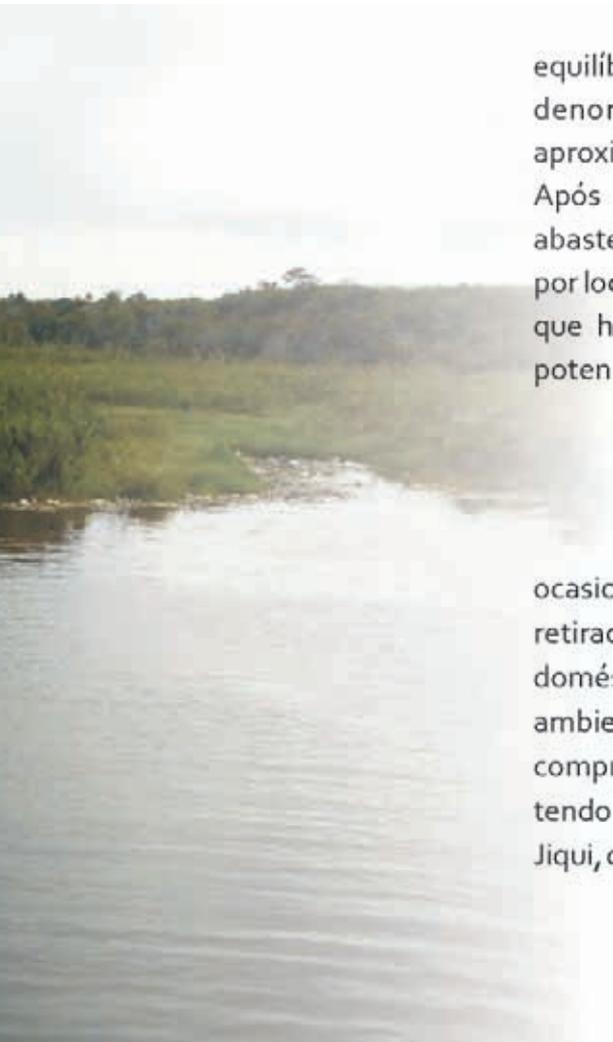
Medida tomada pelos próprios moradores do Conjunto, a criação do Horto teve como objetivos principais a manutenção e desencadeamento da arborização local, despertando na população a consciência da importância que a vegetação tem para qualidade de vida, visando que esta desempenha uma função de filtro do ar, servindo para sua purificação. A arborização retém a umidade do solo, proporcionando um clima mais ameno, gera sombras, tem influência direta no balanço hídrico visto que contribui para infiltração da água no solo, além de ser abrigo para a fauna nativa.



A partir desse primeiro movimento ambiental, a paisagem do conjunto modificou-se. Cidade Satélite retornou as suas características primárias, as árvores voltaram a fazer parte, de forma definitiva, das ruas e casas, e os locais antes arborizados e que serviram por anos como lixões fizeram jus a sua denominação anterior: puderam ser chamados novamente de áreas verdes. Porém, com a valorização crescente da comunidade, as ocupações irregulares das áreas de preservação por particulares tornaram-se, novamente, frequentes. Hoje, são comuns relatos da população sobre apropriações indevidas no Conjunto Cidade Satélite.

Apesar de, inicialmente, o ponto focal das medidas de cuidado para com o meio ser a arborização, outro patrimônio natural merece profundo destaque nos assuntos ambientais do conjunto. Dotado de uma vasta extensão, abrangendo os municípios de Macaíba, Parnamirim e Natal, o Rio Pitimbu é considerado manancial de fundamental importância para o

“A criação do Horto teve como objetivos principais a manutenção e desencadeamento da arborização local.”



equilíbrio sistemático do meio. Tendo sua nascente localizada em uma comunidade denominada Lagoa Seca (pertencente a Macaíba), o Rio segue o percurso de aproximadamente 34 km. Chegando a Parnamirim, é o afluente principal da Lagoa do Jiqui. Após o tratamento da água oriunda do rio, o recurso tratado segue caminho para abastecimento da cidade do Natal. O Pitimbu mantém uma certa constância em seu volume por localizar-se em área de bacia com intensa recarga por parte dos lençóis subterrâneos, visto que há, predominantemente, nessa área campos dunares, considerados filtros naturais, potencialmente propícios à infiltração de águas pluviais.

O Rio Pitimbu sempre foi alvo de ações degradadoras. Ao longo do tempo, os impactos ocasionados por ações desordenadas só aumentou. É perceptível, ao longo do curso do rio, a retirada da mata ciliar, resquícios de incêndios causados por populares, disposição de lixo doméstico, sedimentos de construções, efluente industrial, desencadeando agravantes ambientais como erosão e assoreamento. De maneira cumulativa, esses processos podem comprometer o manancial de forma permanente, prejudicando uma boa parte da população, tendo em vista que 30% do abastecimento da cidade do Natal são provenientes da Lagoa do Jiqui, que é abastecida pelo rio Pitimbu.

Apesar de haver um número significativo de atividades impactantes, é válido salientar um movimento que foi de fundamental importância para minimizar as agressões ao Rio Pitimbu. Criado, em 2000, por um núcleo que se destacava, no Conjunto, por ações em prol do meio ambiente, o Pró-Pitimbu se destacou por possuir uma postura de envolvimento com a comunidade em defesa de um patrimônio pertencente a todos.

Contudo, os interesses econômicos nas regiões que permeiam o manancial, muitas vezes, foram além de propostas de ações que contribuiriam para que o rio se tornasse uma lembrança, apenas mais um recurso natural que um dia fez parte do meio. Fez-se necessário, então, leis específicas para a manutenção da qualidade deste rio, como a Lei nº 5.273/01, enquadrando-o como Zona de Proteção Ambiental e a Lei 8.426/02 que dispõe acerca dos limites de preservação do manancial, sendo, assim, protegido pela legislação, resguardando-o de maiores degradações.

“O Rio Pitimbu sempre foi alvo de ações degradadoras. Ao longo do tempo, os impactos ocasionados por ações desordenadas só aumentou.”



As dunas estão presente, também, no ecossistema local. Barbosa (2002) caracteriza como dunas os montes de areia móveis, com grãos constituídos de quartzo, depositados pela ação constante do vento. Estas podem ser fixas, geralmente tem-se cobertura vegetal predominante, ou móveis, com maior movimentação dos grão de areia pela força do vento, por consequência de não estarem revestidas de vegetação que as fixassem.



O Conjunto Cidade Satélite é privilegiado, visto que em suas encostas é presente esse bioma tão importante. Além de seu aspecto paisagístico, as dunas são, também, responsáveis pelo abastecimento de aquíferos, infiltração da água da chuva, evitando enxurradas, diluição do nitrato presente nas águas do subsolo, habitat de diferentes espécies nativas, obtendo, também, em suas áreas flora e fauna características da mata atlântica, preservando, assim, algumas espécies ameaçadas de extinção. Contudo, são comuns as degradações ocorrentes nesta área, advindas, principalmente, das ações antrópicas, como a disposição de lixo, queimadas, terraplanagem, ocupação irregular, entre outras.

Entretanto, as dunas são enquadradas entre os biomas resguardados por legislações. No âmbito Federal, temos a Lei Nº. 4.771/65 - Código Florestal Brasileiro, que compreende a caracterização das áreas consideradas de preservação permanente e seus possíveis usos, sujeitas à autorização por órgãos ambientais e penalidades decorrentes de possíveis infrações. Na legislação estadual, temos a Lei 7.871 que dispõe acerca do Zoneamento Ecológico-Econômico do Litoral Oriental



do RN “visando à proteção, manutenção e recuperação dos aspectos paisagísticos, históricos, arqueológicos e científicos” das áreas. Considera-se, também, nesta lei, como Áreas de Preservação Permanente, as dunas com e sem cobertura vegetal. Já em âmbito municipal, temos como parâmetro legislativo a Lei 4.100/92, que é o Código do Meio Ambiente do Município do Natal, caracterizando as áreas de preservação e as passivas de uso indireto.

Apesar de, predominantemente, as áreas estarem amparadas pela legislação, muitas são as ações impactantes ali ocasionadas. A falta de consciência dos que fazem uso dos recursos naturais contribui para a degradação intensificada do meio. Infelizmente, os mais atingidos são justamente os cidadãos que fazem uso responsável dos recursos.

São necessários estudos contínuos dos variados ecossistemas e de como estes influenciam, diretamente, na qualidade de vida, não somente das pessoas da comunidade em que os recursos estão inseridos, mas na manutenção, de modo geral, de todas as formas de vida. Ao longo da história do Conjunto Cidade Satélite, podemos perceber que a partir do momento em que a população tinha ciência dos reais problemas que ações irregulares ocasionavam, engajava-se no combate às agressões ao seu habitat, abraçavam a causa, protegiam sua “casa”.

Foram de fundamental importância todos os movimentos realizados, os projetos idealizados, que ao serem postos em prática ainda hoje surtem efeito, as lutas que os moradores do Cidade Satélite enfrentaram pelos seus direitos, muitas vezes sem apoio das autoridades públicas, lutando pelo bem comum sem amedrontarem-se, e foram validas todas as mobilizações, mesmo algumas consideradas perdidas, mas que, no balanço final de cada movimentação, foi percebido que as conquistas compensaram os esforços.

O meio ambiente deve ser compreendido além da ótica de fornecedor de recursos para extração, é beleza paisagística, moradia para tantas outras vidas e principal mantenedor dos padrões indispensáveis para a vida humana. A vegetação nativa, o Rio Pitimbu e as dunas são pequenas partes desse meio, mas cruciais para a qualidade de vida dos moradores do Conjunto. Assim, percebe-se que a relação homem e ambiente é bem mais que apenas absorção dos bens naturais, homem e ambiente são integrados. Para que um se mantenha, é necessária uma parcela significativa de contribuição do outro, tendo a certeza de que reciprocidade dos atos que são realizados pelo homem acontecem. Independente do tempo, a natureza dá sua resposta.

“A relação homem e ambiente é bem mais que apenas absorção dos bens naturais, homem e ambiente são integrados, para que um se mantenha é necessária uma parcela significativa de contribuição do outro.”





“O eu e o outro”: relações entre o conjunto Cidade Satélite e outras comunidades da cidade

Gabriela Fernandes

“O eu e o outro”: relações entre o conjunto Cidade Satélite e outras comunidades da cidade

O Conjunto Cidade Satélite foi projetado em 1976 e teve sua primeira etapa entregue em 1982. Este conjunto faz parte do bairro Pitimbu, criado oficialmente em 1993. O bairro Pitimbu tem ampla relação com o Conjunto Cidade Satélite, o que é perceptível quando se observa a data de fundação de cada um. O Conjunto Satélite é anterior ao bairro, que foi criado devido a uma aceleração de ocupação do que hoje corresponde ao bairro Pitimbu, aceleração essa provocada a partir da inauguração do Conjunto Satélite. Assim, foi com base na Lei Municipal nº 4.328, de 5 de abril de 1993, que nasceu, oficialmente, o bairro Pitimbu.

O bairro Planalto, um dos mais recentes de Natal, foi criado, em 1998, pela Lei Municipal nº 151. Anteriormente, as terras que hoje correspondem ao Planalto eram ocupadas por pequenas granjas, as quais desenvolviam atividades agropecuárias, fornecendo alguns produtos para as feiras e mercados da cidade. Posteriormente, ocorreu um considerável crescimento demográfico, o que culminou com o bairro Planalto, que é, atualmente, uma região bastante populosa da cidade, com uma população estimada em 27.384, no ano de 2008.

Sabe-se que um conjunto, bairro ou comunidade não permanece isolado, sobretudo, se a distância entre esses espaços for mínima. Ao longo da pesquisa, percebe-se uma relação próxima entre Cidade Satélite e Candelária na luta empreendida pela AMERCOSUL (Associação do Movimento de Entidades Representativas das Comunidades da Zona Sul) para amenizar os impactos da construção do prolongamento da Avenida Prudente de Moraes. O



Conjunto Cidade Satélite também desenvolveu, ao longo dos anos, uma relação próxima com o bairro Pitimbu, no qual se insere, sendo necessário abordar alguns elementos fundamentais para caracterizar como se dava essa relação.

No período inicial do Conjunto, não havia muitas relações entre Cidade Satélite e outras comunidades, já que a comunidade ficava distante dos outros bairros da cidade. Cidade Satélite somente desenvolvera uma relação íntima com o bairro Planalto, criado mais de uma década depois, e que no início não possuía linhas de ônibus, posto de saúde, entre outros recursos, e utilizava os serviços disponíveis no Conjunto Cidade Satélite, o que provocava uma relação de interdependência entre as duas comunidades.

Ainda existe uma interdependência entre o Conjunto Cidade Satélite e o Planalto, já que, atualmente, ainda compartilham

Existia pouca relação. Satélite era o fim do caminho, era a ponta onde o vento fazia a curva, porque depois do Satélite só tinha Pitimbu e Parnamirim. Era onde acabava Natal, ou onde começava, dependendo da referência. Mas ocorreu uma mudança, surgiu o Planalto, que não tinha saída e passou a depender de muita coisa do Conjunto Satélite. O Planalto não tinha ônibus, usava o do Satélite; não possuía posto de saúde, usava o do Satélite; não tinha escola, não tinha nada, usava a infraestrutura do Satélite. Dessa maneira, começou uma relação muito íntima do Satélite com o Planalto, apesar de, posteriormente, o Planalto começar a ter vida própria, um bairro que passou a ter mais movimentação do que a Cidade Satélite. (SILVA, 2009)

No início da formação do Conjunto Cidade Satélite, não existia o bairro Planalto. As áreas correspondentes ao atual Planalto eram formadas por lotes de terrenos, que se tornavam posses de quem se dirigisse ao local e as cercasse.

Esses conjuntos surgiram depois, Bancários, Pitimbu e Planalto... Planalto não existia! Aquilo ali, a maior parte daquele bairro ali é posse! Gente que "se apossaram" de pedaços de lotes de terreno lá e construíram suas casas, seus barracos e surgiu aquele bairro ali, Planalto. Eu alcancei, só tinha linha do trem ali! Não tinha barraco nenhum ali, não! Inclusive até meu cunhado me chamou pra ir cercar um terreno lá, eu disse que não. Não gosto disso não! Não fui, mas se tivesse ido, cercado lá, eu teria lá um lote e todos estão legalizados lá, não tomaram não, de ninguém. 90% dos terrenos do Planalto são posses. (MACIEL NETO, 2009)

Posteriormente, com o desenvolvimento do Planalto, muitas pessoas venderam as casas que possuíam no Conjunto Cidade Satélite para adquirir imóveis no bairro que se formava, uma vez que o custo das casas no Planalto era inferior ao encontrado no Conjunto Cidade Satélite. Ainda existe uma interdependência entre esses dois espaços, já que atualmente ainda compartilham alguns serviços. Para alguns, o comércio do Planalto é mais movimentado e forte quando comparado com o existente em Satélite, o que faz com que muitos moradores do Conjunto Satélite desloquem-se até o bairro Planalto para usufruir do comércio daquela localidade, principalmente das feiras existentes nas quintas-feiras, enquanto o Planalto continua utilizando alguns serviços do Conjunto Satélite, como as escolas.

Muitos jovens moradores do Conjunto Cidade Satélite quando se casam vão morar no Planalto, já que o preço das casas no Planalto é mais barato e esses jovens não querem morar longe de seus pais. Assim, o bairro Planalto alia preços baixos à proximidade com familiares, o que atrai vários casais que se formam no Conjunto Cidade Satélite. Entretanto, alguns entrevistados consideram que o bairro Planalto possui alguns “setores perigosos”: “Agora o Planalto, ele é um bairro, vamos dizer assim: “malhado!” Tem setores lá que ainda são meio perigosos...Tráfego de drogas...” (MACIEL, 2009).

“Muitos jovens moradores do Conjunto Cidade Satélite, quando se casam, vão morar no Planalto...”

Joaquim Mesquita, morador antigo do Conjunto e dono do mercado “Superbox”, localizado em Cidade Satélite, considera que não existem relações próximas entre Planalto e Satélite, pelo fato do bairro Planalto ser discriminado. Dessa forma, alguns moradores consideram que muitas pessoas residentes no Planalto afirmam morar em Cidade Satélite, justamente devido a essa discriminação, aliada à fama depreciativa que o Planalto possui.

Outros consideram que no início do Conjunto as relações eram mais próximas. Bairros próximos ao Conjunto, como Candelária e Neópolis tinham amplas relações com Cidade Satélite, na década de 1980. Essas relações, em sua maioria, eram fomentadas por trocas de infraestrutura, sendo comum um padre de Candelária vir celebrar uma missa em Satélite, quando o Conjunto ainda não possuía paróquia, bem como outras trocas de serviços públicos essenciais.

Quando o Planalto foi estabelecido, algumas pessoas que habitavam o Conjunto Cidade Satélite reagiram negativamente. A favela Cidade do Sol, que permaneceu por alguns anos em Cidade Satélite, foi transferida para o Planalto, contribuindo ainda mais para a desvalorização do bairro. A proximidade do Planalto com bairros como Cidade Nova e Felipe Camarão, comunidades que possuem uma grande população de baixa renda, também são, segundo alguns depoentes, agravantes para depreciar o bairro.

Aquino Neto, morador antigo do Conjunto e vereador eleito com votos da população do Satélite e Planalto, enfatiza que a construção do CAIC (Centro de Atenção Integrada à Criança) no Conjunto Cidade Satélite, em 1997, foi muito importante para a população do bairro Planalto. A maioria das crianças atendidas pelo centro advém do Planalto. Tal fato atesta o uso de serviços do Conjunto Cidade Satélite pela população do Planalto.



Alguns moradores recordam que existiam passeios ecológicos pelos morros do Conjunto Cidade Satélite, possibilitando que algumas pessoas chegassem até Candelária, mas era algo tido como diversão, e não, propriamente, para desenvolver uma relação específica com outro local.

Não tinha uma comunicação direta, não. Existia o morro, se você quisesse ir até em forma de um passeio ecológico. "Cê" juntava os meninos aqui, às vezes, e saía aqui pegando caju, mangaba, aqui dentro desse "coisa", quando menos esperava chegava em Candelária, passando por esses buracos que ainda tem por aí. Hoje está tomado, virou um bairro, San Vale. E hoje está cheio de casa, desse morro pra frente, faz tempo que eu não ando por aí. Mas olhe, era cada lagoa, rapaz, coisa linda, quando você menos esperava chegava naquele lago, aquela coisa legal. (MACIEL NETO, 2009)

Muitos moradores consideram que Satélite reuniu a maior parte do bairro, como se tivesse “engolido” os outros conjuntos existentes no Pitimbu. Assim, em virtude desse crescimento, muitas pessoas não conseguem separar o Conjunto do bairro e tratam Cidade Satélite como sendo o bairro, não diferenciando as outras regiões que compõem o Pitimbu. O jovem Renan Ramalho, nascido já no Conjunto, considera que a população não faz muita diferença entre alguns conjuntos e bairros, considerando o Vale do Pitimbu, o Pitimbu, Bancários e o Planalto como pertencendo ao Conjunto Cidade Satélite. Não existe, entre os moradores, uma distinção bem definida sobre o que é o bairro Pitimbu, Planalto e o que é Cidade Satélite. Muitas pessoas nem possuem conhecimento de que se trata de um Conjunto que está inserido no bairro Pitimbu.

Muitos jovens e crianças do Planalto estudam no Conjunto Satélite, o que contribui para o desenvolvimento de vínculos e relações entre esses jovens e crianças do Planalto com os do Conjunto Cidade Satélite. Muitos moradores do Planalto também se deslocavam para Cidade Satélite para utilizarem-se dos espaços de lazer existentes na comunidade, como quadras e praças.

Muitos
moradores
consideram que
Satélite reuniu a
maior parte do
bairro, como se
tivesse “engolido”
os outros
conjuntos
existentes no
Pitimbu.

Nos colégios mesmo, havia uma “galera” que vinha para cá, nesses colégios locais que eu falei para vocês. Eu estudei um ano em um colégio estadual e, na verdade, a maioria da “galera” que frequenta essas escolas estaduais, escolas públicas, é do Planalto. Os colégios particulares que existiam, existiam em número menor, mas existia também muita gente do Planalto. E lógico que há o trânsito de muitas pessoas, porque o colégio acaba aproximando. Você cresce estudando junto com a “galera” e acaba criando vínculo. Existem outras maneiras, a “galera” chega aqui, por exemplo, e vai para quadra. Lá é um local no qual pessoas do Planalto vêm jogar bola. Eu acho que há até certa comunicação entre as duas localidades. (RAMALHO, 2009)

Do ponto de vista religioso, também há uma relação que fica visível quando a construção da igreja Assembleia de Deus no Satélite foi interrompida para começar as obras que dariam início à construção da igreja Assembleia no Planalto, o bairro Planalto estava crescendo bastante, muitas famílias evangélicas estavam mudando-se para a comunidade, surgindo a necessidade de um templo para a vida evangélica dessas novas famílias.

O Planalto necessitava que fosse feita uma igreja lá (...). Compramos um terreno no Planalto, a igreja central nos ajudou. Lá construímos um



“Pode-se perceber ainda que muitos moradores vinculam o começo das relações de Satélite com outros bairros ao momento em que o prolongamento da Prudente é proposto.”

templo que ainda hoje está lá, para que já abrigasse as famílias que estavam chegando para morar no Planalto. Construímos o templo (...). Eu me lembro que um dia eu e Barreto estávamos jogando telha, cobrindo o templo do Planalto e nós olhamos para cima, vimos aquela paisagem linda! Vimos o Rio Pitimbu, ali era tudo muito diferente de hoje. Já existia aquele prédio ali grande da Fibrazém, mas o Planalto era muito lindo. Nós, de cima daquela construção, observávamos e comentávamos isso. (OLIVEIRA, 2009)

Existem alguns trabalhos sociais que essa igreja evangélica desenvolve com a comunidade do bairro Planalto, programas voltados para incentivar as famílias, motivando-as, espiritualmente, e fornecendo alguns cursos como de corte e costura, de culinária, entre outras atividades.

É interessante observar que a questão religiosa é um ponto comum entre algumas comunidades próximas ao Conjunto Satélite, uma vez que as paróquias de Satélite, Planalto, Parnamirim, Emaús, Nova Parnamirim, Pirangi, Cidade Verde pertencem à região denominada, segundo o padre Zilmar, pároco da Paróquia de São Francisco de Assis, de terceiro zonal. Tais paróquias relacionam-se e participam de reuniões mensais, em que discutem os problemas materiais e espirituais de suas comunidades, buscando soluções conjuntas.

Inicialmente, Satélite não tinha grandes aproximações, até mesmo porque a dificuldade de transporte imperava. Não havia o prolongamento da Prudente de Moraes para encurtar as distâncias e o Planalto ainda não existia como bairro.

Pode-se perceber ainda que muitos moradores vinculam o começo das relações de Satélite com outros bairros no momento em que o prolongamento da Prudente é proposto, já que passou a existir o movimento da AMERCOSUL, tentando modificar o traçado do prolongamento para diminuir as consequências negativas ao meio ambiente. Nesse processo de luta e reivindicações, o CONACAN (Conselho de Moradores de Candelária) teve fortes relações com o CONCITEL (Conselho Comunitário da Primeira Etapa do Conjunto Cidade Satélite), fator que acabou aproximando mais a comunidade de Candelária com a de Cidade Satélite.



A maioria da população menciona a relação do Conjunto com o bairro Planalto, mas deve-se perceber a atualidade do bairro Planalto, criado apenas em 1998. Alguns moradores afirmam que a área que hoje corresponde ao Planalto era uma região abandonada, e que a maioria dos terrenos do bairro foi adquirida através de posses. Assim, vê-se que o Planalto tem uma forte relação com Cidade Satélite, sobretudo, em virtude da sua proximidade geográfica. Por ser um bairro relativamente recente, não é espantoso o fato de que o bairro tenha utilizado e ainda utilize muitos recursos de infraestrutura do Conjunto Cidade Satélite. Deve-se enfatizar que o Satélite também estabelece relações com o Planalto através de alguns serviços. Muitos moradores do Conjunto Satélite acabam deslocando-se até o Planalto para adquirir produtos da famosa feira.

De fato, não se pode negar a relação do Conjunto Cidade Satélite com o Planalto. Em termo religioso, eis outro comprovante. Tanto Josadaque de Oliveira, representante da Igreja Assembleia de Deus de Cidade Satélite, quanto o Padre José Zilmar, representante da igreja católica do Conjunto, afirmam que se dedicaram à construção de templos e às implantações de programas sociais no Planalto. Assim, a idéia de isolacionismo desfaz-se, e embora tais relações tenham-se intensificado a partir do prolongamento da Avenida Prudente de Moraes, não se pode esquecer as fortes relações estabelecidas entre o Conjunto Satélite e o bairro Planalto.

“Vê-se que o Planalto tem uma forte relação com Cidade Satélite, sobretudo em virtude da sua proximidade geográfica.”





História e Jornalismo: Cidade Satélite na perspectiva dos informativos comunitários

Gabriela Fernandes
Thaiany Soares

“História e Jornalismo: Cidade Satélite na perspectiva dos informativos comunitários”

O conjunto Cidade Satélite, inaugurado em 1982, tem características de uma grande cidade. Justamente por possuir essa peculiaridade, necessitava de um veículo de voz ativa para denunciar os problemas locais, ter uma melhor comunicação entre as etapas e um serviço forte de utilidade pública. O que melhor do que um periódico comunitário, editado e produzido pelos próprios moradores para criar esse elo, estabelecendo um real vínculo entre a informação e a realidade da comunidade?

O jornalismo voltado para a comunidade sempre existiu, mas, atualmente, foi impulsionado pelas novas tecnologias de comunicação, que tornaram o acesso à produção e à divulgação de conteúdo para mídia mais facilitado.

A proximidade entre leitores e jornalistas, dentro de uma comunidade, possibilita a identificação de opiniões, interesses e posicionamentos. Os jornais comunitários revelam-se como porta-vozes, manifestando os anseios, as posturas e as atitudes que os moradores possuem sobre diversas temáticas, bem como as cobranças feitas às autoridades. A linguagem utilizada é informal e coloquial, no sentido de atingir o maior número de leitores.

As matérias e artigos de um informativo comunitário trazem, de maneira geral, comentários sobre os problemas que atingem a comunidade e informam os moradores sobre as causas e possíveis soluções para esses problemas.

A prestação de serviços de utilidade pública ao leitor, a cobertura de eventos, da política local, as instituições que atuam na comunidade, as políticas públicas para a área e o cotidiano da vizinhança, também são explicitados nesses veículos de comunicação.

A pesquisa e as entrevistas realizadas pelo projeto Memória: minha comunidade, revelaram que em Cidade Satélite uma das formas de comunicação foi, por quatro anos (1993-1997), o jornal “Consenso Comunitário”, periódico informativo criado por um grupo de jovens, visando a apresentar informações do conjunto Cidade Satélite, expondo problemas, entrevistas, bem como outras matérias destinadas aos moradores do Conjunto. Para tentar traçar um perfil desse informativo, foram realizadas entrevistas com indivíduos que participaram da criação do jornal, bem como entrevistas com moradores que tiveram, ou não,

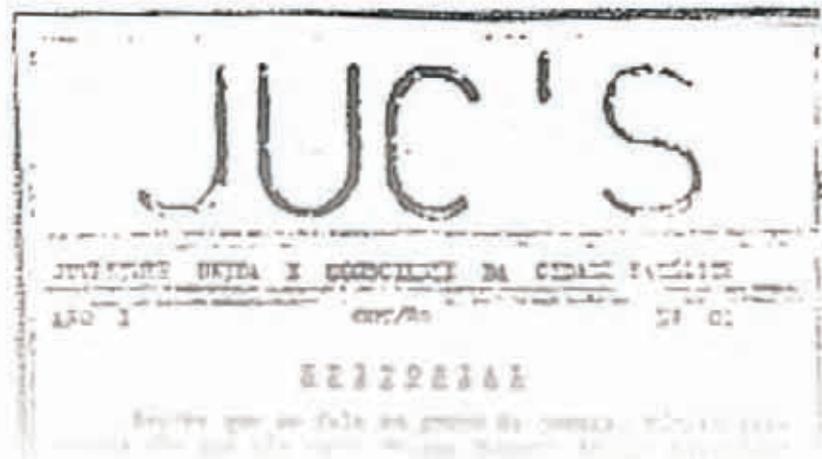
Os jornais comunitários revelam-se como porta-vozes, manifestando os anseios, as posturas e as atitudes que os moradores possuem sobre diversas temáticas, bem como as cobranças feitas às autoridades.

acesso a esses informativos. Também foram analisadas todas as edições desse informativo, cedidas por Rosinaldo Vieira, principal editor e idealizador desse jornal comunitário.

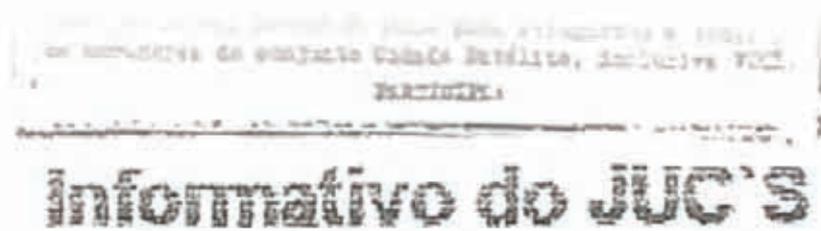
Em sua entrevista, Rosinaldo Vieira afirma que a base para a formação desse jornal foi o periódico "JUC'S". No ano de 1989, um grupo de jovens da Igreja Católica, a "Juventude Unida e

Consciente de Cidade Satélite", resolveu criar um pequeno jornal, numa folha simples de papel A4 dobrada ao meio e datilografada, mas que seria primordial aos anseios daquela juventude.

O periódico, distribuído na Paróquia de São Francisco de Assis em Cidade Satélite, buscava além de arrebanhar novos membros para a Igreja com matérias relacionadas à própria instituição e ao grupo de jovens, também explorar os problemas de Cidade Satélite, informando aos moradores das ações desempenhadas em prol da comunidade.



(...) Nos reuníamos toda semana após a missa da tarde. A missa era de 5h, então quando dava 6h, 6h30min a gente se reunia (...). Começamos por volta de 1988, indo até 1992, quatro anos de trabalho. Fazíamos muitas reuniões toda semana, encontros, viagens. Era uma integração com a juventude. Naquela época, tínhamos a característica de sermos politizados. Então, o informativo não se restringia às coisas da Igreja. Também participávamos das coisas do bairro, como passeatas, movimentos em prol do meio ambiente, entre outros. Nossas ações iam além da própria Igreja (LIMA, 2009).



Foram 21 edições que abordaram artigos sobre a Igreja e suas mobilizações, a questão política, tanto no âmbito nacional, quanto no local, a juventude e a questão ambiental. Era com muita dificuldade que esse jornal circulava na paróquia do Conjunto. As tiragens variavam em torno de 300

exemplares e, por ter distribuição gratuita, era necessário recorrer à ajuda dos comerciantes para que contribuíssem financeiramente. Em troca, ganhariam o anúncio no informativo comunitário.

Isso ocorreu a partir do número 17, onde os jornais analisados apresentam propagandas das mais variadas.

A tabela ao lado revela que cada informativo tinha um número de artigos que variava entre cinco e dez, de acordo com o contexto nacional e local vigente.

Com o fim do grupo de jovens que dava nome ao periódico, em 1992, devido a problemas internos, alguns dos antigos editores do "JUC'S" resolveram criar um jornal melhor organizado, com características mais próximas de um jornal profissional e sem vínculos diretos com a Igreja Católica. Assim foi criado o "Consenso", em julho de 1993.



**Edições do "JUC'S" –
Juventude Unida e Consciente de Cidade Satélite**

Nº da Edição	Mês/Ano	Nº de Páginas	Nº artigos / reportagens
1	Out/1989	4	6
2	Nov/1989	4	10
3	Dez/1989	4	7
4	Jan/1990	4	8
5	Fev-Mar/1990	4	9
6	Abr/1990	4	8
7	Mai/1990	4	7
8	Ago/1990	4	7
9	Mar/1991	4	9
10	Abr/1991	4	7
11	Mai/1991	4	7
12	Jun/1991	4	5
Edição Especial	Set/1991	4	5
14	Ago/1991	4	7
15	Out/1991	4	6
16	Nov-Dez/1991	4	5
17	Jan-Fev/1992	4	8
18	Mar/1992	4	5
19	Abr/1992	4	5

Em Cidade Satélite, uma das formas de comunicação foi, por quatro anos (1993-1997), o jornal "Consenso Comunitário", periódico informativo criado por um grupo de jovens.

Este periódico também era gratuito e começou a circular com quatro páginas, impresso em off-set e com o uso de papel jornal. Um contato com a proprietária de uma farmácia, que iria anunciar no jornal, possibilitou que o grupo de editores procurasse a Gráfica Santa Maria, na Cidade Alta, para imprimir o jornal por um preço mais barato, sendo essa ajuda de suma importância.



Na terceira edição do informativo comunitário, o nome foi modificado, à nomenclatura original foi agregado outro nome, passando de “Consenso” a “Consenso Comunitário”. Na edição de número 15, o nome voltou a ser apenas “Consenso”.

Na terceira edição do informativo comunitário, o nome foi modificado, ou melhor, à nomenclatura original foi agregado outro nome, passando de “Consenso” a “Consenso Comunitário”. Na edição de número 15, o nome voltou a ser apenas “Consenso”.

A explicação para essa mudança é o fato de, antes o jornal somente ser distribuído nos estabelecimentos comerciais do conjunto e, após receber ajuda do conselho comunitário da primeira etapa, passar a ser distribuído em todas as residências desta etapa, já que a tiragem saltou de 500 para 2.500 exemplares, sempre de forma gratuita. Alguns moradores acreditavam ser o jornal do Conselho Comunitário da primeira etapa do conjunto (CONCITEL). Então, o grupo de amigos que iniciou o periódico fez uma nova mudança.

A large, bold, black, sans-serif title 'CONSENSO' is centered on the page. Below it, there is a horizontal line and then the text 'INFORMATIVO DA CIDADE SATÉLITE/PTIMIRU - ANO - IV - Nº 17 - OUTUBRO/1997'.

INFORMATIVO DA CIDADE SATÉLITE/PTIMIRU - ANO - IV - Nº 17 - OUTUBRO/1997

Conforme apresentado na tabela ao lado, o intervalo entre as edições, a quantidade da tiragem e o número de páginas variavam muito, devido a imprevistos.

Rosinaldo Vieira Lima enfatizou que o “Consenso” nunca foi do CONCITEL, sempre conservando uma independência, mas quando passou a receber um auxílio financeiro mudou seu nome, o que não significou quebra da autonomia do jornal, já que os editores ainda eram livres para versar sobre os assuntos que desejassem, não tendo que prestar contas ao Conselho.

O jornal nunca foi do CONCITEL. Nunca foi de conselho comunitário nenhum. Foi sempre independente, mas tinha o apoio do conselho. Na verdade, as pessoas do conselho ajudavam. Elas ajudavam a fazer o jornal e a distribuir de casa em casa. 3.545 casas. A gente distribuía em todas, de porta em porta. A gente fazia 5.000 exemplares e distribuía nas casas de todas as ruas do bairro, uma a uma (LIMA, 2009)

O entrevistado informou que teve participação primordial na elaboração do jornal. Era ele quem tirava e revelava as fotos, editava, diagramava e distribuía o periódico informativo. Havia algumas pessoas que o ajudavam nessa tarefa, sobretudo na distribuição. O entrevistado ao ser indagado sobre o modo como a população recebia o “Consenso Comunitário” respondeu que havia uma ótima recepção. A população, segundo Rosinaldo, concebia o jornal como um espaço para fazer reivindicações, bem como para sugerir matérias. Além disso, sempre colocavam uma entrevista realizada com pessoas da comunidade, com questões sobre o Conjunto ou questões que, indiretamente, repercutiam no mesmo.

Recebia bem, porque ali eles viam as suas reivindicações. Também falávamos com o poder público, com a prefeitura para perguntar: “Por que não ajeitou esse buraco?” “Por que não fez isso?” “Por que está faltando aquela área de lazer?” Cobrávamos deles. A população tinha um

Edições do “Consenso Comunitário”

Nº da Edição	Mês/Ano	Tiragem	Nº de páginas	Nomeclatura
1	Jul/1993	500	4	Consenso
2	Ago/1993	500	4	Consenso
3	Jan/1994	2000	4	Consenso Comunitário
4	Mar/1994	2500	4	Consenso Comunitário
5	Jul/1994	2500	4	Consenso Comunitário
6	Set/1994	2500	4	Consenso Comunitário
7	Out/1994	3500	8	Consenso Comunitário
8	Mar/95	4000	8	Consenso Comunitário
Edição Extraordinária	Jul/1995	Monografia de Rosinaldo Vieira	29	Consenso Comunitário
9	Set/1995	4000	8	Consenso Comunitário
10	Out/1995	5000	8	Consenso Comunitário
11	Fev/1996	5000	8	Consenso Comunitário
12	Ago/1996	4000	4	Consenso Comunitário
13	Abr/1997	4000	4	Consenso Comunitário
14	Mai/1997	4000	8	Consenso Comunitário
15	Jun/1997	3000	8	Consenso
16	Ago/1997	3000	8	Consenso
17	Out/1997	3000	8	Consenso

CONSENSO COMUNITÁRIO

INFORMATIVO DA CIDADE SATELITE - ANO II - Nº. 8 - SETEMBRO/94



Edições anteriores:



“Apesar de falar sobre o jornal com nostalgia, Rosinaldo Lima deixou claro que o “Consenso Comunitário” não se tratava de uma Organização Não Governamental (ONG) ou qualquer tipo de instituição.”

feedback. Acho que o grande papel do jornal, do jornalismo comunitário é esse. Aproximar mais as pessoas dos seus reais problemas, das suas reais necessidades (...). Chegou um tempo que as pessoas ligavam, porque eu botava o telefone daqui da minha casa. Ligavam para dizer, para sugerir matérias, para dizer: “Coloque isso, está acontecendo tal coisa na minha rua”. (LIMA, 2009)

Apesar de falar sobre o jornal com nostalgia, Rosinaldo Lima deixou claro que o “Consenso Comunitário” não se tratava de uma Organização Não Governamental (ONG) ou qualquer tipo de instituição. O entrevistado afirma que era apenas um periódico, como outros de caráter nacional que existem. A diferença era o fato de ser voltado apenas para a comunidade.

As principais notícias abordadas pelo “Consenso”, em seu período inicial, focavam as questões urbanísticas, como a existência de inúmeros buracos nas ruas do Conjunto Cidade Satélite e petições com relação a recapeamento asfáltico, assunto frequente no periódico. Esse assunto mereceu destaque por ser considerado, pela população, um caso mal resolvido, já que a prefeitura descumpria, constantemente, os acordos estabelecidos. O conjunto Cidade Satélite foi entregue com todas as ruas asfaltadas e era de se esperar que, em meados da década de 1990, o desgaste nas ruas estivesse bastante acentuado.

Menções importantes eram conferidas ao prolongamento da Avenida Prudente de Moraes, cujo impasse durou alguns anos e a população exigia explicações por parte dos poderes públicos e a remoção da Favela Cidade do Sol, localizada na entrada do conjunto, para outra região, incentivada pela comunidade e apoiada pela prefeitura.

Esses assuntos de caráter urbano foram apresentados em vários artigos e reportagens, conforme tabela ao lado:

Assuntos Urbanísticos	Nº de artigos / reportagens / entrevistas
Prolongamento da Prudente	6
Favela Cidade do Sol	3
Buracos nas ruas	7
Recapeamento Asfáltico	2
Outros (obras como a construção do CAIC; possível prolongamento da BR-101 dentro do Conjunto; aglomeração de cigarreiras; invasões a terrenos	6
Total	24

Em relação à extinção do “Consenso Comunitário”, o depoente pondera que o jornal acabou por falta de incentivo, uma vez que a maior parte do trabalho recaía sobre ele. O grupo de jovens havia se desfeito, Kalazans Louzá, antigo morador do Conjunto e idealizador de muitas lutas em prol da comunidade, não era mais presidente do CONCITEL, bem como a própria dinâmica da vida dos editores foi fazendo com que o jornal fosse extinto. Os participantes começaram a ter que sustentar suas famílias, trabalhar para ganhar uma remuneração e o “Consenso” não era um jornal que produzia lucros, uma vez que possuía distribuição gratuita. Dessa forma, foi ficando inviável produzi-lo.

O trabalho no “Consenso” não era profissional, não era uma empresa como o Diário de Natal e a Tribuna, não havia essa estrutura. Fazíamos por amor à causa, tínhamos só a contribuição dos comerciantes do bairro, que era uma quantidade irrisória, pagava só os custos, ninguém ganhava dinheiro com isso! Naturalmente, ele deixou de existir por isso, as pessoas passaram a ir atrás de outras profissões (...). Aconteceu como o que ocorre com a maioria dos jornais comunitários, eles começam e depois não têm como se manter. (LIMA, 2009)

Assim, percebe-se que a entrevista com Rosinaldo Vieira abordou muitos aspectos do “Consenso Comunitário”, no que diz respeito à sua formação, conteúdos que tratava, bem como sua aceitação local. Entretanto, para tentar traçar como os indivíduos da comunidade realmente percebiam o jornal, a análise de outras fontes é fundamental. A entrevista com Kalazans Louzá Bezerra da Silva destacou alguns aspectos do informativo. Kalazans considerou que o conteúdo do jornal era eclético, tendo informações de forte interesse da comunidade, bem como notícias consideradas “bobas, como fotos de uma menina; tinha um rapaz lá que gostava de colocar as fotos dessa menina, acho que nem era compatível com o jornal (...).” (SILVA, 2009).

O depoimento de Kalazans também abordou as dificuldades que existiam em relação ao financiamento dos jornais. Assim como Rosinaldo, considera que o auxílio financeiro fornecido pelos comerciantes da comunidade era irrisório, fazendo com que os próprios editores do jornal tivessem que fornecer uma espécie de cota para completar o dinheiro necessário para produzir o “Consenso Comunitário”. Tal aspecto sobre as cotas,



até então, não havia sido abordado por Rosinaldo Vieira.



(...) Nós procurávamos os comerciantes locais para viabilizar os custos e o jornal não dava lucro nenhum. No final ainda faltava dinheiro para poder rodar o jornal, para resolver o problema, a gente cotizava e cada um completava para que o jornal saísse. Esse jornal começou com cerca de 200 exemplares e acredito que chegou até uns 7.000. Cresceu bastante e era distribuído gratuitamente de casa em casa. Nós distribuíamos, também. Eu, Rosinaldo, Ronaldo Araújo, Alberto e outras pessoas. (SILVA, 2009)

A entrevista com Joaquim Mesquita, dono do mercado Superbox, não forneceu muitas informações sobre o periódico informativo "Consenso Comunitário". Quando questionado sobre a existência de formas de comunicação no Conjunto e sobre o periódico "Consenso Comunitário", em particular, Joaquim Mesquita respondeu que havia muitos jornais comunitários, mas que como não existia colaboração para edição dos mesmos os jornais acabavam parando de circular.

O entrevistado Epitácio Maciel Neto, morador do Conjunto desde sua formação, revelou não ter conhecido o periódico informativo "Consenso Comunitário". Maciel afirma conhecer apenas um informativo que apenas expõe propagandas de comerciantes. O depoente chegou a criticar, afirmando faltar um jornal que abordasse os problemas da comunidade e indicasse os dias de realização de movimentos para plantios de árvores, bem como realização de ofícios destinados à prefeitura, reivindicando alguma melhoria para o Conjunto.

G.F.: - O senhor chegou a ter acesso ao jornal Consenso Comunitário?

M.N.: - Não, não... Eu não sei qual é o nome desse jornalzinho, mas é mais comércio, do que falando de alguma política voltada para o Conjunto, dizendo: "Olhe, vamos hoje fazer um replantio disso ou daquilo, vamos apanhar o lixo da margem do rio Pitimbu, vamos revitalizar uma praça que está abandonada ali, vamos mandar um ofício para a prefeitura reivindicando melhores equipamentos do posto de saúde". Quer dizer, não existe um negócio desse voltado com uma política de desenvolvimento do Conjunto, específico assim, não, apenas algumas pessoas se reúnem em interesse próprio (...). (MACIEL NETO, 2009)

O desconhecimento de Maciel, em relação ao periódico “Consenso Comunitário”, revelou que a distribuição do jornal não se deu de forma homogênea em todo o Conjunto. Maciel Neto é morador da terceira etapa do Conjunto e nunca chegou a ter conhecimento do informativo, embora o periódico fosse distribuído em todas as etapas. Talvez se o depoente tivesse conhecido o jornal, não tivesse reclamado da ausência de um periódico que abordasse problemas referentes ao Conjunto Cidade Satélite.

De fato, o “Consenso Comunitário” só circulou por quatro anos, mas observando os exemplares disponibilizados por Rosinaldo Vieira, pode-se notar que o periódico trazia muitas informações acerca dos problemas e eventos da comunidade. Analisando-se os periódicos, a história do Conjunto, durante 1993-1997, está presente nas reportagens e colunas.

Nas entrevistas com os jovens Renan Ramalho e Breno Maciel, também se percebeu desconhecimento em relação ao periódico. O que é justificável, pelo fato do jornal ter encerrado a sua distribuição em 1997. Renan Ramalho, nascido no Conjunto tinha, em 1997, apenas 9 anos, idade em que crianças não se interessam por informativos. Também Breno Maciel, filho de Maciel Neto e morador do Conjunto desde que nasceu, era muito jovem em 1997. Ele tinha apenas 11 anos, idade em que a preocupação com jornais comunitários também não deveria ocupar seus anseios prioritários.

O Padre José Zilmar de Andrade, pároco da Paróquia de São Francisco de Assis, desde sua fundação, em 1988, não discorreu muito sobre o Consenso Comunitário em sua entrevista. Quando questionado sobre o informativo produzido pelo “JUC'S”, o pároco respondeu:

Trabalho de jovem sempre houve, continua havendo e não é político, propriamente. A gente tem que falar sobre política sem fazer politicagem. A gente tem que ir ao mal, condenar o mal. Como dizia Santo Agostinho [telefone toca]: “Amar o... Odiar o erro e amar o errante”. Nossa meta é essa, como diz o próprio Jesus: “Amai o vosso inimigo”. Então nossa política é essa de odiar o mal, condenar o mal, não aceitar o mal. (ANDRADE, 2009)

O depoente José Ramos, um dos fundadores do Horto Parque das Serras, localizado no Conjunto Cidade Satélite, também destacou a importância do periódico informativo “Consenso Comunitário”. Ramos participou da elaboração do “Consenso Comunitário” e afirmou que o periódico foi importante porque conseguiu impedir que muitas atitudes prejudiciais ao Conjunto fossem barradas. O depoente não informou exemplos dessas atitudes



José Ramos participou da elaboração do “Consenso Comunitário” e afirmou que o periódico foi importante porque conseguiu impedir que muitas atitudes prejudiciais ao Conjunto fossem barradas.

que o periódico conseguiu barrar, mas observando-se os informativos fornecidos por Rosinaldo Vieira, pode-se notar muitas denúncias de queimadas, de obras irregulares e de invasões às áreas com muita vegetação, áreas consideradas verdes, onde não se podia realizar construções. Provavelmente, o depoente fazia referência a essas denúncias.



Assim, considerando as informações que foram levantadas com base nas entrevistas realizadas, pode-se afirmar que o periódico informativo “Consenso Comunitário” não teve um acesso tão ilimitado. De fato, existiram muitos obstáculos no processo de confecção e distribuição do periódico, como os depoentes Rosinaldo Vieira e Kalazans atestaram em seus

depoimentos. Os jornais não possuíam financiamento adequado e, muitas vezes, os próprios editores forneceram verba para que o jornal fosse impresso. A distribuição também era permeada por dificuldades. Distribuía-se cada exemplar de casa em casa e não existiam muitas pessoas dispostas, e com tempo disponível, para realizar essa tarefa.

O fato de o jornal ter durado apenas quatro anos e ter encontrado muitas dificuldades para a sua confecção pode explicar o desconhecimento desse periódico pelo morador da terceira etapa, Maciel Neto. Além disso, o próprio Rosinaldo afirma, em sua entrevista, que no início da publicação do Consenso a maior parte da distribuição atendia aos moradores da primeira etapa. Posteriormente, quando conseguiram mais recursos, a distribuição passou a atender a maior parte da comunidade.

Além disso, o desconhecimento dos moradores também pode revelar falta de contato na comunidade. Das entrevistas realizadas, apenas os depoentes que participaram da confecção do “Consenso” conseguiram abordar o assunto. O comerciante Joaquim Mesquita e o Padre Zilmar, embora tivessem participação indireta, ou por financiar ou por já ter concedido entrevistas para o jornal, não citam com maior propriedade e riqueza de informações esse periódico e sua importância na vida da comunidade.

Nas edições do jornal, em especial a de número 16, que trata do aniversário de quatro anos do informativo, fica expressa a participação de alguns dos moradores, bem como a aprovação deles com relação ao “Consenso”. Interessante observar que três moradores, de faixas etárias diferentes, foram indagados sobre o periódico nesta edição acima citada, e foi unânime o reconhecimento de que o jornal era um veículo importante para a comunidade.

Algumas colunas fixas do jornal, como “Comunidade Viva” e “Enquete” e, também, as entrevistas, sempre aduziam a opinião dos moradores sobre determinados temas, expondo que, naquele

CONSENSO
O INFORMATIVO DA CIDADE SATELITE/PITIMBU - ANO - IV - Nº 16 - AGOSTO/1997

CEMORACAO

Consenso completa quatro anos no bairro
Por Rosinaldo Vieira

Foram quatro anos de muita luta e determinação, desde julho de 1993, procurando vencer as barreiras que se apresentam a nossa frente. Nesse período, registramos os principais momentos vividos pela comunidade, da qual guardamos para a história.

Mais do que nunca, este é o momento de agradecer a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a publicação deste periódico, seja os patrocinadores, tanto da comunidade como fora dela, assim como as diversas pessoas que colaboraram com matérias, artigos, entrevistas, enfim aos próprios membros da equipe editorial, tanto os antigos como os atuais, que ajudaram, cada um a seu modo, a concretizar este trabalho de cada vez mais levar boa informação para nossa comunidade.

Com isso, reiteramos o nosso empenho de manter o nosso trabalho de acordo com os anseios e desejos da comunidade, buscando a seriedade dos fatos sem discriminar de A a Z, pois o nosso grande objetivo é sempre colocar em primeiro lugar a população.

Mais comemorações no decorrer das páginas do Consenso.

Satélite perde dois de seus mais expressivos moradores

A Cidade Satélite perdeu no último mês de julho, dois moradores que tinham uma grande atuação frente aos problemas da comunidade. Um deles foi Elymas Moreira da Silva, que mora na rua do Rouxinol e teve uma larga participação do Conselho Comunitário da Cidade Satélite/1ª etapa, como vice-presidente e como membro do Conselho Fiscal. Desde o início do conjunto, há quinze anos, que ele se envolve nas questões da comunidade, como na luta para a construção de um posto de combústíveis na 1ª etapa, o que acabou ocorrendo por influências políticas.

O outro foi singelamente chamado de Expedito Liberal Vitor, 61 anos, seu Vitor, presidente dos Akróicos Andares da Cidade Satélite, com destacada atuação para fazer com que homens e mulheres pudessem voltar a ter uma vida social, longe do torçoso da bebida, que em muitos casos só tem provocado a destruição de famílias inteiras.

Reciclagem de lixo
Veja ainda nesta edição:

A Igreja Luterana da Cidade Satélite, realizou no final do mês de junho uma palestra sobre reciclagem de lixo. O evento fez parte das comemorações pelos dez anos de atuação da Igreja, que tem sede na avenida dos Xavantes, na III etapa. Segundo Aírton Schoeder, reverendo da Igreja Luterana, o objetivo é desencadear uma campanha de reciclagem de lixo no bairro e a partir daí, proporcionar mais qualidade de vida para todos. Interessados podem entrar em contato com o reverendo Aírton através do fone 218 2655.

Descartada construção de casas no Satélite

A superintendente do Inocoop, Roxário Porpino, descartou a possibilidade de que novas casas venham a ser construídas em um terreno da Cidade Satélite. Segundo Rosário, o projeto ainda não foi colocado em prática porque o DNER está pleiteando a área para duplicação da BR 101, que pelo traçado estipulado, passaria pelo meio do conjunto.

Entrevista

Rosinaldo Vieira, editor do Consenso, fala sobre os quatro anos do informativo da Cidade Satélite/Pitimbu.

Abra o olho consumidor
Veja como contar com apoio da Coordenadoria de Proteção e Defesa do Consumidor, Procon, ao adquirir produtos e serviços, para não ser lesado.

Destaque jovem
Daniel Oliveira e uma vida dedicada a Cristo.

Fig. 1
Fig. 2
Fig. 3
Fig. 4
Fig. 5

Fig. 1
Elymas Moreira da Silva

Fig. 2
Expedito Liberal Vitor

Fig. 3
Daniel Oliveira

Fig. 4
Roxário Porpino

Fig. 5
Rosinaldo Vieira

Fig. 6
Aeroporto de São Paulo

Fig. 7
Cidade Satélite

Fig. 8
Cidade Satélite

Fig. 9
Cidade Satélite

Fig. 10
Cidade Satélite

Fig. 11
Cidade Satélite

Fig. 12
Cidade Satélite

Fig. 13
Cidade Satélite

Fig. 14
Cidade Satélite

Fig. 15
Cidade Satélite

Fig. 16
Cidade Satélite

Fig. 17
Cidade Satélite

Fig. 18
Cidade Satélite

Fig. 19
Cidade Satélite

Fig. 20
Cidade Satélite

Fig. 21
Cidade Satélite

Fig. 22
Cidade Satélite

Fig. 23
Cidade Satélite

Fig. 24
Cidade Satélite

Fig. 25
Cidade Satélite

Fig. 26
Cidade Satélite

Fig. 27
Cidade Satélite

Fig. 28
Cidade Satélite

Fig. 29
Cidade Satélite

Fig. 30
Cidade Satélite

Fig. 31
Cidade Satélite

Fig. 32
Cidade Satélite

Fig. 33
Cidade Satélite

Fig. 34
Cidade Satélite

Fig. 35
Cidade Satélite

Fig. 36
Cidade Satélite

Fig. 37
Cidade Satélite

Fig. 38
Cidade Satélite

Fig. 39
Cidade Satélite

Fig. 40
Cidade Satélite

Fig. 41
Cidade Satélite

Fig. 42
Cidade Satélite

Fig. 43
Cidade Satélite

Fig. 44
Cidade Satélite

Fig. 45
Cidade Satélite

Fig. 46
Cidade Satélite

Fig. 47
Cidade Satélite

Fig. 48
Cidade Satélite

Fig. 49
Cidade Satélite

Fig. 50
Cidade Satélite

Fig. 51
Cidade Satélite

Fig. 52
Cidade Satélite

Fig. 53
Cidade Satélite

Fig. 54
Cidade Satélite

Fig. 55
Cidade Satélite

Fig. 56
Cidade Satélite

Fig. 57
Cidade Satélite

Fig. 58
Cidade Satélite

Fig. 59
Cidade Satélite

Fig. 60
Cidade Satélite

Fig. 61
Cidade Satélite

Fig. 62
Cidade Satélite

Fig. 63
Cidade Satélite

Fig. 64
Cidade Satélite

Fig. 65
Cidade Satélite

Fig. 66
Cidade Satélite

Fig. 67
Cidade Satélite

Fig. 68
Cidade Satélite

Fig. 69
Cidade Satélite

Fig. 70
Cidade Satélite

Fig. 71
Cidade Satélite

Fig. 72
Cidade Satélite

Fig. 73
Cidade Satélite

Fig. 74
Cidade Satélite

Fig. 75
Cidade Satélite

Fig. 76
Cidade Satélite

Fig. 77
Cidade Satélite

Fig. 78
Cidade Satélite

Fig. 79
Cidade Satélite

Fig. 80
Cidade Satélite

Fig. 81
Cidade Satélite

Fig. 82
Cidade Satélite

Fig. 83
Cidade Satélite

Fig. 84
Cidade Satélite

Fig. 85
Cidade Satélite

Fig. 86
Cidade Satélite

Fig. 87
Cidade Satélite

Fig. 88
Cidade Satélite

Fig. 89
Cidade Satélite

Fig. 90
Cidade Satélite

Fig. 91
Cidade Satélite

Fig. 92
Cidade Satélite

Fig. 93
Cidade Satélite

Fig. 94
Cidade Satélite

Fig. 95
Cidade Satélite

Fig. 96
Cidade Satélite

Fig. 97
Cidade Satélite

Fig. 98
Cidade Satélite

Fig. 99
Cidade Satélite

Fig. 100
Cidade Satélite

Na realidade, a população não era contra a obra, pois muitos seriam os benefícios como o encurtamento das distâncias e dos gastos com tempo e dinheiro. Por carregar o estigma de “cidade dormitório”, era importante ter uma nova entrada para que a população pudesse adentrar no conjunto na volta pra casa, depois do expediente de trabalho e na volta da escola ou universidade.

Os conselhos comunitários e moradores mais atuantes nesse aspecto posicionavam-se a favor da construção. Exigiam, no entanto, que medidas de preservação ambiental fossem adotadas para que não houvesse danos futuros à qualidade de vida e ao meio ambiente, o que era iminente.

Nos jornais, consta que a obra foi paralisada devida a vários problemas, dentre eles, o fato do, até então, governador Vivaldo Costa (1994-1995) não ter listado essa obra como uma prioridade da gestão de seu governo. As incoerências eram inegáveis e altamente discutíveis, indo desde o valor estimado para gastos até a data de conclusão das obras, que durou quase três anos.

O “Consenso” sempre discorria de assuntos variados, no entanto era voltada atenção maior às temáticas urbanas e ambientais. Todos os artigos das 17 edições analisadas somaram 75.

São 24 artigos sobre os problemas urbanos do conjunto: 15 sobre a questão ambiental, onde foram percebidas reportagens sobre o lixo e queimadas nas dunas; o Horto Parque das Serras, localizado no conjunto; distribuição de mudas de árvores; e o rio Pitimbu.

Já com relação às demais temáticas como segurança, utilidade pública, saúde, educação, entretenimento e esportes os artigos, entrevistas e reportagens somaram em torno de 36.

TEMÁTICA	ARTIGOS
✓ Urbanismo	24
✓ Meio Ambiente	15
✓ Outros	36
✓ Total	75

Obras na Prudente cheia de contradições

Deverão ser concluídos no próximo ano, com a entrada do novo governo do estado, os trabalhos de prolongamento da avenida Prudente de Moraes, que vai ligar a Cidade Satélite no início da 2ª etapa, até Candelária, na fronteira entre a Prudente e a Av. da Integração, numa extensão de 2 Km em duas vias.

A obra, que foi iniciada em 3 de fevereiro deste ano, e que deveria ser concluída em 75 dias (19 de abril), de acordo com a afirmação do diretor do Departamento de Estradas e Rodagens, DER, Demétrio Torres, ao Diário de Natal de 18 de dezembro do ano passado, passou algum tempo paralisada devido ao período chuvoso que caiu em Natal nos últimos meses.

Segundo o diretor de planejamento do DER, Luis Gonzaga Lira de Almeida e Silva, a chuva estava prejudicando o uso do material argiloso. O próprio Demétrio Torres disse em entrevista ao CONSENSO COMUNITÁRIO, em março deste ano, que a obra deveria ser concluída na primeira quinzena de março.

“A previsão é de que os trabalhos sejam concluídos até o mês de dezembro, com um custo final de R\$ 800 mil”, disse Luis Gonzaga. Ainda no Diário de Natal de 18 de dezembro, Demétrio disse que a obra custaria, com recursos já alocados pelo governo do estado, US\$ 600 mil, na entrevista de março do CONSENSO COMUNITÁRIO já seriam US\$ 650 mil assegurados, enquanto que no Jornal de Natal de 14 de novembro passado, disse já estar custando US\$ 1 milhão.

O problema é que a estrada não deverá ficar pronta este ano. Segundo Demétrio, o governador Vivaldo Costa fez uma lista de prioridades e achou melhor não fazer a obra por falta de dinheiro, apesar de no início dos

Rosinaldo Vieira



Conclusão da obra só no próximo ano

trabalhos ter sido colocada como prioridade.

A estrada terá ainda uma ciclovia na lateral direita, no sentido Candelária-Cidade Satélite, uma reivindicação do Conoitel e Conacan. Inclusive, está sendo colocada uma camada de 20 cm de argila sobre a terraplanagem, para em seguida colocar o asfalto.

Quanto a polêmica de ser contra ou a favor da obra, o Jornal de Natal publicou em 31 de outubro passado que o presidente do Conoitel, Kalazans Louzã Bezerra, não se agradava muito com a obra, que com suas manifestações e de ecologistas, paralisou os trabalhos. Segundo Kalazans isto não procede. “Eu reclamava era que houvesse rigorosa preocupação com os danos ambientais”, disse.

Segundo a arquiteta Nadja Soares, da Gerência de Estudos e Projetos da Superintendência de Transportes Urbanos de Natal, STU, já é certa a colocação de linhas de ônibus no local. Ainda não foi definida qual, mas deverá ser uma das que já servem o Satélite.

Por meio, propriamente, dos periódicos foi possível perceber em Cidade Satélite sua evolução urbana, a preocupação dos moradores com o local onde vivem e com o próximo, por meio da melhoria da qualidade de vida em prol do bem comum.

Estudar o “Consenso Comunitário”, como uma fonte primária para compreender a história do Conjunto Cidade Satélite, significa perceber um período de quatro anos (1993-1997) em que ocorreram muitas mudanças no Conjunto, como o iniciar das obras do Prolongamento da Prudente de Moraes. Perceber como os entrevistados concebem o periódico informativo, é também fundamental para que se diferenciem os pontos de vista dos editores da percepção dos moradores. Talvez esse assunto careceu de um maior enfoque, possivelmente, pela maioria dos depoentes não apresentar conhecimento do periódico e pelos que apresentavam conhecimento, com exceção dos depoentes que participaram da edição do mesmo, não estarem interessados em discorrer sobre o tema.





*Forró, gincanas e rock and roll:
diversão e manifestação cultural
no Conjunto Cidade Satélite*

Gabriela Fernandes

“Forró, gincanas e rock and roll: diversão e manifestação cultural no Conjunto Cidade Satélite”

O Conjunto Cidade Satélite apresenta algumas manifestações culturais, como a festa do padroeiro da Paróquia de São Francisco de Assis, festas em algumas ruas do Conjunto, entre outras formas de expressão cultural e diversão. As festas foram fundamentais para a sociabilização dos indivíduos. Cada morador possui uma visão particular sobre essas festas e manifestações e é interessante perceber o papel desses eventos para o Conjunto Cidade Satélite.

Como afirma o geógrafo francês Paul Claval, a cultura não se constitui em um sistema fechado, podendo ter sua origem em um passado distante. Mas, apesar de ser transmitida por meio de várias gerações, não está fechada para as mudanças. Tal consideração permite que se percebam as transformações ocorridas no Conjunto Cidade Satélite. Algumas atividades que existiam na década de 1980, hoje, já não podem ser encontradas na comunidade. Essas transformações são frutos do avanço da sociedade urbana, que promove mudanças nas manifestações socioculturais. Para se ter conhecimento dessas manifestações e suas modificações, no Conjunto Cidade Satélite, os depoimentos de seus moradores são fontes essenciais. Vale ressaltar que esses eventos eram tidos como espaço de lazer e socialização.

Cidade Satélite surgiu na época em que o cantor Michael Jackson fazia muito sucesso. Havia uma casa de show, próxima à Escola Estadual Djalma Aranha Marinho e, à noite, essa instituição promovia festas que sempre tocavam as músicas mais conhecidas do cantor, como “Thriller” e “Billie Jean”.

As gincanas existentes na comunidade também se revelaram como espaços de socialização e lazer. As gincanas eram divertidas e movimentavam o bairro Pitimbu. Existiam várias equipes e um dos coordenadores do movimento era Walker Costa, atual diretor da Escola Estadual Antônio Pinto de Medeiros. Entretanto, os participantes dessas gincanas começaram a exagerar nas provas e atividades. Muitos alugavam carros e andavam pelas ruas do Conjunto em alta velocidade. Em um desses episódios, alguns entrevistados afirmam que uma criança foi atropelada e veio a falecer, o que causou o enfraquecimento das gincanas, pois algumas pessoas passaram a responsabilizar essa atividade pela morte da criança.

Alguns moradores contam que o pai da criança atropelada revoltou-se com o acontecido, subiu no palanque da gincana, localizado na quadra de esportes da primeira etapa,



“As festas foram fundamentais para a socialização dos indivíduos.”

e começou a reclamar com os participantes, culpando-os pela morte de seu filho. O acidente não foi o único responsável pelo enfraquecimento e fim das gincanas. A dinâmica do Conjunto, as transformações que se processaram, o surgimento de uma nova geração de jovens, entre outros fatores, foram responsáveis por encerrar as tão movimentadas gincanas.

Por causa desse episódio, a gincana foi murchando mais, porque tinha que tomar mais cuidado. Isso não necessariamente acabou a gincana, mas contribuiu para acabar. Até a própria dinâmica do bairro contribuiu para a diminuição das gincanas, os jovens foram crescendo. A outra geração que começou a chegar não se engajou mais, ficava mais em casa, no computador. Aí deixou de existir gincanas. (LIMA, 2009)

A dinâmica dessas gincanas envolvia provas inusitadas, que iam desde a caça por um objeto até provas em que os participantes tinham que achar mulheres grávidas e vesti-las de Papai Noel. Ao final, seria vencedora a equipe que realizasse tais provas em menos tempo, por isso os jovens andavam com os carros em alta velocidade. Era comum jovens reunirem-se nas esquinas das ruas para conversar, jogar baralho ou mesmo para deslocarem-se para uma festa no Conjunto ou fora do mesmo. As esquinas das ruas, como as da Rua do Marmeleiro e da Rua da Sorveira, eram pontos de encontros da juventude da comunidade.

As gincanas eram um ótimo espaço de diversão. Eram financiadas por alguns vereadores e por algumas pessoas, por meio de iniciativas próprias. Entretanto, essas gincanas não ocorrem mais em seu modelo original e, segundo alguns moradores, só aparecem em época de campanha.

Walker Costa, principal idealizador das gincanas que ocorreram durante muitos anos no Conjunto Cidade Satélite, afirma que as gincanas foram, inicialmente, realizadas durante a festa do padroeiro do Conjunto. Nesse período inicial, as provas eram modestas e ocorriam na quadra de esportes da primeira etapa, possuindo uma premiação simples. Os integrantes das equipes vencedoras ganhavam refrigerante, medalhas ou algum outro prêmio simbólico. Posteriormente, os idealizadores dessas gincanas conseguiram patrocinadores e a premiação passou a ser dada em dinheiro.

(...) E, como sempre, todo movimento que começa pequeno, a tendência é aumentar a participação. Chegou uma época que nós

tínhamos seis equipes participando das gincanas, com média de 300 pessoas cada ano (...). Realmente, quando aconteciam as gincanas do Conjunto Cidade Satélite, esse bairro se movimentava demais, principalmente, a primeira etapa. Era muita gente, chegava a ter 20.000 pessoas naquela multidão que participava. (ARAÚJO, 2009)

Existiam algumas provas filantrópicas nas gincanas, destinadas a ajudar uma instituição de caridade. Essas provas colaboraram, por meio de doações de cestas básicas, principalmente, com abrigos de idosos, com lares espíritas, com as pessoas atingidas pelas enchentes e secas. Havia também provas que mediam o conhecimento dos participantes e provas mais divertidas e inusitadas.

Na fase inicial das gincanas, todas as provas ocorriam no mesmo dia e eram todas surpresas. Entretanto, após o acidente ocorrido com a criança, os organizadores das gincanas passaram a fazer, além das provas surpresas, provas antecipadas, que eram sempre mais trabalhosas. As provas passaram a ter pontuações mais equilibradas, pontuando, também, os segundos e terceiros lugares, para que a disputa fosse mais equilibrada.

Walker Costa cita que durante dois anos, as gincanas do Conjunto Cidade Satélite fizeram uma parceria com a TV Cabugi, que na época estava participando de uma campanha de doação de livros vinculada à Globo Nordeste, e soube que a gincana do Conjunto, naquele ano, teria o objetivo de arrecadar livros. Dessa maneira, estabeleceu-se uma parceria que durou dois anos.

Walker considera que o atropelamento da criança durante uma gincana realizada no Conjunto foi uma fatalidade e que poderia ter ocorrido em qualquer outro momento. Esse acidente não foi responsável pelo término das gincanas, mas contribuiu para esfriar esses movimentos, que só foram retomados muitos anos após o acidente. As gincanas também teriam enfraquecido devido à dispersão da equipe organizadora. Alguns membros dispersaram-se, outros casaram-se e outros foram morar fora do Conjunto, o que contribuiu para diminuir a realização das gincanas.

As gincanas, além de terem sido um movimento importante para a integração do Conjunto, sobretudo da juventude que morava em Cidade Satélite, também possibilitou a integração do Conjunto com outros bairros e conjuntos da cidade, uma vez que várias pessoas de outras localidades iam para o Conjunto Cidade Satélite, nos períodos de gincanas.

Também existiam algumas festas de forró, que aconteciam, esporadicamente, no

Existiam algumas provas filantrópicas nas gincanas, destinadas a ajudar uma instituição de caridade.

Conjunto. Marcos Xuxa era um dos organizadores. Existiam, ainda, algumas festas que aconteciam em algumas ruas do Conjunto, sendo a Rua Piquiá a mais famosa, por ser sede do popular “Arraiá do Piquiá”, bem como de outras festas.

A Rua do Piquiá era referência em festas. Até hoje tem festas lá, mas diminuiu muito. Existia outra rua na primeira etapa, na qual Marcos Xuxa organizava festas, mas não me recordo o nome da rua. Acredito que era a Rua Rouxinol ou Tangará. Eram festas grandes que fechavam as ruas e duraram muito tempo. (SILVA, 2009)

Existiam festas que ocorriam em algumas associações do Conjunto. A Associação dos Moradores da Cidade Satélite da terceira etapa, (AMORCISA), sediava vários eventos. Já o Conselho Comunitário da primeira etapa, o CONCITEL, não era muito movimentado. Nesse local, ocorriam apenas festas pequenas. A ACOCISA, Associação dos Moradores da segunda etapa, também sediava algumas festas, mas posteriormente, ocorreu uma reforma e o prédio sofreu modificações; parte do seu espaço foi utilizado para construção do prédio da polícia militar. Essa reforma diminuiu a área da sede da associação, o que impossibilitou a realização de festas nesse local.

Outra manifestação foi o “Arraiá da Espiga”. Inicialmente, essa festa junina era realizada na quadra localizada na primeira etapa do Conjunto Cidade Satélite, nas proximidades da igreja católica do Conjunto. Entretanto, posteriormente, Aquino Neto, que na época era radialista e já possuía uma grande liderança na comunidade, passou a conduzir tal festa. Com essa interferência de Aquino Neto, o arraiá modificou seu nome para “Arraiá do Aquino” e passou a ser realizado durante muitos anos, crescendo cada vez mais.

(...) lembro que o “Arraiá” começou na época em que Collor foi candidato, por volta de 1989. Nessa época, Aquino Neto já conseguiu trazer um trio elétrico que tinha o nome Collor bem grande. Esse carro saiu da quadra e foi para perto do Posto de Saúde das Serras, na Rua Serra do Piracamó. Nessa época, Aquino já era a maior liderança do evento, que ainda era bem pequeno apesar do trio elétrico bem grande. Posteriormente, o evento começou a aumentar e Aquino Neto foi eleito vereador, em 1992, passando a ter uma estrutura nas mãos, de iluminação, estrutura urbana para fazer toda uma limpeza. Nesse sentido, o evento começou a crescer, a tomar uma proporção muito grande, chegando a ser a maior festa de Natal, uma festa de época, uma festa junina, que teve seu apogeu e declínio. (SILVA, p.13)

Existiam ainda algumas festas que aconteciam em algumas ruas do Conjunto, sendo a Rua Piquiá, a mais famosa.

Aquino Neto afirma que, por Cidade Satélite ainda ser carente de autenticidade, a festa contribuía para manifestar a cultura própria do Conjunto. Em seu depoimento, percebe-se uma exaltação para com suas contribuições pessoais para a festa do Conjunto. Aquino Neto orgulha-se de ter contribuído para que o Arraiá se transformasse no que ele considera ser a terceira maior festa do país.

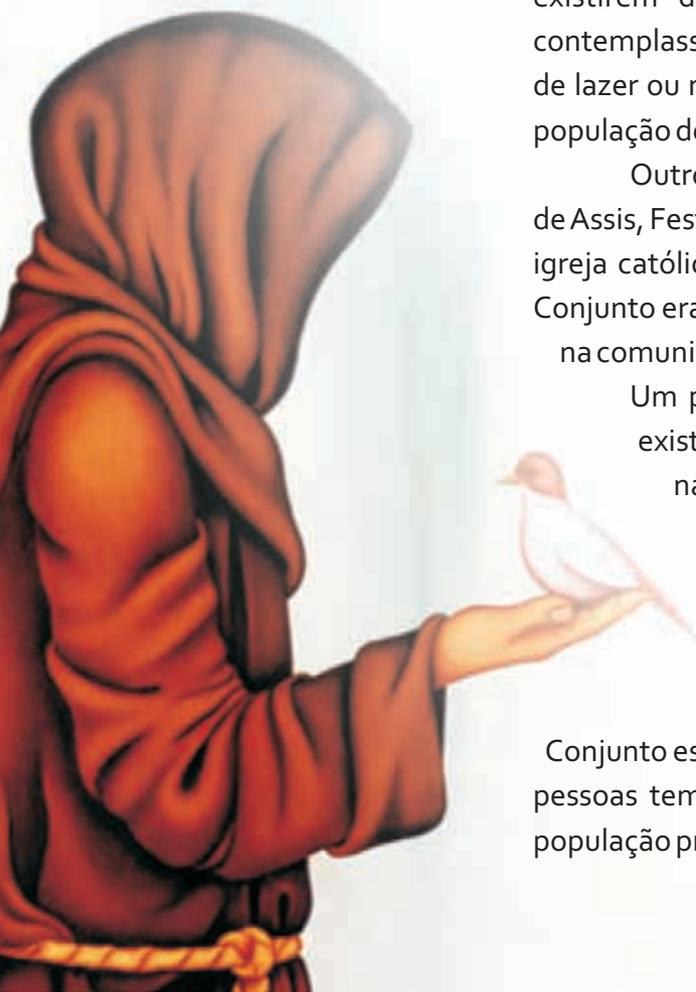
É porque a gente é muito carente de cultura... É cultura mesmo! É autenticidade... Nossas raízes! A gente já foi a terceira maior festa do Brasil! A cidade participa! A comunidade participa! A comunidade vive! Se orgulha por ter o "Arraiá" do Aquino! O nome era "Arraiá" da Espiga, mas o povo não dizia assim, era: "Vamo lá pra Aquino! Vamo lá pra Aquino" e pegou. Hoje lá no bairro o pessoal fala: "to vindo lá de Aquino, do buraco de Aquino, o campo de futebol é o campo de Aquino", isso mostra nossa representação na comunidade. (AQUINO NETO, 2009)

As festas que aconteciam no Conjunto possuíam dois lados. Eram responsáveis pela integração entre os moradores, uma vez que nesses momentos de lazer as pessoas conheciam-se. Entretanto, existia o lado negativo dessas manifestações, como os roubos, assaltos, a violência em geral que esses eventos possibilitavam, sobretudo quando ganhavam maiores proporções.

Havia também festas americanas, que ocorriam praticamente toda semana no Conjunto. Nessas festas, cada convidado trazia uma comida ou bebida para o local de realização, que na maioria das vezes era a casa de algum morador. Entretanto, a maioria dos moradores destaca que não se percebe uma espécie de tradição existente no Conjunto, uma festa ou manifestação que se tenha mantido ao longo do tempo.

"Havia, também, festas americanas, que ocorriam praticamente toda semana no

Rosinaldo Vieira considera que a AMORCISA foi um "point" do Conjunto. Inicialmente, caracterizou-se como espaço que atraía a maior parte da comunidade, mas começou a haver brigas no local, o que enfraqueceu o movimento nas festas que eram realizadas. Apesar de



existirem determinadas festas, o Conjunto nunca possuiu uma casa de show que contemplasse grandes eventos, assim como nunca existiu, na comunidade, uma grande área de lazer ou mesmo um cinema, capaz de servir como ponto de reunião e convivência para a população de Cidade Satélite.

Outros eventos aconteciam na comunidade, como a festa do padroeiro São Francisco de Assis, Festa de Santa Clara, a Festa de Nossa Senhora dos Impossíveis, destacando-se que a igreja católica exercia certa força na comunidade, uma vez que muitas manifestações do Conjunto eram vinculadas à Paróquia São Francisco de Assis, representação da igreja católica na comunidade.

Um paralelo pode ser feito com a atualidade, considerando que, hoje em dia, não existem tantas festas e manifestações, como no início de formação da comunidade, na década de 1980. Um dos motivos que contribuiu para o enfraquecimento de tais manifestações foi o aumento da violência, não só no Conjunto, mas também em todas as cidades. Entretanto, quando os eventos são noturnos, há maiores possibilidades de vítimas de assaltos. Assim, a violência é apontada como o principal fator responsável pelo enfraquecimento das festas no Conjunto, fator esse que é agravado pela própria configuração de Cidade Satélite. O Conjunto está dividido em etapas e, entre essas, existem terrenos baldios. Acredita-se que as pessoas temem passar por esses terrenos à noite e, para não correr riscos, a maioria da população prefere ficar em casa a ir para um evento que ocorra no próprio Conjunto.

Eu sei que o problema da violência não é só no bairro Cidade Satélite, é no mundo todo, no Brasil inteiro e em Natal inteira, é claro. Mas, pelo fato da gente conhecer atos de violências próximos a nossas ruas, a nossas casas, isso tem nos distanciado um pouco desses eventos noturnos (...). Pra você passar da primeira etapa para a segunda você tem que passar por terrenos baldios, então isso amedronta as pessoas que estão se distanciado um pouco desses eventos, sendo enfraquecidos. E eu acho pelo que vai que alguns estão se acabando. (SANTOS, 2009)

“A festa do padroeiro do Conjunto é uma das maiores manifestações culturais da comunidade.”

A festa do padroeiro do Conjunto, uma das maiores manifestações culturais da comunidade, está enfraquecendo pelo medo das pessoas em relação à violência existente em Cidade Satélite. Muitos moradores afirmam que só vão para os eventos se tiver alguém que os transporte. Segundo Maria José, até o padre da paróquia, José Zilmar, pede que as pessoas que vão a pé da igreja para suas casas, reúnam-se em grupos grandes, para evitar serem vítimas de violência. No Conjunto, já ocorreram casos violentos:

Porque já aconteceram casos de estupro de duas horas da manhã, quando a pessoa está voltando até mesmo da festa da igreja [grito de crianças no pátio]. Tem a história de um homem do cavalo que chicoteou uma menina lá da minha rua duas horas da manhã, pessoas que vão descendo do transporte e tem uma pessoa dentro do mato e puxa a pessoa. Então, esses fatos a gente sabe. No bairro, as pessoas se comunicam entre si e estão mais reclusas justamente por conta da violência, eu acredito. (SANTOS, 2009)

José Zilmar, pároco da Paróquia de São Francisco de Assis, desde sua fundação em 1988, descreve como é realizada a festa do padroeiro da comunidade de Cidade Satélite, tradição reafirmada a cada ano. Essa festa é celebrada no dia 4 de outubro e é muito importante porque é um momento de resgate de pessoas afastadas da paróquia.

A novena, que ocorre durante a festa, tem duração de nove noites e é celebrada entre 19:00 e 19:30 h. Mas, na festa, existe, além da manifestação espiritual, a material, que consiste em shows, animações, em uma grande confraternização, que tem como um de seus objetivos arrecadar fundos para as obras da igreja. Essas arrecadações vêm aumentando a cada ano, demonstrando que as pessoas estão cada vez mais engajadas.

Outros moradores não acreditam que existam festas populares no Conjunto, considerando como populares manifestações de rua espontâneas. Para esses moradores, as festas que existem em Cidade Satélite, sobretudo as que festejam o São João, são frutos de manipulações políticas e não ocorrem para manifestar determinada tradição e, sim, para representar uma espécie de vitrine de algum político.

Outros entrevistados destacam que as festas da comunidade não eram muito aproveitáveis, já que os próprios moradores, sobretudo jovens e adolescentes, provocavam brigas nos locais, o que acabava por destruir a animação. Além disso, existiam muitas reclamações dos próprios moradores, que se incomodavam pelo som alto, entre outros fatores.

Rapaz, aqui no Satélite nunca prestou muita festa, não [barulho de pássaros]. Os próprios moradores acabavam, esse pessoalzinho que eu estava falando, porque sempre acabava em confusão(...).Reclamavam por conta de som alto, de barulho, porque as festas viravam a noite. Eu não sei. Só sei que festa em Satélite nunca prestou. (MACIEL, 2009)

As brigas não se limitavam apenas ao espaço do Conjunto Cidade Satélite, estas se expandiam por outros Conjuntos e comunidades e o principal rival dos jovens “brigões” era o Conjunto Mirassol.

B.M.: - As pessoas se encontravam nos cantos e pegue “bufete no meio de um”.

T.G.: - Porque acontecia isso?

B.M.: - Não sei. Quando eu comecei a sair foi logo na época que estava no auge o jiu-jítsu, anabolizantes, esses negócios. Então era um querendo ser melhor do que o outro, saindo no “cacete”.

G.F.: - Você participava?

B.M.: - Não. Eu só ficava olhando [Risos]. (MACIEL, 2009).



Aquino Neto considera que o Conjunto Cidade Satélite é um dos que mais contribuiu, no nível cultural, para a Cidade do Natal e discorre sobre Elino Julião, cantor e compositor norte-rio-grandense. Elino Julião foi importante não só para Cidade Satélite, como para a música brasileira como um todo. Tal músico morou muitos anos no Conjunto, e quando veio a falecer ainda residia na comunidade Cidade Satélite.

A gente tem colaborado bastante. A gente tem contribuído bastante. Eu confesso que é um dos bairros que tem contribuído muito, principalmente, no nível de cantor de viola, de repentista, que é uma área que estou muito presente, a Cidade Satélite tem dado sua contribuição muito forte (...). (AQUINO NETO, 2009).

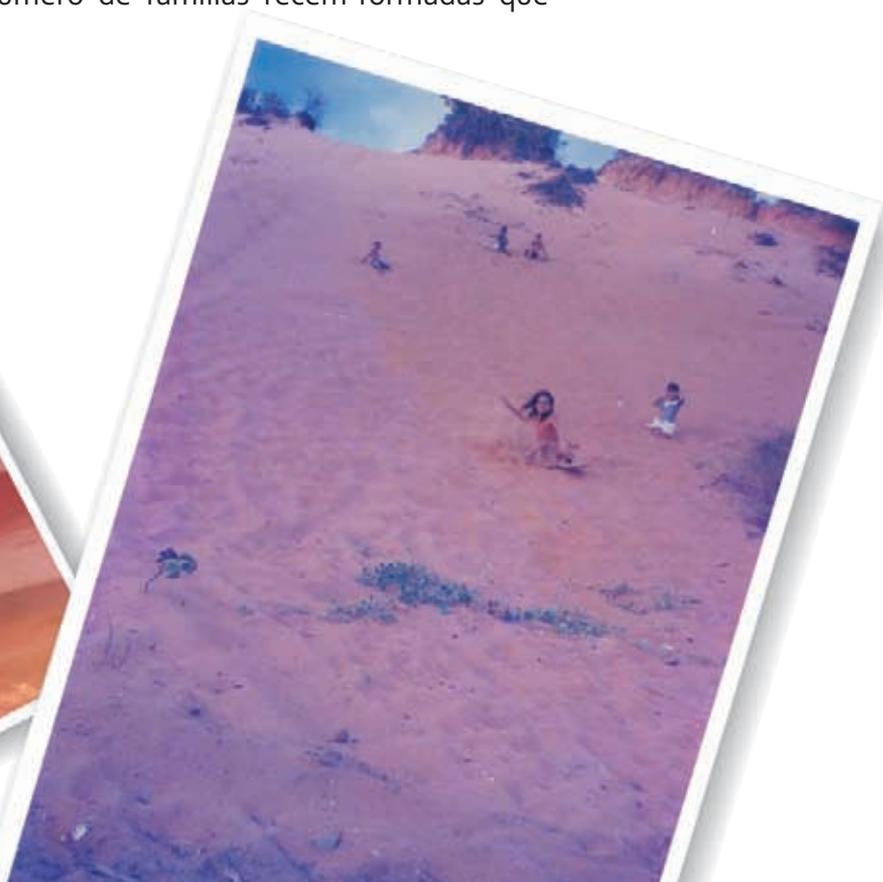
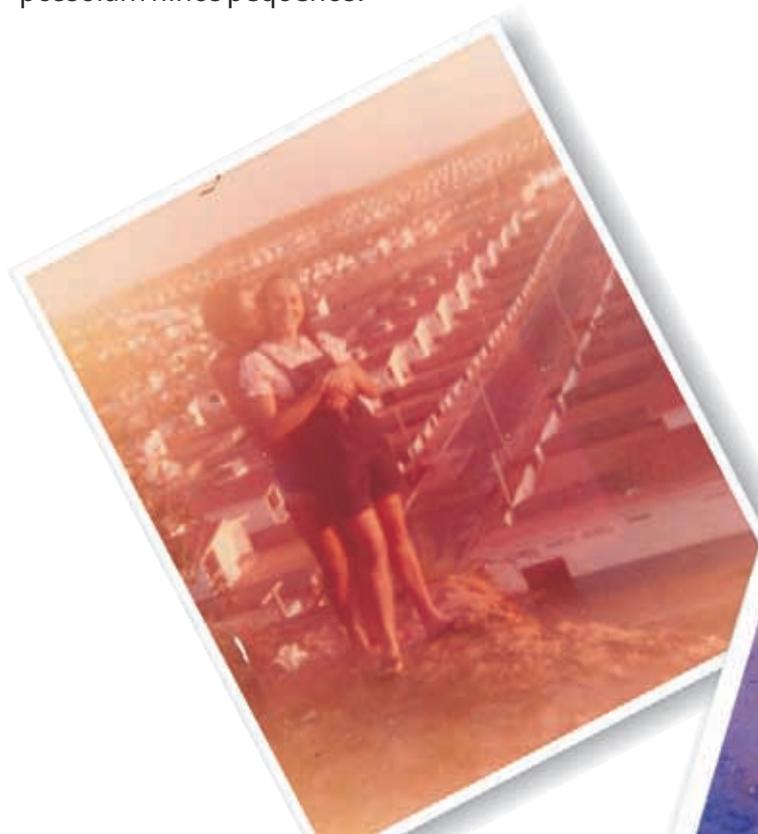
Houve shows de rock na comunidade. Existiam algumas bandas de rock, e até um evento foi organizado na AMORCISA (Associação dos Moradores da segunda etapa) reunindo bandas que tocavam rock. Entretanto, movimentos como esses são exceções, a maioria das festas

que ocorriam, sobretudo nas ruas do Conjunto, eram as de São João, existindo quadrilhas nas ruas. Mas, essas festas já não ocorrem mais, apesar de serem, para alguns moradores, mais interessantes do que o "Arraiá de Aquino". Estes percebem o Arraiá como descaracterizado, tendo mais vínculos mercadológicos, enquanto as quadrilhas juninas que aconteciam nas ruas retratavam mais os aspectos característicos das festas de São João.

Na rua, a festa mais popular era o São João. Outra prática que eu não vejo mais. Lembro que, quando eu era criança, as ruas organizavam quadrilhas no São João. Era interessante! Essa festa era mais interessante pra mim, particularmente, do que o Arraiá do Aquino, porque tinha esse caráter regional mesmo, um forró bem interessante. (RAMALHO, 2009)



As festas e gincanas que aconteciam na comunidade representavam ocasiões propícias para a integração e socialização, principalmente, de jovens e adultos. Entretanto, além dessas formas de manifestação e lazer, em Cidade Satélite existiram outros espaços de diversão destinados, principalmente, às crianças, que necessitavam de locais para realizarem suas brincadeiras e outros anseios próprios de suas faixas etárias. O Conjunto Cidade Satélite não é diferente dos outros. Sempre possuiu crianças e algumas entrevistas demonstraram que, no início do Conjunto, havia um grande número de famílias recém-formadas que possuíam filhos pequenos.



Jovens afirmam que sempre possuíram amigos na comunidade e que subiam nos morros, soltavam pipa e aprontavam algumas brincadeiras pelo Conjunto.



Jovens afirmam que sempre possuíram amigos na comunidade e que subiam nos morros, soltavam pipa e aprontavam algumas brincadeiras pelo Conjunto. Um dos episódios relatados mais marcantes ocorreu quando um grupo de amigos resolveu atacar um ônibus com uma bandeja de ovos:

A gente um dia desses, acho que eu tinha uns 13... 14 anos, estava "de bobeira" na calçada conversando "merda", quando a mãe de um amigo nosso pegou uma caçamba de ovo podre e "puf", jogou no lixo. Então um deles falou: "Caramba, mãe botou uma caçamba de ovo podre... Só em pensar que vai pro lixo, vamos jogar nos ônibus pra não se estragar!" E todo mundo respondeu: "Bora!" Pegamos as caçambas de ovos e ficamos "detrás" de uma moitinha. Passou o primeiro ônibus, "omi"... Era uma chuva de ovo! "Pá, pá, pá, pá, pá" no ônibus!

B.B.M.: - Então acabaram os ovos podres e a gente já corria na padaria: "Me dá uma bandeja de ovo aí!"

B.M.: - Mas a gente era tão burro, que fazia "merda" e continuava no local do crime! A gente lá tudo conversando: "Não porque eu vi o meu entrando lá dentro!" Quando uma "doidinha" bateu assim no meu ombro, uma mulher já: "Pois o que você jogou pegou em mim!" Na hora eu comecei a rir, "ká, ká, ká, ká, ká!" Deu uma confusão da "porra", até polícia veio bater aqui! Só que os outros ó [o entrevistado faz um gesto com a mão se referindo a ir embora] "tirou"! Era a polícia dizendo e eu: "Joguei mesmo!" Levei uma "pisa" meu amigo! Passei bem 30 dias sem sair de casa!(MACIEL, 2009)

Para outros jovens, o espaço de diversão estava mais voltado para os jogos nas lan houses e para as reuniões destinadas a ouvir música e tocar violão:

Na época, as pessoas ainda costumavam sair de casa para jogar vídeo-game, nessas três ruas seguintes [o depoente aponta], havia três locadoras que a galera se juntava pra jogar. Particularmente nessa rua [o depoente se refere à rua dele], as crianças, quer dizer, no início da adolescência, a galera se juntava para ouvir música, tocar violão, mas isso não era uma prática geral do bairro, era só daqui mesmo. (RAMALHO, 2009)

A partir de 2000, passaram a existir algumas bandas de rock no Conjunto. Havia um estúdio comandado por um jovem denominado Douglas, que era o dono do estúdio e tocava em algumas bandas de destaque no cenário denominado de "underground", composto por artistas que não tocavam por dinheiro, um cenário mais alternativo. O estúdio localizava-se na casa de Douglas e não possuía uma acústica muito bem estruturada, o que fazia com que os moradores da rua acabassem por escutar o que tocavam no estúdio. Esse fator foi responsável por despertar o gosto pelo rock em muito dos jovens das redondezas.

Daqui da rua tinha o Diogo que tocava comigo, no "Nasdark", ensaiamos no estúdio também. Com os meninos do outro lado do morro, desse



Os campos de futebol, que existiam pelo Conjunto, também, configuravam-se em espaços de lazer para as crianças e adolescentes do Conjunto Cidade Satélite.

morro que divide o Conjunto ao meio, eu tocava com o "Antes que eu Morra", inclusive essa galera toda está no curso [o depoente faz referência ao curso de história, que cursa junto com os entrevistadores] tem Jônatas "Negão", que se formou agora, Júlio, que acho que é de 2006, Walter que toca guitarra. A galera toda acabou entrando no curso. (RAMALHO, 2009).

Os campos de futebol que existiam pelo Conjunto também configuravam-se em espaços de lazer para as crianças e adolescentes do Conjunto Cidade Satélite. Era comum ver crianças e jovens praticando tal atividade, que parecia atender às necessidades de socialização. Apesar de, atualmente, existirem muitas quadras na comunidade, os campinhos atendiam muito mais a necessidade dos que simpatizavam com a atividade futebolística:

E às vezes acho que o campinho de futebol vale muito mais do que muita área de lazer sofisticada, eu não era de jogar futebol, mas observando as outras crianças jogarem futebol eu via que o campo atendia muito bem as necessidades de sociabilidade. Hoje construíram uma quadra que é mais tecnológica, a infra-estrutura é aparentemente mais sofisticada, mas a galera utiliza muito menos que os campos, acho que os campos supriam melhor essas necessidades. (RAMALHO, 2009)



A partir das entrevistas realizadas pôde-se perceber que o Conjunto Cidade Satélite foi movimentado no início. Existiam festas nas ruas e em determinados locais do Conjunto, que reuniam a população e serviam de espaço para lazer e sociabilização. A maioria das festas acontecia no período junino, em comemoração a São João; tocando principalmente forró. Entretanto, algumas festas eram no estilo americano em que cada participante levava alguma espécie de comida ou bebida.

Também percebe-se a ausência de um local na comunidade para a realização de festas. A maioria dos entrevistados aponta que as manifestações ocorriam principalmente nas ruas do Conjunto, embora algumas tenham ocorrido nas associações das etapas. Ocorreram várias mudanças, e os depoentes citam essas transformações, sobretudo quando referem-se às gincanas e ao “Arraiá do Aquino”.

Em relação ao “Arraiá do Aquino” percebe-se que essa festa foi crescendo ao longo do tempo, e deixou de ser uma manifestação própria da comunidade do Conjunto Cidade Satélite, passando a ganhar uma perspectiva mercadológica. A festa passou a atrair moradores dos mais variados conjuntos, bairros e comunidades de Natal, e acarretou em algumas conseqüências negativas para Cidade Satélite, como o aumento da violência, assaltos, entre outras conseqüências, embora tenha tido um papel fundamental na sociabilização dos moradores.

Como afirma Paul Claval as transformações são frutos da própria dinâmica das sociedades urbanas, que ao longo do tempo sofrem modificações em virtude do seu próprio crescimento. Cidade Satélite pode ser um exemplo de uma comunidade que no início era isolada da cidade, possuía dificuldade de acesso, entre outros problemas como dificuldades de transporte. Com o encurtamento das distâncias, provocado, sobretudo pelo prolongamento da Avenida Prudente de Moraes, Cidade Satélite modificou sua dinâmica, e a proximidade com bairros mais movimentados pode ter sido um fator responsável por descaracterizar as festas que aconteciam no Conjunto. Algumas dessas festas desapareceram, pelo fato de moradores procurarem outras festas mais movimentadas em outros bairros e Conjuntos. Outras festividades, como o citado “Arraiá do Aquino” ampliaram-se e atraíram moradores de outras localidades da Cidade, devido também ao encurtamento das distâncias.

São diversos fatores que caracterizam a modificação dessas manifestações e espaços de lazer. Contar a história do Conjunto Cidade Satélite é lembrar essas festas tão nostálgicas aos seus moradores. Forró, gincanas e rock and roll, festas e diversões que ainda persistem na lembrança dos moradores.

Com o encurtamento das distâncias, provocado, sobretudo pelo prolongamento da Avenida Prudente de Moraes, Cidade Satélite modificou sua dinâmica.



OHANA
CARTAS
BUZIOS
TARO
tel. 3006.5134



A questão ambiental na percepção dos moradores do Conjunto Cidade Satélite

Gabriela Fernandes
Márcia Sena

“A questão ambiental na percepção dos moradores do Conjunto Cidade Satélite”

O Conjunto Cidade Satélite apresenta uma paisagem permeada por casas, prédios, árvores e dunas, mas nem sempre o cenário foi o mesmo. Segundo o Plano Diretor de Natal de 1974, que permaneceu em vigor até 1984, os limites urbanos da cidade atingiam Candelária. A área, que hoje compreende o Conjunto Satélite, foi considerada por esse plano diretor como Zona de Expansão Urbana. Como o Conjunto foi projetado em 1976 e teve sua primeira etapa entregue em 1982, a análise do Plano Diretor de 1974 torna-se essencial para que se entenda o processo de transformação da paisagem do Conjunto.

O Plano Diretor de 1974 também determinou a criação de áreas verdes no município, visando a amenizar as condições climáticas e de salubridade. Segundo os artigos 28 e 29 daquele Plano, seriam consideradas áreas de preservação permanente os revestimentos florísticos e as outras formas de vegetação naturais que se localizassem:

I- Ao longo dos rios ou outros quaisquer cursos d'água em faixa mínima fixada no planejamento local pela aplicação do Código Florestal(Lei Federal 4.711 de 15 de setembro de 1965);

II- em volta das lagoas, lagos ou reservatórios d'água, naturais ou artificiais;

III- nas nascentes ou olho d'água, seja qual for a sua situação topográfica;

IV- nas encostas ou partes destas, com declividades superiores a 45° equivalentes a 100% na linha de maior declive; (...)

Art. 29- Consideram-se ainda de preservação permanente as coberturas ou demais formas de vegetação natural destinadas:

I- a atenuar a erosão das terras;

II- a formar faixa de proteção ao longo das avenidas, parques, rodovias e ferrovias;

III- a formar faixas de proteção entre as áreas de utilização diversas, tais como as áreas industriais e as reservadas à habitação, educação, saúde, recreação e congêneres;

IV- a proteger sítios de beleza paisagísticas naturais, de valor científico ou históricos.

Segundo o Plano Diretor de Natal de 1974, que permaneceu em vigor até 1984, os limites urbanos da cidade atingiam Candelária.

*Natalense,
Éis o Plano Diretor
de sua Cidade. Éle foi
feito para ser executado
e cumprido. Seja o
Deus e o guardião
do Plano que é seu,
e que lhe entrega,
agora.
Sua Cidade é Voçz.
Josep Ivan Araújo
10.07.74
Prefeito do Natal*

Analisando-se os discursos presentes nas entrevistas realizadas com os moradores do Conjunto, bem como vendo as fotos cedidas por eles, pode-se constatar que as determinações do Plano Diretor de 1974, sobretudo, no que diz respeito às áreas verdes, não foram totalmente cumpridas. Muitos moradores revelaram que, no momento da construção do Conjunto, a empresa encarregada de construir as casas derrubou muitas árvores que existiam além da área delimitada para edificação, até aquelas responsáveis por atenuar a erosão das dunas, que são consideradas como filtros de águas pluviais, sendo estas áreas de recarga para o lençol freático.

As fotos também apontam a ausência de árvores e a predominância de areia disposta, oriunda dos movimentos dunares, ocasionados por ações antrópicas. Essas começaram a ser presença constante na paisagem das ruas circunvizinhas, prejudicando, assim, tanto o habitat natural, como a limpeza pública. Entretanto, algumas áreas verdes foram estabelecidas, mas, ao longo dos anos, essas áreas foram sendo invadidas, ocupadas por prédios ou por lixo, restando poucas áreas de preservação. Como consequência dessa problemática sem interferência dos poderes públicos, os moradores do Conjunto tiveram uma postura independente diante desses problemas socioambientais, que foram surgindo e agravando-se com o tempo.

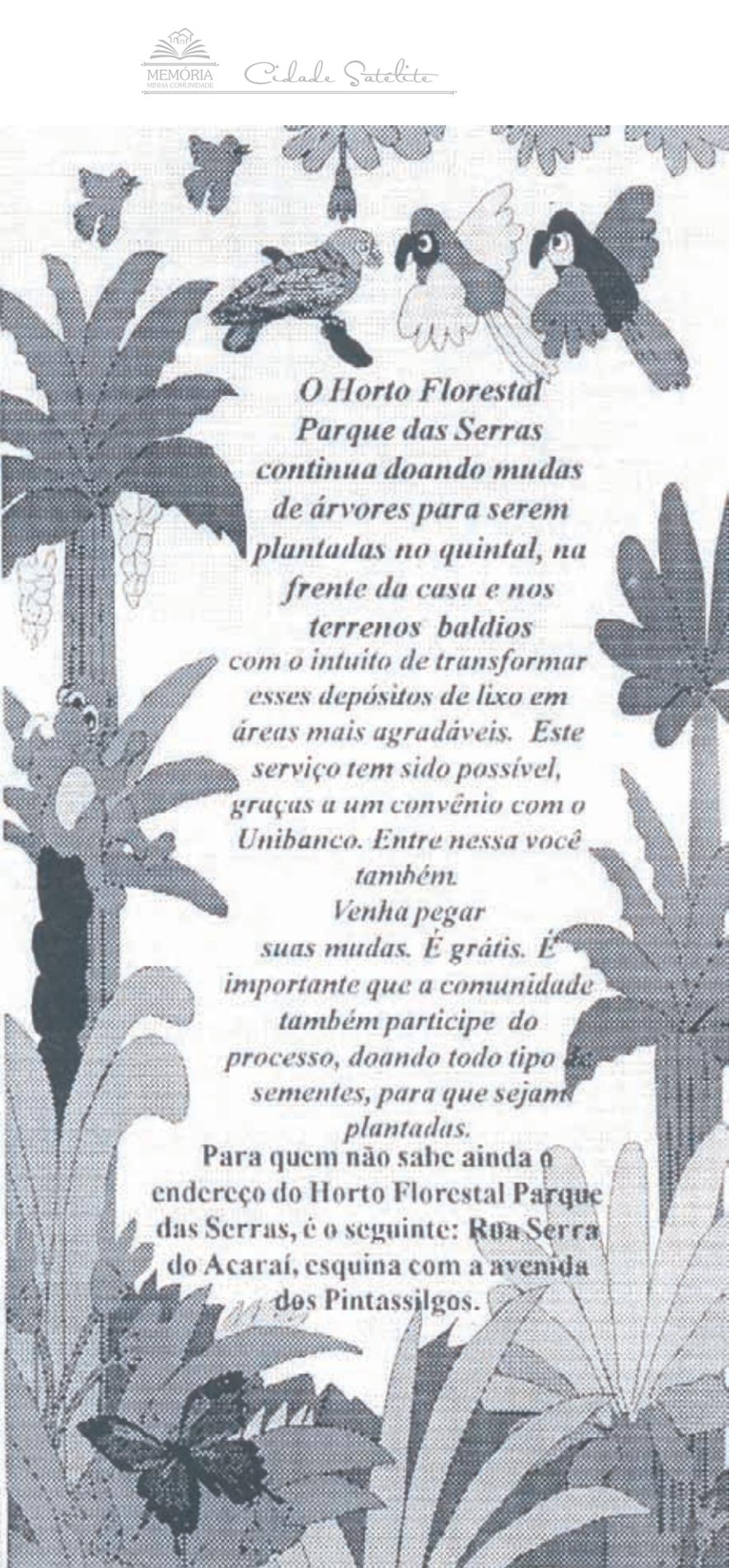


Os moradores do Conjunto tiveram uma postura independente diante desses problemas socioambientais que foram surgindo e agravando-se com o tempo.

O depoimento de José Ramos Coelho, professor de filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e fundador do **Horto Florestal Parque das Serras** do Conjunto Cidade Satélite, é crucial para a compreensão dos problemas ambientais gerados pela construção do Conjunto e pelo mau uso do espaço por parte da população. José Ramos afirma que durante a construção de Cidade Satélite deveriam ter sido criadas muitas áreas verdes, preservando grande parte da vegetação que já existia naquela região de dunas. Muita polêmica foi gerada, na época da construção, pelo fato de o terreno ser uma área de recarga de lençol freático e as edificações poderem impermeabilizar o solo. Entretanto, como a fiscalização não era forte, o depoente considerou que se fizeram concessões e foram construindo as casas sem a devida preocupação com essas áreas verdes.

Nesse contexto, percebe-se a importância dos vários movimentos realizados em prol da amenização dos problemas ambientais que existiam na comunidade. A própria construção do Horto Parque das Serras é vista por Ramos como crucial para a arborização do Conjunto, modificando uma determinada área que vivia cercada por lixo, em uma área com plantas raras, que eram distribuídas entre os moradores.





O Horto Florestal Parque das Serras continua doando mudas de árvores para serem plantadas no quintal, na frente da casa e nos terrenos baldios com o intuito de transformar esses depósitos de lixo em áreas mais agradáveis. Este serviço tem sido possível, graças a um convênio com o Unibanco. Entre nessa você também.

Venha pegar suas mudas. É grátis. É importante que a comunidade também participe do processo, doando todo tipo de sementes, para que sejam plantadas.

Para quem não sabe ainda o endereço do Horto Florestal Parque das Serras, é o seguinte: Rua Serra do Acaraí, esquina com a Avenida dos Pintassilgos.

A construção do Horto, idealizado por José Ramos, partiu da insistência de um grupo de moradores que pressionaram Aldo Tinoco, então presidente do Instituto de Planejamento de Natal (IPLANAT) para que o projeto da construção do horto fosse aprovado. Após a aprovação, esse mesmo grupo de moradores recorreu aos comerciantes da comunidade, visando a adquirir verbas para lançar no projeto. Com a construção da sede e o começo do plantio, os idealizadores do Horto Florestal Parque das Serras formularam um projeto destinado à Fundação Unibanco, que estava financiando projetos ecológicos. A Fundação aprovou o projeto do Horto e financiou a ampliação da sede e a construção de um poço artesiano, que teve como objetivo garantir abastecimento constante, independente de fatores naturais.

A Fundação Unibanco financiava projetos ecológicos. Então fizemos um projeto, que até foi referência no Nordeste. O Unibanco aprovou, deu a verba para ampliarmos a sede e fazermos um poço artesiano. Fizemos o projeto, o relatório foi aprovado. Foi um projeto muito bom, dando ao Horto infraestrutura para funcionar. Nesse projeto de ecologia sempre o Unibanco usava a gente como referência. (COELHO, 2009).

O horto possuía caráter de auto-suficiência, já que não recebia auxílio financeiro de órgãos públicos e nem de grupos políticos, uma vez que seus idealizadores não queriam vincular o Horto a instrumentos de partidos políticos. As queimadas eram muito frequentes no Conjunto, principalmente nos períodos secos. Existia uma falta de consciência por parte da população, que jogava lixo nas ruas e dunas. O lixo servia de combustível quando ocorriam queimadas e as dunas sofriam incêndios constantes. Cercas ao redor das dunas amenizaram os problemas referentes às queimadas. Sem as cercas, as pessoas

invadiam aqueles locais e faziam o que desejavam, sem arcar com as consequências ambientais que suas atitudes inconscientes ocasionavam.

O horto foi projetado em uma área próxima a um bar. Servia de depósito para lixo e possuía um solo pobre. Mesmo assim, começou-se a trabalhar no horto, plantando mudas e limpando o terreno. Entretanto, a existência de gado, na região, prejudicava o serviço, já que o gado era criado livre, destruindo muitas mudas plantadas. Apenas, posteriormente, esse problema foi sanado, quando os idealizadores conseguiram cercar o terreno.

A falta de apoio dos órgãos públicos resultou em que muitas benfeitorias realizadas, no horto, foram conquistadas por meio de recursos próprios de seus idealizadores. O Horto Florestal Parque das Serras serviu de modelo para a fundação do Horto Pitimbu, que é administrado pelo senhor Ronili. A construção do Horto foi fundamental para a arborização do Conjunto.

Outro fator agravante para os problemas ambientais do Conjunto foi o prolongamento da Avenida Prudente de Moraes. Na área em que foi realizado o prolongamento, havia muitas lagoas que foram aterradas. Havia o movimento pró-Pitimbu, que pretendia conscientizar a população dos prejuízos que a poluição do rio ocasionaria para o município. Hoje, o rio apresenta forte odor e grande parte de sua mata ciliar (vegetação presente nas margens de

rios e mananciais) foi retirada. Além desses problemas, o assoreamento do rio também ocorreu pelo acúmulo de resíduos minerais oriundos dos dejetos das construções de prédios nas proximidades.

O movimento pró-Pitimbu, coordenado por Kalazans Louzá Silva e por Waldemir Santiago Costa, teria sido a maior mobilização que já existiu no Conjunto Cidade Satélite, envolvendo muitos moradores do Planalto e pessoas de outros conjuntos e bairros. Tratava-se de um movimento em prol do rio Pitimbu, que recebeu apoio de algumas instituições como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ambientalistas, engenheiros sanitaristas, Associação Brasileira de Engenharia Sanitária, políticos e moradores das redondezas.



O Horto possuía caráter de auto-suficiência, já que não recebia auxílio financeiro de órgãos públicos e nem de grupos políticos, uma vez que seus idealizadores não queriam vincular o Horto a instrumentos de partidos políticos.

O movimento pró-Pitumbu, coordenado por Kafazans Louzã Silva e por Waldemir Santiago Costa, teria sido a maior mobilização que já existiu no Conjunto Cidade Satélite.

Eu não diria que foi uma mobilização do Satélite, mas sim que foi uma mobilização ambiental em prol de alguma coisa que se localizava no conjunto, mas que repercutia em toda a cidade. A fundação do movimento foi em 2000, com sede no CAIC, na Rua Serra da Jurema entre o CAIC e o Planalto. Esse movimento mobilizou entre adultos e crianças, cerca de mil pessoas. Foi um movimento em prol da defesa do Rio Pitumbu, o rio que passa limitando Natal com Parnamirim, realizado no dia quatro de junho de 2000. (SILVA, 2009).

O movimento preconizava algumas expedições, realizadas em 2002, pelo rio Pitumbu, indo desde a nascente até a Lagoa do Jiqui. Essas expedições tinham como objetivo reconhecer o rio e levantar as áreas que possuíam maiores problemas. O movimento teve como produto, alguns artigos, monografias e acervos fotográficos. O símbolo do movimento era uma figura que possuía uma mão na cor laranja, para representar as dunas, com água escorrendo entre ela, em referência ao rio Pitumbu, “a mão segura o rio, e tem a frase: Salve o Pitumbu, nós dependemos dele. Esse foi um símbolo que nós criamos para o movimento pró-Pitumbu.” (SILVA, 2009).

Rosinaldo Vieira, morador do Conjunto Cidade Satélite desde sua fundação e idealizador do periódico informativo Consenso Comunitário, que circulou no Conjunto por quatro anos (1993-1997), afirma que o movimento pró-Pitumbu foi fundamental para despertar a consciência da questão ambiental na população do Conjunto. Anteriormente, todas as informações sobre o rio eram restritas aos técnicos da CAERN e a população não possuía conhecimento de dados sobre o rio Pitumbu. Com o movimento, Rosinaldo afirma que passou-se a ter mais contato com informações sobre o rio que existe no Conjunto, o que gerou uma consciência maior por parte da população. Entretanto, o depoente enfatiza que falta um maior engajamento da população do Conjunto pelas questões ambientais, bem como por outros problemas da comunidade.

O poder público precisa trazer o saneamento básico para o bairro, porque com essa quantidade de construções não dá. A própria população tem que voltar a se engajar mais! Que cobre, que vá as ruas! Hoje ela não vai mais as ruas para cobrar do poder público melhorias. Há uma preocupação desse futuro, pois ninguém sabe como vai ser daqui a alguns anos, com todas essas construções e as pessoas em casa de braços cruzados, sem fazer nada para que isso mude, para que essa

tranquilidade, essa aparente qualidade que temos hoje, continue. (LIMA, 2009).

As lutas a favor do rio Pitimbu, apesar do longo tempo de descaso, surtiram efeito. No ano de 2003, foi criada a Lei Estadual 8.426, que dispõe acerca dos limites de preservação do manancial.

LEI Nº 8.426, DE 14 DE NOVEMBRO DE 2003.

Dispõe sobre a Faixa de Proteção Ambiental do Rio Pitimbu, e dá outras providências.

A GOVERNADORA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE: FAÇO SABER que o Poder Legislativo decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 3º - Fica estabelecida a faixa de proteção ambiental do Rio Pitimbu, de suas nascentes e de seus afluentes, compreendendo as margens direita e esquerda (...);

Art. 4º - Para efeito desta Lei, a faixa de que trata o art. 3º subdivide-se nas seguintes áreas:

I - Área de Preservação Permanente,

II - Áreas Passíveis de Uso e Ocupação.

§ 1º - As Áreas de Preservação Permanente destinam-se, prioritariamente, à criação de unidade de conservação e aos usos estabelecidos em plano de manejo, compreendendo:

I - a vegetação ciliar, considerando-se uma faixa mínima de 100 (cem) metros para cada margem, medidos horizontalmente, a partir do leito maior sazonal do rio, seus afluentes e entorno das nascentes;

II - as áreas inundáveis situadas nas margens direita e esquerda do Rio Pitimbu em toda a sua extensão;

III - os remanescentes da Mata Atlântica e dos seus ecossistemas associados;

IV - as dunas e demais unidades ambientais previstas na legislação em vigor.

§ 2º - Nas Áreas Passíveis de Uso e Ocupação, a implantação de qualquer tipo de empreendimento está, obrigatoriamente, sujeita ao licenciamento ambiental



pelos órgãos competentes;

Art. 5º - Não será permitido o lançamento de efluentes líquidos de qualquer natureza no Rio Pitimbu, mesmo que tratados (...);

Art. 6º - Fica proibida a disposição de resíduos sólidos urbanos, industriais e de outra natureza no solo, devendo os mesmos serem armazenados de forma adequada até o tratamento e destino final fora da faixa de que trata o art. 3º;

Art. 7º - Fica proibida, na faixa de que trata o art. 3º, a instalação de qualquer empreendimento que resulte no armazenamento de substâncias líquidas perigosas.

Art. 8º - As atividades de bovinocultura, suinocultura, ovino/caprinocultura, equinocultura, avicultura, aquicultura e similares não serão permitidas na faixa definida no art. 3º desta Lei;

Art. 11º - As atividades existentes na faixa de proteção ambiental do Rio Pitimbu devem adequar-se ao disposto nesta Lei, no prazo máximo de 1 (um) ano, a partir da data de sua publicação, respeitado no que couber, o disposto nas normas municipais (...).

O aumento da temperatura é decorrente dos problemas ambientais, agravados pela falta de árvores nas casas das pessoas. Os moradores consideram que árvores sujam, dão trabalho, e não as plantam no jardim de suas casas, derrubando, inclusive, as que já existem no terreno, contribuindo para a elevação das temperaturas.

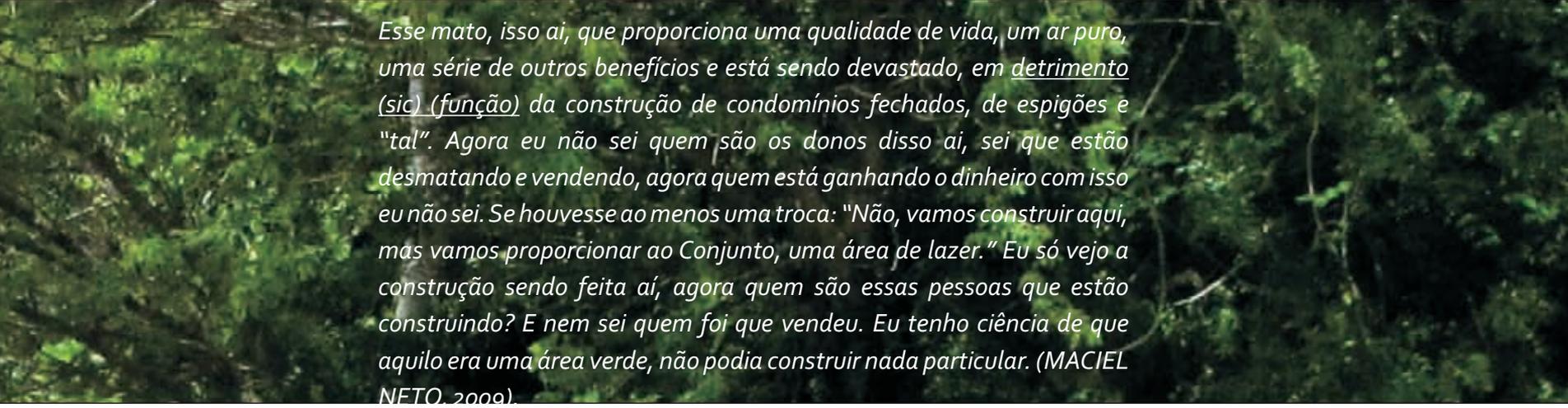
Existia um descaso em relação às áreas verdes do Conjunto. Na década de 1990, foi construído um posto de gasolina em uma área verde. O posto foi implantado em um terreno que estava dividido em uma área comercial e outra verde. A parte da frente era destinada à preservação, enquanto a parte de trás seria o local destinado para construções comerciais. No entanto, ocorreu uma permuta, a área verde foi destruída e o posto implantado em seu lugar.

A divisão era essa: a parte da frente era uma área verde e atrás se tinha uma área comercial, uma área que a prefeitura destinava para o comércio e para equipamentos, onde poderiam ser construídas escolas, creches, entre outros. Na época, a prefeita Vilma de Faria e o presidente do IPLANAT, Aldo Tinoco, permutaram essas áreas. Dessa maneira, sem o conhecimento de ninguém, eles transferiram a área comercial para a frente, área mais valorizada, e a área verde para trás. Posteriormente, começou a construção desse posto na área da frente, provocando uma revolta por parte dos moradores. (SILVA, 2009).

Para traçar o perfil da questão ambiental no Conjunto, também é essencial analisar como os moradores que não participaram diretamente dos movimentos de luta perceberam a questão no Conjunto. Alguns acreditam ser o pró-Pitimbu, algo isolado, separado, não se tratando de uma política voltada propriamente para o Conjunto Cidade Satélite.

São citadas a presença de algumas lagoas cristalinas existentes nas dunas, nas quais as crianças brincavam e que, ao longo dos anos, foram desaparecendo. Muitos moradores acreditam que o prolongamento da Prudente de Moraes não foi responsável por secar essas lagoas. As lagoas eram formadas pelo afloramento do lençol freático, que se constituía como manancial em potencial. Com o passar do tempo e o crescimento do Conjunto, muitos poços foram construídos, uma vez que havia maior necessidade de água potável e, como consequência, os lençóis freáticos daquela área foram secando. Além desses problemas, muitos prédios que hoje existem em Cidade Satélite foram construídos em áreas verdes:

Com o passar do tempo e o crescimento do Conjunto, muitos poços foram construídos, uma vez que havia maior necessidade de água potável e, como consequência, os lençóis freáticos daquela área foram secando.



Esse mato, isso aí, que proporciona uma qualidade de vida, um ar puro, uma série de outros benefícios e está sendo devastado, em detrimento (sic) (função) da construção de condomínios fechados, de espigões e "tal". Agora eu não sei quem são os donos disso aí, sei que estão desmatando e vendendo, agora quem está ganhando o dinheiro com isso eu não sei. Se houvesse ao menos uma troca: "Não, vamos construir aqui, mas vamos proporcionar ao Conjunto, uma área de lazer." Eu só vejo a construção sendo feita aí, agora quem são essas pessoas que estão construindo? E nem sei quem foi que vendeu. Eu tenho ciência de que aquilo era uma área verde, não podia construir nada particular. (MACIEL NETO, 2009).

Pode-se observar uma percepção sobre a questão ambiental no Conjunto. Algumas crianças reuniam seus amigos para tomar banho no rio Pitimbu, mas esse hábito logo foi desfeito, pois o rio tornou-se poluído muito cedo. Sobre o movimento pró-Pitimbu, uns afirmam ter tido conhecimento de muitos movimentos em relação ao rio, mas nunca tiveram participação nos mesmos.

Vários moradores consideram que o fato de não existir saneamento no Conjunto é um dos fatores agravantes para a poluição do rio Pitimbu. Além disso, as construções existentes, próximas ao rio, também representam um descaso em relação à preservação de áreas verdes.

O Conjunto funciona com fossas sanitárias. Eu acho que é uma coisa que devia ser resolvida. Um bairro tão grande! E ainda mais que a gente é um



bairro que fica próximo de um rio. Acho que há certo descaso com o rio Pitimbu, a julgar pelas construções que existem perto dele. Próximo ao Instituto Brasil, existem alguns prédios que foram construídos; existe o próprio cemitério que chega muito próximo do rio; e o Parco Della Verità que construiu agora, que é um condomínio fechado. (RAMALHO, 2009)

Maria José dos Santos, professora da Escola Estadual Antônio Pinto de Medeiros, desde sua fundação e, atualmente, bibliotecária da mesma escola, considera que, apesar de ainda existirem áreas verdes no Conjunto, essas áreas continuam sendo invadidas por apropriações irregulares de particulares, que constroem moradias, bares ou apropriam-se para desenvolver plantios. Essas apropriações não são percebidas pelas autoridades e, quando o forem, será tarde, já que será bastante difícil retomar as áreas para o Conjunto. Maria dos Santos acredita que a prefeitura deveria tomar providência no sentido de fiscalizar essas áreas e impedir as apropriações indevidas.

Um exemplo disso eu dou, lá atrás da delegacia, se você vê lá, tem um roçado enorme com um barraco que a pessoa cercou e plantou, um terreno que eu nem sei avaliar de quantos metros quadrados, mas essa pessoa está ali, beneficiou o terreno, está construindo, fez uma cerca, investiu, então quanto tempo vai passar sem isso ser percebido? E quando for percebido, será que isso ainda pode ser retornado para o patrimônio do bairro? Então isso me preocupa (...). Então faz anos que venho observando e nenhuma medida por parte dos órgãos públicos foi tomada. Essas pessoas vão se achar proprietárias e, até mesmo por conta da lei, vão dizer: "Eu já moro aqui há tanto tempo, vou ter que ser indenizado." E aí, como é que vai ficar? (SANTOS, 2009).



O Padre José Zilmar, pároco da Paróquia de São Francisco de Assis, desde sua fundação em 1988, afirma, em sua entrevista, que a paróquia do Conjunto participou de alguns movimentos ambientais, através da equipe da Ordem Franciscana Secular. Muitas pessoas da OFS participaram do movimento. O padre acredita que a paróquia envolve-se nesses movimentos porque o próprio São Francisco de Assis era muito ligado à natureza, sendo considerado, por muitos, o santo patrono da ecologia.

O prolongamento da Avenida Prudente de Moraes provocou uma série de debates sobre a questão ambiental no Conjunto. Apesar de ter trazido benefícios para a comunidade do Conjunto, por diminuir as distâncias, o prolongamento era foco de polêmicas por ser construído em uma área de dunas. Destaca-se que a construção do Parque da Cidade foi uma espécie de amenização, impedindo que o prolongamento inutilizasse toda aquela área de dunas. O Parque beneficiou não só Cidade Satélite, mas também o bairro Candelária, e tornou-se um ponto em que várias pessoas realizavam caminhadas, aliando lazer à preservação.

Então hoje ela traz certo benefício e uma coisa que eu acho que tirou essa preocupação que nós tínhamos, nesse momento, foi esse Parque. Esse Parque, eu acho que ele veio, exatamente, trazer o benefício que a gente precisava para que aquela área não fosse totalmente jogada fora, jogada na mão daquelas pessoas que tem certo poder. Aquele parque pra nós foi uma bênção, preservar, cuidar realmente (...). Quando o parque abriu, o pessoal ia para lá com a maior facilidade, foi uma coisa que veio pro benefício mesmo tanto para aqui, quanto para Candelária, não só pela caminhada, mas pelo todo, parece que foi uma coisa que caiu do céu. (CARDOSO, 2009).



Existia, ainda, a AMERCOSUL (Associação do Movimento de Entidades Representativas das Comunidades da Zona Sul), que teve papel crucial; juntamente com o CONCITEL (Conselho Comunitário da Primeira Etapa); e com o CONACAN (Conselho Comunitário de Candelária) nos movimentos realizados para diminuir os impactos ambientais que o prolongamento da Prudente de Moraes traria ao Conjunto. Em consequência das lutas dessas associações, o traçado do prolongamento foi modificado, desviando a duna onde, hoje, se localiza o Parque da Cidade.

Foi um trabalho nosso mudar esse traçado, principalmente do CONCITEL. Na época, eu era presidente do conselho. Juntamente com o conselho de Candelária, que era o CONACAN, conseguimos impedir muita coisa. Foi criada aquela curva, para poupar a duna, porque ia cortar a duna (...) Eu fui traído na época. Deveriam cercar toda a área do entorno para não haver especulação, bem como uma série de compromissos que foram assumidos. Isso tudo está no dossiê da AMERCOSUL, que não sei se ainda existe. Era um dossiê sobre Candelária, Cidade Satélite, tinha o nome de "Prudente de Moraes via Cidade Satélite", era alguma coisa assim. (SILVA, 2009).

Os prédios que predominam cada vez mais na paisagem do Conjunto Cidade Satélite e são chamados, comumente, de "espigões" contribuem para aumentar os problemas ambientais. Essas construções são consideradas como barreiras de vento, impedindo uma maior circulação do ar, aumentando, assim, não só os problemas referentes ao aumento populacional, mas, também, a elevação da temperatura, causando uma sensação de mormaço para os habitantes das regiões circunvizinhas.

Além disso, por elevar o número de moradores do Conjunto que possuem carro, aumentam também os problemas no trânsito do Conjunto. Os "espigões" também contribuem para a poluição do lençol freático, já que não existe saneamento na comunidade.

(...) Então a gente está aqui quase que ilhados para sair, o transporte aqui está uma coisa absurda. Outra coisa aqui que a gente acha que já deveria sair e que está até em projeto é a questão do saneamento, e que nem se falou, porque o lógico seria fazer o saneamento aqui, passando para lá, antes que atingisse a questão do rio, mas aí começaram de Candelária, quer dizer, quando chegar aqui vai estar na mesma situação de Candelária, então tem essas coisas, meio assim, desconstruídas, que ao invés de contribuir terminam atrapalhando. (CARDOSO, 2009).

Há ainda o problema da apropriação indevida de áreas verdes existentes no Conjunto Cidade Satélite. Trata-se de uma questão ainda sem explicação, já que tais áreas pertenciam ao INOCOOP (Instituto de Orientação as Cooperativas Habitacionais) e, posteriormente, foram repassadas ao CONCITEL. Entretanto, os moradores não sabem informar ao certo a quem pertenciam tais áreas, destacando a falta de explicação para esse fenômeno de apropriação indevida.

Mas ninguém sabe como apareceu num toque de mágica essa questão das construções. Ainda houve movimentação dos moradores, mas não teve jeito, não teve como, houve essa venda, essa apropriação por parte do INOCOOP, que não era para existir porque não era do INOCOOP, eu não sei, mas dizem que era um parte do INOCOOP, aí a gente não entendeu nada, a princípio, a gente sabia que era do CONCITEL, aí depois disseram que era do INOCOOP, que tinha vendido e a gente não entendeu mais nada. (CARDOSO, 2009)



Apesar dessas apropriações ainda não possuírem uma explicação convincente, o que é essencial perceber são os diversos problemas ambientais que elas acarretam. O aumento das construções provoca aumento de temperatura e a destruição das áreas verdes diminui as taxas de oxigênio existentes naquela região.

A falta de saneamento também contribui para a poluição da água, sobretudo a do Rio Pitimbu, que acaba ficando muito próximo das construções e recebendo os dejetos de várias fossas de casas e outras construções do Conjunto. Deve-se destacar certa falta de atuação, na maior parte da população, que permanece alheia, passiva, frente a esses problemas, sem coragem para lutar em prol da melhoria das condições ambientais da comunidade.

Assim, percebe-se que a maioria da população toca no assunto questão ambiental em suas entrevistas, seja de forma direta, discorrendo sobre algum movimento em prol da

O aumento das construções provoca aumento de temperatura e a destruição das áreas verdes diminui as taxas de oxigênio existentes naquela região.



questão ou, de modo indireto, falando sobre terrenos invadidos, sujeiras em áreas verdes, bem como outros problemas.

O Conjunto, desde sua fundação, sofreu inúmeras mudanças. Tratava-se de uma região de dunas, que possuía grandes áreas verdes. Com a construção do Conjunto, a vegetação de fato foi afetada, mas havia, segundo o próprio Plano Diretor de 1974 vigente até 1984, a determinação de preservação de áreas verdes. Com o passar do tempo, essas áreas passaram a ser invadidas, transformaram-se em pontos de lixo e a arborização do Conjunto foi, em grande medida, iniciativa dos próprios moradores, sobretudo, a construção do Horto Parque das Serras, que foi fundamental para esse processo de arborização.

Ao passar dos anos, com movimentos socioambientais de prevenção e de remediação, o Conjunto viveu momentos de oscilação referentes a essas questões. Infelizmente, algumas vezes os interesses econômicos foram além da preocupação com a qualidade de vida dos moradores. Mas, felizmente, também existiram cidadãos destemidos que deram o pontapé inicial para a preservação do meio. Dessa maneira, faz-se necessário compreender como a paisagem do Conjunto Cidade Satélite foi sendo modificada, tanto pelo aumento gradativo de população do Conjunto, falta de consciência dos moradores, construções irregulares, falta de saneamento básico, apropriação indevida de áreas tidas como de preservação, bem como pelo descaso de autoridades, que não fiscalizaram nem puniram as irregularidades que atingiram e atingem essa áreas de preservação ambiental.

Ponto positivo visto por alguns habitantes da área, foi a criação do Parque Natural Municipal Dom Nivaldo Monte, considerado uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, criada pelo Decreto Municipal N. 8.078/06, localizado na Zona de Proteção Ambiental 01, utilizado apenas para o uso indireto dos seus recursos naturais.

Estudar o Conjunto Cidade Satélite é perceber um Conjunto com muitas questões a serem trabalhadas e a questão ambiental é uma dessas. O rio Pitimbu, as diversas dunas e áreas

verdes que ainda existem no Conjunto devem receber uma atenção especial, para que os problemas não se agravem. Muitos moradores continuam passivos frente às questões ambientais, apenas relatam o problema, mas nada fazem para saná-lo. Entretanto, foi a inquietação de muitos moradores que gerou movimentos como pró-Pitimbu, a construção do Horto Florestal Parque das Serras, o desvio do traçado do prolongamento da Prudente de Moraes, bem como outros movimentos e atitudes que contribuiram para amenizar degradações às áreas verdes existentes no Conjunto Cidade Satélite.







Serras, pássaros, rios e árvores: Cidade Satélite em etapas

Thaiany Soares

“Serras, pássaros, rios e árvores: Cidade Satélite em etapas”

Cidade Satélite possuiu um contexto especial como projeto de “conjunto modelo do país”, pois havia a preocupação com o planejamento, ou seja, a construção por etapas, e com o meio ambiente, verificado pela escolha dos nomes das ruas. É um conjunto habitacional considerado de classe média média e média baixa e com uma estrutura urbana estável.

Articuladas em forma de “U”, o que facilitaria o acesso dos moradores e a circulação de coleta de lixo, as ruas do conjunto precisavam ser nomeadas. De um conjunto tão peculiar, era de se esperar logradouros com nomes bem característicos.

Uma rua é um espaço público no qual o direito de ir e vir é realizado de maneira plena. Na realidade, mais do que isso, uma rua num conjunto habitacional como Cidade Satélite, onde muitas vezes o costume das pessoas colocarem suas cadeiras na calçada e conversarem formando uma espécie de rede de socialização, nas quais os laços de vizinhança e amizades são fortalecidos, é uma maneira de ter algo em comum, o viver em comunidade.

Ao manter o hábito de conversar na rua, mais precisamente, nas portas de suas casas e trocar favores, praticando assim, velhos costumes esquecidos no âmbito urbano moderno, as pessoas afirmam, pelas entrevistas realizadas, que se informam de tudo o que acontece na vizinhança, trocam receitas, observam o brincar de seus filhos e todos os movimentos suspeitos que poderiam acontecer.

Apresentada como a mãe do conjunto por ter tido a idéia do projeto e recebido as críticas sobre a extensão, Rosário Porpino, superintendente do já extinto INOCOOP, concedeu entrevista ao informativo que circulava na comunidade, o Consenso, em Outubro de 1997, sobre os 15 anos da comunidade. Nessa oportunidade, discorreu sobre a escolha dos nomes das ruas, explicitando que foi algo único, já que procurou contribuir para que as crianças enriquecessem seus conhecimentos por meio do nome das ruas de sua própria comunidade.

Por meio de pesquisas em enciclopédias e livros de Geografia, e ainda, numa viagem feita à Amazônia, Rosário conta que observou nomes de rios, pássaros, serras e árvores, típicas do Brasil, com poucas exceções (Perdizes, ave de origem européia). Como o conjunto estava subdividido em três etapas, faltava agora criar uma forma de distribuir os nomes pelo conjunto.

A primeira etapa, a maior de todas, com 1666 casas ganhou ruas com nomes de serras e pássaros; a segunda etapa, com 724 residências, nomes de rios; e a terceira, com 1155 casas, nomes de árvores. As duas avenidas que fixam os limites do conjunto, as “Caiapós” e “Xavantes” são nomes de aldeias indígenas.



Uma rua é um espaço público no qual os direitos de ir e vir são realizados de maneira plena.



As duas avenidas que fixam os limites do conjunto, as “Caiapós” e “Xavantes” são nomes de aldeias indígenas.

Perpendiculares às avenidas limítrofes de Cidade Satélite estão situadas as “Pintassilgos” e “Algaroba” que demarcam a divisa entre a primeira e as segunda e terceira etapas.

Em coluna que durou apenas três edições no jornal comunitário “Consenso”, Josiel Alencar, estudante de Geografia da UFRN, explica o significado de alguns nomes das ruas do conjunto. Ele ressalta que a escolha dos nomes foi feita de forma aleatória pela idealizadora do projeto quando da construção do conjunto, o que caracteriza uma contradição, já que anteriormente fora citado no próprio jornal o fato de Rosário ter pensando e pesquisado os nomes.

Cidade Satélite

Etapa II

Avenida dos Xavantes

Rua Rio Tamanduatej

Rua Serra dos Carajás

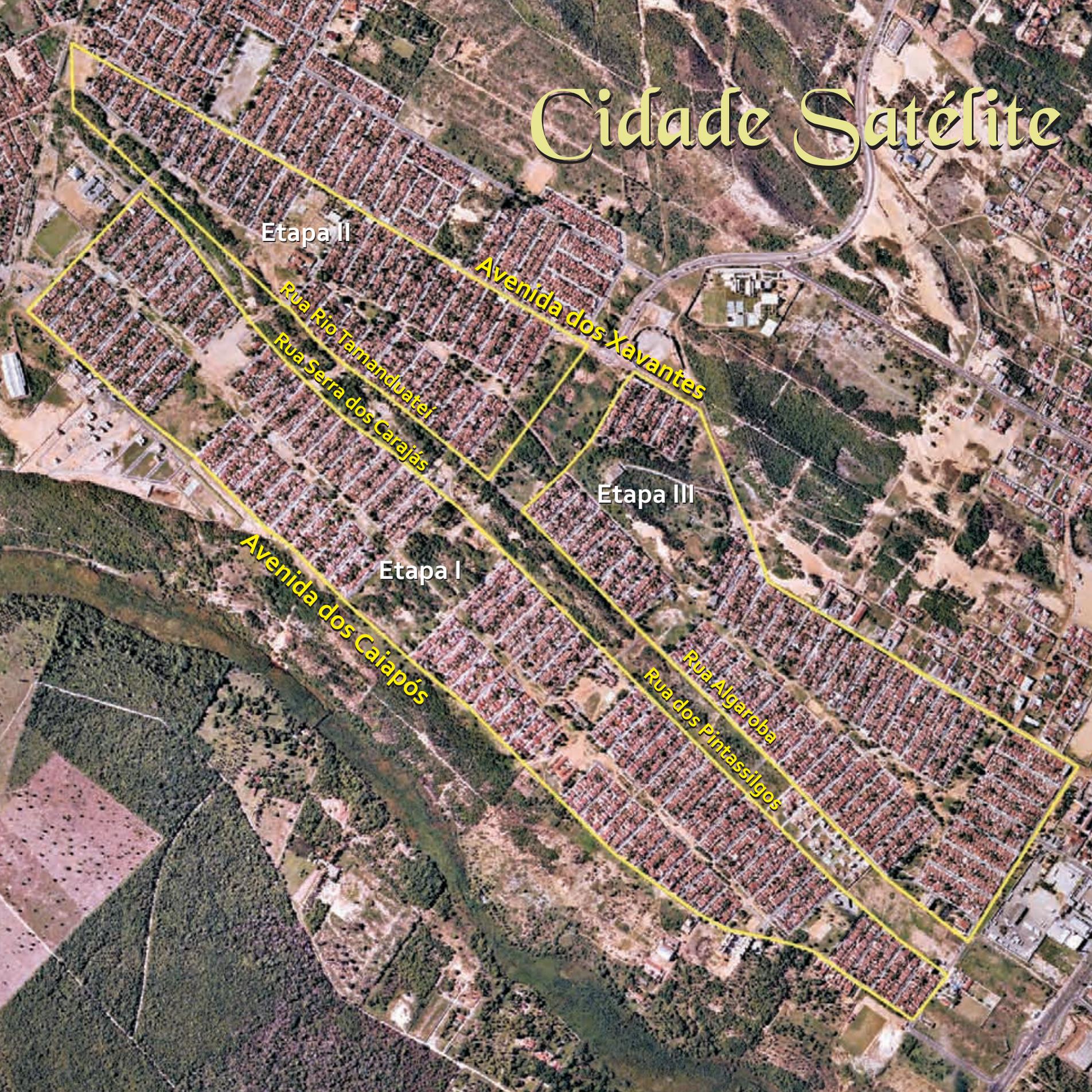
Etapa III

Etapa I

Avenida dos Caiapós

Rua Algaroba

Rua dos Pintassilgos



Alguns dos significados expressos no jornal encontram-se explicados abaixo:



Rua Serra Acaraí - Etapa I:

Elevação situada ao norte do Estado do Pará, na fronteira com a Guiana, com cerca de 800 metros de altitude. É aí onde o rio Trombetas tem sua nascente.



Rua Rio Gramamé - Etapa II:

Rio Situado ao sul do Estado da Paraíba, com cerca de 45 km de extensão. É um rio de planície, sendo afluente da bacia do Rio Paraíba, pela margem direita.



Rua Oiti - Etapa III:

Árvore da família das crisobalanáceas – *Licania tomentosa* -, frequente no nordeste. É ornamental, de porte médio, flores pequenas, amarelo-claro, usado na arborização de ruas. O fruto é uma drupa alaranjada comestível. Suas sementes são oleaginosas. Fornece madeira própria para a construção naval, dormentes e obras expostas à umidade. O mesmo que Oiticica-da-praia e Oiticeiro.



Rua dos Perdizes - Etapa I:

Ave galiforme da família dos fasonídeos (*Perdiz* spp), castanho de cauda curta, que habita em bandos nos campos e terras da Europa, sendo muito apreciada como caça e como carne. No Brasil, existe a família dos Tinamídeos (*Rhynchottus rufescens* e subespécies), exceto na Amazônia.



Rua Rio Tamanduateí - Etapa II:

Rio do Estado de São Paulo, afluente do Tietê (margem esquerda). Sobe a Zona Norte da Cidade de São Paulo e recebe águas da ribeira Anhangabaú.



Rua Algaroba - Etapa III:

Árvore da família das leguminosas (*Prosopis juliflora*), originária do Peru. Planta arbórea que pode atingir até 18 metros de altura. Caule tortuoso, carnoso, de espinhos oxilares, solitários ou germinosos, raramente inerte. Folhas compostas biporosas, de inserção alterna. Influorescência em espigos ocilares, cilíndricas. Flores pequenas, amarelo-pardas. Fruto lomento drupáceo. É árvore de sombra com excelente madeira para marcenaria.



Rua Serra dos Carajás - Etapa I:

Elevação do Estado do Pará, integrante do divisor de águas dos rios Xingu e Tocantins. É considerada uma província mineral, devido à sua quantidade de recursos minerais. Com 525 mil km², contém as maiores jazidas de ferro e a maior mina de ouro do Brasil.



Rua Rio Paranapanema - Etapa II:

Dos estados de São Paulo e Paraná. Possui 877 km de extensão, nasce na serra Paranapiacaba (SP) e deságua no Rio Paraná (margem esquerda), formando limite entre os dois estados. Em seu curso, encontram-se as usinas hidrelétricas de Xavantes, Jurimirim, Nogueira Garcez e Paranapanema.





A favela Cidade do Sol

Luanda Jucyelle de Oliveira
Josemi Medeiros da Cunha

“A favela Cidade do Sol”

A Favela Cidade do Sol surgiu no ano de 1991, no bairro do Pitimbu, em uma das principais entradas do Município de Natal, na Rua Loureiro, entre a BR-101 e a Rua Oiti, ao lado do muro da empresa de transportes coletivos Cidade do Sol (atual Reunidas), da qual originou-se o nome da favela.

Segundo relatos, a favela teve início com a construção de apenas cinco barracos, sendo seus moradores provenientes de outras cidades do interior e de outros estados, que vieram para Natal em busca de melhorias nas condições de vida, fugindo da falta de emprego, da fome ou da seca. Alguns eram da própria capital, que moravam de aluguel e passaram a não ter condições financeiras para tal.

Um cadastramento feito pela Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social – SEMTAS, no ano de 1994, revelou que no local residiam 44 famílias, que habitavam em um número limitado de barracos. No período, todas as moradias eram feitas de material não durável como palha, tábuas, papelão ou de taipa; a energia elétrica e a água eram obtidas de forma clandestina. Os barracos não possuíam banheiro, sendo esses improvisados. Além disso, a falta de higiene dos barracos deixava as pessoas expostas a problemas de saúde, sendo esses a maior dificuldade apontada pelos moradores, no período. Constatou-se, ainda, que a maior parte das pessoas que lá viviam encontrava-se desempregadas, sendo biscates, ou doações, os meios mais comuns utilizados para garantir a sobrevivência. Quando necessitavam de assistência médica, alguns moradores procuravam o posto de saúde do bairro Pitimbu, existente nas proximidades.

Em um segundo cadastramento, realizado em 1996, pela mesma Secretaria, constatou-se que das famílias registradas em 1994, apenas 11

“...a favela teve início com a construção de apenas cinco barracos, sendo seus moradores provenientes de outras cidades do interior e de outros estados...”





permaneciam no local e que outras haviam ocupado as moradias totalizando 56 barracos, estando oito desocupados. A favela possuía apenas uma via de acesso, que surgiu a partir da maneira pela qual os barracos iam sendo assentados no lote, sendo por isto estreita e irregular. Nela, o esgoto corria a céu aberto e a sujeira e a poluição eram facilmente percebidas. Nesse período, existiam duas casas de alvenaria, que revelavam o caráter não temporário da favela. Os problemas de higiene, fornecimento de água e energia e o elevado número de pessoas por barraco permaneciam. Quanto ao nível de escolaridade dos moradores, constatou-se que 87% do total, com idade acima de cinco anos, eram analfabetos; 8,4%, alfabetizados; 3,8% possuíam primeiro grau incompleto e apenas um morador (0,8%) possuía o segundo grau completo. A subnutrição foi constatada como elevada, sendo identificada em cerca de 72% das crianças.

“A favela possuía apenas uma via de acesso, que surgiu a partir da maneira pela qual os barracos iam sendo assentados no lote, sendo por isto estreita e irregular.”



A remoção da favela Cidade do Sol foi realizada por um programa em parceria entre Governo Estadual, a Prefeitura e a Caixa Econômica Federal. A justificativa dada pelos técnicos responsáveis pela remoção para o tipo de intervenção aplicada foi a forma precária da ocupação. Outros pontos relevantes para justificar a intervenção aplicada foram: a pressão dos moradores do conjunto Cidade Satélite; o fato de a favela estar localizada em uma das

entradas da Cidade e do principal acesso ao Aeroporto Internacional Augusto Severo; o Estatuto das Cidade já estava em vigor na época da remoção e, ainda a ausência de uma organização política entre os moradores da favela ou de uma entidade representativa, dificultando qualquer tipo de negociação ou resistência por parte da comunidade.

A remoção, propriamente dita, ocorreu em apenas um dia, após inúmeras promessas não cumpridas, surpreendendo os moradores. Um dia antes da remoção, foi realizado um cadastramento pela SEMTAS, no qual os barracos receberam uma numeração a ser respeitada para a distribuição das famílias em suas novas residências. No dia 07 de setembro de 2001, de acordo com o depoimento dos moradores, “logo cedo”, caminhões e veículos tipo kombi estacionaram na favela para realizar a mudança. Os moradores foram, então, transferidos de uma favela com uma localização bem servida de transporte público, serviços urbanos e locais de trabalho para um conjunto habitacional localizado na periferia, na época, isolado, distante cerca de 9 km da antiga localização e com poucos serviços em suas proximidades.

Para a remoção da favela, foi construído o Conjunto Habitacional Bela Vista, no bairro Planalto, composto por 188 unidades habitacionais, que também foram utilizadas para a remoção de moradores de outras localidades como Monte Belo, Lagoa do Preá e Parque dos Coqueiros. Além disso, algumas casas foram invadidas por pessoas do bairro Guarapes. O projeto do Conjunto foi elaborado por estudantes do CEFET (atual IFRN) e do Curso de Engenharia Civil da UFRN, por meio de vínculos com o CREA-RN. O projeto previa, ainda, áreas destinadas à construção de creche, escola e posto de saúde.

As 65 famílias removidas, ao chegarem ao novo conjunto, receberam as chaves da nova moradia com recibo, já com o nome dos novos proprietários, endereço e o número da casa e receberiam a posse definitiva do imóvel somente após cinco anos de permanência no mesmo. Essa atitude, contudo, não foi suficiente para garantir que as famílias não abandonassem suas casas. Percorrido três anos da remoção, apenas 34% dos moradores da Favela Cidade do Sol continuavam no local.

Quando os moradores chegaram ao conjunto, ainda, não haviam sido instalados os sistemas de água nem energia. Naquele momento, os próprios moradores providenciaram essas ligações, mais uma vez, de forma clandestina. Em alguns meses, os órgãos responsáveis

“Para a remoção da favela foi construído o Conjunto Habitacional Bela Vista, no bairro Planalto.”





regularizaram os fornecimentos e, atualmente, os moradores pagam pela obtenção desses serviços. As vias do conjunto não estavam pavimentadas e possuíam cerca de 7 metros de largura. As casas foram entregues sem reboco e sem cercas ou muros que delimitassem os lotes. Cada habitação era composta pelos seguintes cômodos: varanda, sala, cozinha, banheiro e um dormitório, somando uma área de cerca de 30 m², com piso em cimento queimado e esquadrias em madeira.

Dentre as repercussões econômicas, sociais, culturais, políticas e físicas, constatou-se que um dos fatores mais negativos da nova moradia foi a localização em uma periferia distante, que ao invés de melhorar a situação das famílias, atendendo suas necessidades, acabou marginalizando essas pessoas, não mais por morarem em favelas, mas por serem “excluídas geograficamente”. Essa localização dificultou o acesso aos serviços urbanos, já citados, uma vez que inseridos no bairro Pitimbu tinham acesso a esses serviços da mesma forma que a classe média ali residente. Aspectos físicos, como a melhoria física na habitação e no saneamento, foram os únicos apontados pelos moradores como benefícios trazidos pela remoção. Contudo, a grande evasão de famílias do conjunto, aponta que nem essas melhorias, nem a medida de “convencimento” adotada pelo governo, compensaram as desvantagens geradas pela remoção.

Após a retirada das famílias da favela, um trator demoliu os barracos que ali ficaram, para evitar que fossem ocupados por novos moradores ou mesmo para evitar o retorno de algumas famílias retiradas. O terreno onde estava assentada a favela ficou totalmente desocupado, dando lugar a rua anteriormente existente, que dá acesso à BR-101. Atualmente, ainda sem pavimentação, encontra-se boa parte coberta com vegetação e em condições para tráfego de veículos.





A fotografia como fonte histórica: O caso Cidade Satélite

Luciano Fábio Dantas Capistrano

“A fotografia como fonte histórica: O caso Cidade Satélite”

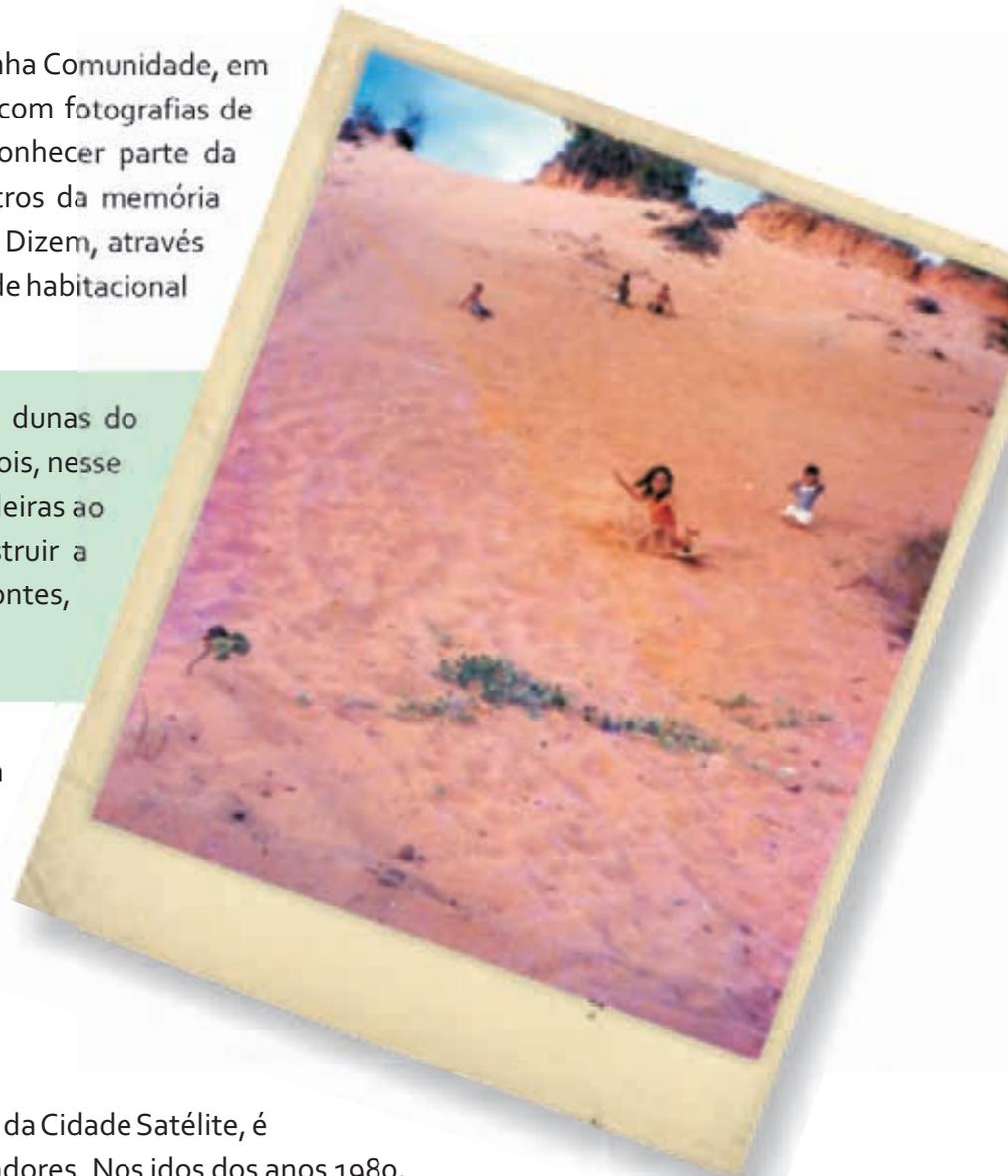
Ao nos referirmos à história urbana, é necessário perceber o caráter visual da cidade. O espaço da urbe é fundamentalmente visual. Como nos ensina a historiadora Brescianni (2003), as cidades são antes de tudo uma experiência visual. Neste sentido, a imagem surge como importante instrumento para entender as transformações ocorridas na paisagem natural e cultural.

Na execução das etapas do Projeto Memória Minha Comunidade, em Cidade Satélite, alguns entrevistados cederam álbuns com fotografias de cenas familiares. Estas imagens nos possibilitaram conhecer parte da história desta comunidade. Fotos, antes apenas registros da memória particular, nesta pesquisa adquiriram outro significado. Dizem, através do olhar do pesquisador, muito da ocupação desta unidade habitacional fundada em 1982.

Momentos de lazer, as crianças brincando nas dunas do Conjunto Cidade Satélite, em uma época de inocência, pois, nesse período a violência urbana ainda não impedia as brincadeiras ao ar livre, longe dos video-games ou da Internet. Construir a história de uma comunidade é vasculhar, entre outras fontes, os empoeirados álbuns e descobrir o fazer comunitário.

O conjunto Cidade Satélite foi projetado com a idéia de ser um grande condomínio. O traçado das ruas demonstra a intenção do projeto original, formado em três etapas, cortadas por artérias principais, possibilitando ao morador, ao sair de sua rua, encontrar as avenidas sem ter que atravessar outros logradouros. Uma trajetória de quase 30 anos, repleta de acontecimentos.

Fato relevante, quando nos reportamos à história da Cidade Satélite, é a sensação de medo vivida por parte dos primeiros moradores. Nos idos dos anos 1980, dizia-se que lá era o “fim do mundo”. Muitos foram os registros encontrados nos jornais da





época referentes ao abandono das casas. Outro fato marcante da trajetória da comunidade foi a instalação e a retirada da favela Cidade do Sol, ocorrida na década de 1990. As fotos destas situações, vivenciadas pelos comunitários, são registros visuais que falam e constroem a história de seus habitantes.

Desse modo, verificamos a importância da fotografia como fonte histórica, pois:



Ela está na mídia impressa de notícias, no circuito turístico, nas publicações escolares, faz parte da esfera privada, com sua presença nos álbuns que narram a trajetória familiar e cumpre sua vocação documental em inúmeras áreas tecnológicas e das ciências exatas e biológicas [...]. Essa conjuntura apresenta vantagens ao historiador no que se diz respeito à disponibilidade de fontes para o século XX. (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 65)

A imagem sempre esteve presente como fonte importante para entender o passado.

A imagem sempre esteve presente como fonte importante para entender o passado. Ao longo dos séculos XIX e XX, a fotografia se consolidou como invento essencial no registro de paisagens naturais e culturais. O documento histórico não é mais restrito a documentos escritos. Cada vez mais, a imagem ganha campo entre historiadores. A utilização desta nova fonte de pesquisa histórica faz parte da nova historiografia.

É verdade que este processo não ocorre de forma tranquila. A fotografia foi, durante o século XX e até hoje, vista por muitos pesquisadores como uma fonte a ser fundamentada por fontes textuais. Como nos lembram as historiadoras Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho:

No campo da historiografia sabemos que os documentos textuais eram as fontes privilegiadas, senão exclusivas da disciplina. A imagem, mesmo a fotografia, mantinha-se em segundo plano e, em alguns nichos do ofício historiográfico, como veremos, havia espaço para uma mistura de realidade e ficção. O valor de prova ou testemunho da fotografia, quando lastreada pelas fontes textuais, servia como documento complementar para a construção de narrativas de cunho positivista, baseada no encadeamento factual e biográfico. (LIMA; CARVALHO, 2009, p.35)

Ao olhar um álbum de fotografia familiar, por exemplo, podemos utilizá-lo como fonte histórica para construir saberes sobre determinada época. Assim, muito dos registros familiares, batizados, aniversários, enfim, as diversas confraternizações ou momentos de lazer, podem, com o passar do tempo, adquirir nova função. Um clique de uma inocente cena de brincadeira de crianças guarda a memória de uma comunidade.

Louis Jacques Mandé Daguerre, em Paris de meados do século XIX, não imaginava a evolução que sua máquina, o daguerreótipo, sofreria ao longo do tempo. Hoje, é impossível não ter um fato importante, como o atentado às “Torres Gêmeas”, ou um fato do cotidiano familiar, que não seja registrado por uma moderna máquina fotográfica ou, até mesmo, um telefone celular.

A antiga chapa metálica, utilizada nos antigos processos fotográficos, foi substituída pela evolução digital. Vivemos a era da imagem. Com as máquinas digitais, os velhos álbuns saíram de cena. O meio digital passou a ser o guardião dos momentos felizes e tristes do tempo presente. O fato é que:

as imagens não correm o mínimo risco de perder seu posto soberano em nossa civilização. Ao que parece, o trabalho das novas gerações é aprender a selecioná-las, utilizá-las e descartá-las, no meio do oceano que se produz. Dá pra imaginar um mundo sem imagem? Até na etimologia essas palavras são indissociáveis. (ALDÉ, 2010, p.29)



Concluimos, então, que, através dos cliques executados nas três décadas de existência do conjunto Cidade Satélite, surge uma comunidade construída, por homens e mulheres, formadores da atual Cidade Satélite.











Vozes da Comunidade

"O desenvolvimento sempre é bom, mas também tem o seu lado negativo. Nós tínhamos aqui um ar muito puro, logo no início o bairro era cercado por matas; realmente era outra realidade, não existia essa poluição que existe hoje. Mas o desenvolvimento sempre é bom."

Walquer Costa Araujo

"Fundamental para o desenvolvimento da comunidade. Imaginemos nós se a gente não tivesse hoje o prolongamento da Prudente de Moraes, a Comunidade do Pitimbu, a Cidade Nova, aonde é que a gente iria estar? Questão primordial para o desenvolvimento da cidade e para o desenvolvimento do bairro Pitimbu como um todo."

Francisco Sales de Aquino Neto

"Rapaz, eu não pretendo sair daqui não, viu? Eu gosto daqui! Apesar dos pesares, daqui eu gosto! (...) Antigamente, você subia num morro desse e não via uma casa! Hoje em dia, você sobe e só vê casa! Do lado de lá, construções, na beira do rio, praticamente cheio de condomínios fechados."

Breno Barreto Maciel

"No traçado do projeto, aquela duna, onde hoje se localiza o Parque da Cidade, iria ser cortada pelo prolongamento. Foi um trabalho nosso mudar esse traçado, principalmente do CONCITEL, na época eu era presidente do conselho. Juntamente com o conselho de Candelária, que era o CONACAN, conseguimos impedir muita coisa. Foi criada aquela curva para poupar a duna porque ia cortar a duna"

Kalazans Louzá Bezerra da Silva

"Eu não conheço bem o início do Conjunto, mas pelo que se sabe não existia comércio aqui no Satélite, as pessoas dependiam do comércio que existia fora. Não tinha nada aqui, era uma grande dificuldade. Dizem que quando começou o Conjunto, demoraram-se anos para habitar porque o povo achava caro as casas. Muita gente não pegava casa, outros não queriam morar porque achavam longe. Então só veio deslanchar após o segundo ano. Por incrível que pareça, 90% dos moradores são fundadores do bairro."

Joaquim Mesquita

"Lazer mesmo no Conjunto não tinha nenhum. O que tinha era uns terrenos descampados nos quais as pessoas jogavam futebol. Tinha uns terrenos baldios ali na frente da casa que eu morava, na Rua da Jurema, que é a última rua. Lá tinha um descampado em que as pessoas jogavam futebol. Essa era a única forma de lazer. Outra forma de lazer, que uma ou outra pessoa fazia, era caminhar pelas dunas."

José Ramos Coelho

"Porque foi designação do senhor arcebispo na época, Dom Nivaldo Monte. Aqui era um conjunto que estava construído e não tinha um padre residindo. Então, eu fui o primeiro residindo aqui e trabalhando."

Padre José Zilmar de Andrade

"Na rua, a festa mais popular era o São João. Outra prática que eu não vejo mais. Lembro que, quando eu era criança, as ruas organizavam quadrilhas no São João. Era interessante! Essa festa era mais interessante pra mim, particularmente, do que o Arraiá do Aquino, porque tinha esse caráter regional mesmo, um forró bem interessante."

Renan Ramalho

"Engraçado porque aqui a gente chamava de "Cidade Dormitório", um bairro que era tipo dormitório porque tinha muito funcionário público, militar tinha demais. Porque como era distante e não tinha tantas condições das pessoas se deslocarem, então as pessoas vinham só dormir como se diz, voltavam pro trabalho, passavam o dia todo no trabalho."

Fátima Soares Cardoso

"Nesse período havia muitas casas fechadas, porque as pessoas recebiam as casas, como eu falei, a maioria era oriunda do interior. Às vezes, vinham visitar, de mês em mês, de três em três meses, e as casas ficavam fechadas como se estivessem abandonadas. Mas, aos poucos, as pessoas foram alugando essas casas ou vieram alugar e começou também aquela questão da comercialização, foi valorizando o conjunto, depois dele já estar todo habitado as pessoas que não queriam morar passavam [depoente gesticula batendo na mesa] adiante para outras pessoas vendendo essas casas."

José Pires dos Santos

"Hoje Cidade Satélite é um bairro abençoado por Deus, onde não tem só Assembléia de Deus, mas inúmeras denominações, inclusive igrejas não evangélicas são minoria. Mas hoje Satélite é um bairro evangelizado."

Josadac Bernadino de Oliveira

"Engoliu... O bairro todo foi engolido. Cidade Satélite cresceu, virou assim... É tanto que as pessoas falam: "Cê mora onde?" "Eu moro no Satélite." Não, você mora no Conjunto Cidade Satélite, se você não morar no Conjunto Cidade Satélite deve dizer que mora no bairro Pitimbu, porque esse é o nome do bairro. Não é Cidade Satélite, Cidade Satélite é o conjunto. "

Epitácio Maciel Neto



REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2 ed.rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALDÉ, Lorenzo. Da prata ao pixel. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 5, nº 52, p. 29, jan. 2010.

ANDRADE, José Zilmar de. **José Zilmar de Andrade**: depoimento [agosto, 2009]. Entrevistadores: Gabriela F. de Siqueira e Thiago G. dos Santos. Natal: SEMURB, 2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

AQUINO NETO, Francisco Sales de. **Francisco Sales de Aquino Neto**: depoimento [setembro, 2009]. Gabriela F. de Siqueira e Thiago G. dos Santos. Natal: SEMURB, 2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

ARAÚJO, Ângela Maria Oliveira de. **O processo de ocupação do Conjunto Residencial Cidade Satélite**. Natal, 1989. 41f. Assunto: prolongamento da Av. Prudente de Moraes.

ARAUJO, Walker Costa. **Walker Costa Araujo**: depoimento [novembro, 2009]. Entrevistadores: Gabriela F. de Siqueira e Thiago G. dos Santos. Natal: SEMURB, 2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

BANDEIRA, Fabiano et al. **Estudo do impacto do prolongamento da Av. Prudente de Moraes sobre os conjuntos Cidade Satélite e dos Bancários, com propostas de intervenção objetivando a minimização do mesmo**. Trabalho curricular do 8º período apresentado nas disciplinas: Paisagismo III, ESURV, Projeto de Arquitetura VIII, Departamento de Arquitetura, Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1994.

BÔNUS nem sempre é a solução (capa)/ Cidade Satélite: bônus não evita o caos. **Diário de Natal**. Natal, 06, nov. 1984. capa, p.5.

BURACOS: Satélite, um conjunto abandonado. **Diário de Natal**, Natal, 8, maio 1996. Caderno Diário das Cidades, p.9.

CARDOSO, Maria de Fátima Soares. **Maria de Fátima Soares Cardoso**: depoimento [outubro, 2009]. Entrevistadores: Márcia Gabrielle Lima de Sena e Thaiany Soares Silva. Natal: SEMURB,

2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

CIDADE Satélite e Pitimbu sofrem com o abandono. **Tribuna do Norte**. Natal, 09, dez. 1997, Caderno Comunidades, p. 9.

CLAVAL, P. Geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 59 – 97.

COELHO, José Ramos. **José Ramos Coelho**: depoimento [setembro, 2009]. Entrevistadores: Gabriela F. de Siqueira e Thiago G. dos Santos. Natal: SEMURB, 2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

Coleção **Consenso Comunitário**. Natal, n. 1-17, 1993-1997. Ano I-IV.

Coleção **JUC'S – Juventude Unida e Consciente de Cidade Satélite**. Natal, n. 1-19, 1989 – 1992. Ano I – II.

CONSELHO do "Cidade Satélite" reúne-se 5ª. **A República**. Natal, 12, out. 1982.

CONSULIN, Alexandra et al. **Cidade Satélite**: integração com Natal. Trabalho curricular do 8º período apresentado nas disciplinas: Paisagismo III, ESUR V, Projeto de Arquitetura VIII. Departamento de Arquitetura, Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1994.

ECOPLAN Ecologia e Planejamento. **Estudo de impacto ambiental (EIA) da estrada referente ao prolongamento da avenida Prudente de Moraes**, Natal, RN: [s.n] 1994.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org). **Nem anjos nem demônios**: Interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

FUJISHIMA, Yuri. **Natal**: cidade sobre dunas. Natal, 2005. Monografia (Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

GRUPO Nordeste inaugura Superbox Cidade Satélite. **O Poti**, Natal, 30, jan. 1983, p.7.

GUAIGNIER, Rosa de Lima Câmara. **Alma da rua**: um estudo sobre apropriação do espaço público urbano no conjunto Cidade Satélite. Natal, 2002. 86f.

GUEDES, Josiel de Alencar. **Estudos preliminares sobre o verde urbano em Cidade Satélite**. Natal, 1999. 47f.

KL Serviços e Engenharia S/C Ltda. **Plano Diretor de Esgotamento Sanitário de Natal - PDES**. Relatório de Estudo de Impacto Ambiental - EIA/RIMA. Natal, 2004. v.2.

LAMAS, Ana Luize et al. **A Cidade Satélite integrada a cidade de Natal**. Trabalho curricular do 8º período apresentado nas disciplinas: Paisagismo III, ESUR V, Projeto de Arquitetura VIII. Departamento de Arquitetura, Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1994.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1994.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

LIMA, Rosinaldo Vieira. **Rosinaldo Vieira Lima**: depoimento [julho, 2009]. Entrevistadores: Gabriela F. de Siqueira e Thiago G. dos Santos. Natal: SEMURB, 2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassonezi; LUCA, Tania Regina de (Org.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 29-60.

MACIEL NETO, Eptácio. **Eptácio Maciel Neto**: depoimento [set, 2009]. Entrevistadores: Gabriela F. de Siqueira e Thiago G. dos Santos. Natal: SEMURB, 2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

MACIEL, Breno Barreto. **Breno Barreto Maciel**: depoimento [agosto, 2009]. Entrevistadores: Gabriela F. de Siqueira e Thiago G. dos Santos. Natal: SEMURB, 2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1998.

MESQUITA, Joaquim. **Joaquim Mesquita**: depoimento [julho, 2009]. Entrevistadores: Gabriela F. de Siqueira e Thiago G. dos Santos. Natal: SEMURB, 2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

MOURA, Gisele. **Novas rotas**: reestruturação da malha viária de Cidade Satélite. Natal: [s.n], 2002.

NATAL. Lei nº 2.211, de 10 de julho de 1974. Aprova o Plano Diretor do Município do Natal e dá outras providências. **Plano Diretor do Município de Natal**. Natal, 1974. 33 p.

NATAL. Lei nº 3.175, de 26 de janeiro de 1984. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município do Natal e dá outras providências. **Plano Diretor de Organização Físico-Territorial do Município de Natal**. Natal, 1984. 55 p.

NATAL. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. **Dunas**: relatório e atlas do mapeamento e caracterização dos remanescentes de dunas do município de Natal/RN. Natal: SPUA, 2008.

NATAL, Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. **Natal e sua região metropolitana**. Natal: Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2004.

OLIVEIRA, Josadaque Bernadino de. **Josadaque Bernadino de Oliveira**: depoimento [setembro, 2009]. Entrevistadores: Gabriela F. de Siqueira e Thiago G. dos Santos. Natal: SEMURB, 2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

OLIVEIRA, Luanda Jucyelle Nascimento de Oliveira; MELO, Roberta Oliveira Nóbrega de. **A remoção da Favela Cidade do Sol frente às necessidades e expectativas de seus moradores**. Relatório Final (Disciplina Planejamento e Projeto Urbano e Regional 04 - Orientadora: profª. Drª. Ângela Lúcia de Araújo Ferreira) – Departamento de Arquitetura; curso de arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

PERMANECEM insolúveis os problemas da C. Satélite. **O Poti**, Natal, 20, fev. 1983, p.12.

QUEIMADAS no bairro assustam os moradores. **Tribuna do Norte**, Natal, 09, dez. 1997. Caderno Comunidades, p.9.

RAMALHO, Renan Vinícius Alves. **Renan Vinícius Alves Ramalho**: depoimento [novembro, 2009]. Entrevistadores: Gabriela F. de Siqueira e Thiago G. dos Santos. Natal: SEMURB, 2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

SÁ, Lucyana G. de; DANTAS Jr., Lúcio de M. **Intervenção paisagística**: Cidade Satélite. Natal: [s.n], 1983.

SAMUEL, Raphael. **História local e história oral**. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.9, n. 19, set. 1989/fev. 1990. p. 219-243.

SANTHIAGO, Ricardo. **Da fonte oral a história oral**: debates sobre legitimidade. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum18_dos02_santhiago.pdf> Acesso em: 20/10/2009.

SANTOS, A. P. **Ponto de vida**: Cidadania de Mulheres Faveladas. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SANTOS, Maria José Pires dos. **Maria José Pires dos Santos**: depoimento [setembro, 2009]. Entrevistadores: Márcia Gabrielle Lima de Sena e Thaiany Soares Silva. Natal: SEMURB, 2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

SATÉLITE. **A República**, Natal, 21, out. 1982.

SILVA, Kalazans Louzá Bezerra da. **Kalazans Louzá Bezerra da Silva**: depoimento [julho, 2009]. Entrevistadores: Gabriela F. de Siqueira e Thiago G. dos Santos. Natal: SEMURB, 2009. Entrevista concedida ao Projeto Memória Minha Comunidade.

SOUZA, Mariluce dos Santos. **Arborização urbana do Conjunto Cidade Satélite**. Natal: [s.n], 2004.

ANEXOS

BAIRRO PITIMBU - CIDADE SATÉLITE



Legenda

- Equipamentos Desportivos
- Praças
- Segurança Pública
- Saúde
- ZPA

Conjuntos

- Cidade Satélite I etapa
- Cidade Satélite II etapa
- Cidade Satélite III etapa

DATUM SAD-69
ZONA 25 S

1:18.476

0 162,5 325 650 975

DIGITALIZAÇÃO: DANIEL RODRIGO DE M. MAGALHÃES

Planalto

BAIRRO PITIMBU - CIDADE SATÉLITE ETAPA I

Candelária



P i t i m b u



P A R N A M I R I M

Rua das Perdizes

Legenda

-  Equipamentos desportivos
-  Praças
-  Segurança Pública
-  saúde

DATUM SAD-69
ZONA 25 S

1:10.999



DIGITALIZAÇÃO: DANIEL RODRIGO DE M. MAGALHÃES

BAIRRO PITIMBU - CIDADE SATÉLITE ETAPA II

Cidade Nova

Planalto



P i t i m b u

Legenda

-  Equipamentos desportivos
-  Praças
-  Segurança Pública
-  saúde

DATUM SAD-69
ZONA 25 S

1:6.676



DIGITALIZAÇÃO: DANIEL RODRIGO DE M. MAGALHÃES



BAIRRO PITIMBU - CIDADE SATÉLITE ETAPA III

Candelária



Legenda

-  Equipamentos desportivos
-  Praças
-  Segurança Pública
-  saúde

DATUM SAD-69
ZONA 25 S

1:7.096



DIGITALIZAÇÃO: DANIEL RODRIGO DE M. MAGALHÃES